

FUTEBOL, LINGUAGEM E MÍDIA: ENTRADA, ASCENSÃO E CONSOLIDAÇÃO
DOS NEGROS E MESTIÇOS NO FUTEBOL BRASILEIRO

por

Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Tese Apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação Física da
Universidade Gama Filho
Como Requisito Parcial à Obtenção do
Título de Doutor em Educação Física

Outubro, 2002.

FUTEBOL, LINGUAGEM E MÍDIA: ENTRADA, ASCENSÃO E CONSOLIDAÇÃO
DOS NEGROS E MESTIÇOS NO FUTEBOL BRASILEIRO

Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Apresenta a Dissertação

Banca Examinadora

Dr. Sebastião Josué Votre
Orientador

Dr. Manuel José Gomes Tubino

Dr. Roberto Ferreira dos Santos

Dr^a. Ludmila Mourão

Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

Outubro, 2002.

Dedico este trabalho
a Daniel & Pedro

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Sebastião Votre, pela extraordinária competência, ética e sensibilidade na orientação deste trabalho.

Ao professor e treinador Olímpio das Neves Leite, por seu exemplo e ensinamentos que me trouxeram ao mundo da educação física e do esporte.

Ao professor Jorge Farah, por ter-me proporcionado a primeira oportunidade no magistério.

Ao amigo Robson Caetano, pela ajuda inestimável nas entrevistas realizadas com os jornalistas da Rede Globo.

Ao professor Jorge Fabri, pelas orientações de ordem administrativa.

À Ione Paula Rocha, pela colaboração na coleta dos dados para este trabalho.

Aos companheiros, que interagiram comigo e me incentivaram na execução deste trabalho.

À Augusta de Figueiredo (em memória), por sua razão e sensibilidade.

Ao Manoel Big, grande pai e amigo.

Em memória
de Moacyr Barbosa

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da (2002). Futebol, Linguagem e Mídia: Entrada, Ascensão e Consolidação dos Negros e Mestiços no Futebol Brasileiro (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF-UGF.

Orientador: Dr. Sebastião Josué Votre

RESUMO

O objetivo deste estudo é descrever o processo de entrada, ascensão e consolidação dos negros e mestiços no futebol brasileiro, bem como analisar os mecanismos de sustentação do poder empreendidos por determinados grupos sociais. A partir da análise dos sentidos das metáforas veiculadas pela mídia, focaliza-se a construção dos significados produzidos e partilhados por ela, em relação às questões de identidade, linguagem e discriminação. O estudo prioriza as notícias veiculadas pelos jornais após as derrotas da seleção brasileira em Copas do Mundo e discute o papel da mídia na reprodução e construção do racismo no futebol brasileiro. O referencial teórico metodológico é o da etnometodologia, no que concerne à construção da realidade pelos agentes sociais. Em relação aos mecanismos de sustentação, utiliza-se a teoria das representações sociais. A unidade de análise neste trabalho é a subjetividade coletiva (universos de significados compartilhados) construída pela mídia esportiva brasileira. Foram analisadas as notícias veiculadas nas Copas do Mundo de Futebol de 1950, 1982, 1986, 1990 e 1998. Cinco jornalistas esportivos de evidência foram entrevistados: Luís Mendes, Sérgio Noronha, Tino Marcos, José Ilan, Carlos Gil e ainda o jogador Jair da Rosa Pinto, que disputou a final da Copa de 50. A conclusão é que o sentido construído socialmente para determinadas metáforas, como por exemplo – *amarelão, sem fibra, sem raça, tremedor, acovardado*, tem como foco a desclassificação do indivíduo, sobretudo, como ser humano e não apenas como atleta. Esse sentido desclassificatório dirige-se com mais ênfase a determinados grupos de jogadores, que em geral são negros ou mestiços. A hipótese sustentada é que existe no Brasil um tipo de discriminação que é reforçada através de metáforas que desclassificam o indivíduo de pele escura. Nas derrotas da seleção brasileira, verifica-se uma reatualização do ritual sacrificial de vítimas inocentes, com a sua punição; a morte simbólica. Com o objetivo de aplacar a ira da multidão enfurecida, elege-se um bode expiatório. Assim, com o sacrifício do bode expiatório restabelece-se a unidade social, pelo menos por algum tempo. Este sacrifício tem por objetivo descarregar sobre alguém as frustrações, ódios e tensões acumuladas. No futebol brasileiro busca-se sempre um responsável, um culpado que personifique a derrota; este é um processo de objetivação realizado pela comunidade. Há necessidade de concretização e personificação da derrota. Assim, atribui-se a alguém a culpa. Utilizam-se metáforas para realizar o processo de objetivação. O dado é que os jogadores de pele escura não são apenas criticados por terem apresentado um futebol de má qualidade, as críticas vão além de seus papéis como jogadores; ferem também o ser humano. Por outro lado, os jogadores brancos podem até ser criticados, mas as críticas não são desclassificadoras. O processo é mimético. Todos querem ser campeões do mundo. Mídia, governo e população se projetam nos jogadores. O mimetismo gera a insatisfação,

pois não é sempre que podemos ser campeões do mundo. À insatisfação se associa o ódio e se ameaça o equilíbrio social. O equilíbrio é restabelecido mediante o sacrifício de um inocente. Esse rito ao mesmo tempo encobre e reproduz uma violência. Os jogadores negros e mestiços, efetivamente, se consolidaram no futebol brasileiro, apesar de todas as dificuldades que lhes foram impostas. Os relatos, entretanto, evidenciam que há um imaginário negativo em relação aos negros, quando se trata da posição de goleiro e dos jogadores que atuam na defesa. Em relação aos treinadores negros, estes ainda têm dificuldade de acesso a esse mercado de trabalho, principalmente no primeiro escalão do futebol nacional.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da (2002). Soccer, Language and Media: Entrance, Ascension and Consolidation of Blacks and Mestizos in the Brazilian Soccer (Thesis of Doctorate). Rio de Janeiro: PPGEF-UGF.

Adviser: Dr. Sebastião Josué Votre

ABSTRACT

The aim of this work is to describe the process of entrance, ascension and consolidation of blacks and mestizos in the Brazilian soccer, as well as to analyze the sustaining power mechanisms undertaken by certain social groups. Starting from the analysis of the metaphors' senses transmitted by the media, the focus of this study is the construction of the meanings in relation to the identity subjects, language and discrimination. The study prioritizes the news transmitted by the newspapers after the defeats of the Brazilian team in Soccer's World Cups and the influence of the media discusses in the reproduction and construction of the racism in the Brazilian soccer. The methodological-theoretical reference is ethnomethodology, in what concerns the construction of reality for the social agents. In relation to the sustaining power mechanisms the theory of the social representations is used. The unit of analysis in this work is the collective subjectivity built by the Brazilian sporting media. Data come from the news transmitted in the Soccer's World Cups of 1950, 1982, 1986, 1990 and 1998. Five well known sporting journalists were interviewed: Luís Mendes, Sérgio Noronha, Tino Marcos, José Ilan, Carlos Gil as well as the player Jair da Rosa Pinto, who played the final game of the Cup of 50. The conclusion is that the sense built socially for the metaphors, for example – “*amarelão, sem fibra, sem raça, tremedor, acovardado*”, has as focus the individual's humiliation as human being and not just as athlete. That humiliating sense applies with more emphasis to certain groups of players, which in general are black or mestizos. The sustained hypothesis is that in Brazil, there is a kind of discrimination which is reinforced through metaphors that disqualify the individual of dark skin. In the defeats of the Brazilian team, there is a modernization of the sacrifice ritual of innocent, with its punishment; the symbolic death. With the objective of appeasing the anger of the infuriated crowd, a scapegoat is chosen. Thus, with the sacrifice of the scapegoat recovers the social unit, at least for some time. This sacrifice has for objective to discharge on somebody the frustrations accumulated. In the Brazilian soccer it is always looked for a responsible person, a culprit that personifies the defeat; this is a objectivation process accomplished by the community. There are materialization need and personification of the defeat. Thus, it is attributed to somebody the blame. Metaphors are used to accomplish the objectivation process. The data is that the players of dark skin are not just criticized for they have presented a soccer of bady quality, the critics are going besides its role as players; they also hurt the human being. On the other hand, the white players until they can be criticized, but the critics are not humiliating. The process is mimethics. Everybody wants to be champion of the world. Media, government and population are projected in the players. This generates the dissatisfaction, because it is not whenever we can be champion of the world. To the dissatisfaction

associates the hate and it is threatened the social balance. The balance is reestablished by means of the sacrifice of an innocent. That ritual at the same time hides and reproduces a violence. Indeed, black and mestizo players are consolidated in the Brazilian soccer, in spite of all the difficulties that were imposed on them. However, the reports evidence that there is negative imaginary to the blacks, especially in goalkeeper's position and players acting in the defense. In relation to black trainers, these still have difficulty accessing that labor market, mainly in the top of the national soccer.

SUMÁRIO

Capítulos

I – Introdução.....	11
O futebol como ponto de partida	
O problema	
Objetivos do estudo	
Relevância do estudo	
Hipótese	
II – Considerações teórico-metodológicas.....	40
A etnometodologia	
Representações sociais	
Representações & imaginário social	
Objetivação das metáforas	
Universos de significados compartilhados como unidade de análise	
<i>Habitus</i> e reprodução	
O representar e o fazer social	
O literal	
A metáfora	
A metonímia	
O oculto	
III – Ascensão dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro.....	70
Ancorando o puro no <i>ethos</i> amador e o impuro no profissionalismo	
A ideologia do embranquecimento no Brasil	
A influência das faculdades de medicina na representação social do negro e do mestiço	
IV – Imagens das Copas.....	104
Copa de 1950	
Copa de 1982	
Copa de 1986	
Copa de 1990	
Copa de 1998	
Treinadores e jogadores	
V – Algumas considerações finais.....	140
Referências bibliográficas	145
Bibliografia	150
Anexos.....	153
Entrevistas	
Material coletado em jornais	

INTRODUÇÃO

*“Negro embranquecido para sobreviver.
Branco enegrecido para gozação.
Negro embranquecido,
Morto, mansamente,
Pela integração”.*¹

Os estudos sobre o racismo na sociedade brasileira vêm obtendo um espaço cada vez maior na comunidade acadêmica daqui e do exterior. Embora tais estudos reflitam uma preocupação emergente, não considero a questão racial um problema novo em nosso país e que, como uma onda gigantesca, de repente, houvesse avançado sobre o calçadão das praias universitárias. É, no meu modo de ver, um fato rotineiro na vida do brasileiro. Tão rotineiro que, às vezes, poder-se-ia até duvidar de que tal problema pudesse existir, pois os indivíduos nas suas atividades e afazeres cotidianos estariam por demais preocupados com a sobrevivência e com os problemas práticos a serem resolvidos, e não perceberiam as discriminações a que são submetidos. De fato eles percebem, mas se ajustam às situações do dia-a-dia de modo a se tornarem membros dessa sociedade e assim conseguem efetuar as transformações necessárias. A ordem social é estabelecida de forma dialógica, pois os indivíduos abrem mão dos seus pontos de vista, não em busca de uma síntese, mas por força das circunstâncias, dos interesses e das relações de poder envolvidas na interação.

A integração racial brasileira parece ser um dos mitos que fundam as identificações do ser-brasileiro. O fato de termos convivido com a ideologia de uma democracia racial não significa falta de consciência em relação à discriminação contumaz disseminada em nossa sociedade. Um grande problema que se apresenta, entretanto, para o pesquisador

¹ NASCIMENTO, Milton, CASALDÁLIGA, Pedro, TIERRA, Pedro. Missa dos Quilombos (disco de vinil). Rio de Janeiro: Ariola, 201.649, 1982. 1 disco de vinil, 33 1/3 rpm, estéreo.

interessado nessa questão, é o da interpretação. Construída pelos agentes sociais e pelos pesquisadores, a interpretação é também um tema emergente nas discussões acadêmicas, mas não menos antigo que o da questão racial.

Interpretar foi o liame que me conduziu à temática desenvolvida neste trabalho. Inicialmente, senti-me inseguro e desanimado por receber críticas à interpretação que empreendia em relação às notícias veiculadas pela mídia. Meu foco é o processo de entrada, ascensão e consolidação dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro, e as estratégias de sustentação de privilégios empreendidas por determinados grupos de forma consciente ou inconsciente.² Dizendo isto, tomo como pressuposto que o racismo na sociedade brasileira é um fato concreto; vários estudos comprovam esta assertiva.³ No entanto, o processo, ou seja, ‘o como’ e não apenas ‘o que’ acontece, é o principal interesse.

O fato que tomei como ponto de partida para as minhas inferências foi a derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1998. Segundo minha interpretação, por uma necessidade de personificar o fracasso na competição, uma parcela da mídia e da população atribuiu ao jogador Ronaldo a culpa pela derrota. Como em outros episódios semelhantes, sobretudo nas derrotas de 50, 82, 86 e 90, a mídia apresentou uma série de interpretações sobre as atuações dos jogadores, da comissão técnica, dos dirigentes da CBD/CBF.⁴ No entanto, o que parece ter ficado retido no imaginário social foi a culpa atribuída aos jogadores. Em 50, o goleiro Barbosa arcou com este fado; em 82 e 86, foi a vez de Zico; em 90, de Dunga.

² Quando me refiro à sustentação, de fato, falo sobre os mecanismos de resistência que a classe dominante exerce para manter o núcleo de uma representação. Não utilizo o termo resistência pois poderia confundir o leitor, já que este termo alia-se, me geral, às classes, comunidades, entidades que estão em desvantagem ou sendo oprimidas.

³ Ver, principalmente, SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil. São Paulo: Publifolha, 2001.

⁴ Confederação Brasileira de Desportos/Confederação Brasileira de Futebol.

As minhas primeiras idéias sobre este tema foram apresentadas no VI Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte & Lazer realizado em 1998.⁵ Apesar de receber apoio de alguns dos colegas presentes à exposição, críticas pesadas desconstruíram, em grande parte, os argumentos e a maneira como os utilizei para sustentar minha hipótese. A crítica mais contundente era a de que eu não possuía dados empíricos que ratificassem as interpretações.

Seria muita pretensão realizar uma interpretação extrema sem evidências concretas e ficar impune. Vi-me, então, pressionado irreversivelmente pelo empirismo lógico, pela preocupação com métodos ‘científicos’, pela verificabilidade de conceitos e pela priorização das teorias construídas sob o método hipotético-dedutivo.

Esta obsessão diminuiu um pouco com as leituras que fiz de Richard Rorty,⁶ Gilbert Durand,⁷ Gaston Bachelard,⁸ Edgar Morin,⁹ Nilda Teves¹⁰ e Sebastião Josué Votré,¹¹ entre outros. O cerne deste trabalho não está na procura das coisas como elas realmente são ou foram, mas investigar como argumentações contínuas criam o novo, em que diversos vocabulários se mostram e se constroem. Os conceitos serão mais ferramentas do que

⁵ DaSILVA, Carlos Alberto Figueiredo. A linguagem racista no futebol brasileiro. In: Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. 6., 1998. Rio de Janeiro. Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, IHGB, INDESP, 1998. p. 394-406.

⁶ RORTY, Richard. Contingência, ironia e solidariedade. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

⁷ DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

⁸ BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 1ª e.d., São Paulo: Martins Fontes, 1988.

⁹ MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3ª e.d., São Paulo: Cortez, 2001.

¹⁰ TEVES, Nilda. O imaginário social e educação. Rio de Janeiro: Griphos, 1992.

¹¹ VOTRE, Sebastião Josué. O corpo na mente - A base corporal do discurso da educação física. In: RESENDE, H. G. & VOTRE, S. J. (Orgs.). Ensaio em educação física, esporte e lazer: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro, SBDEF, UGF, 1994.

VOTRE, Sebastião Josué. Homogeneidade e heterogeneidade no discurso da educação física, do esporte e do lazer. In: VOTRE, S. J. & COSTA, V. L. M. (Orgs.). Cultura, atividade corporal e esporte. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1995.

peças de um quebra-cabeças ou enigmas que, ao serem desvendados, nos mostrariam como o mundo realmente é.

Teves e Votre, vão valorizar o imaginário na construção das representações sociais, com foco na linguagem (verbal ou não) tendo em vista ser esta um dos veículos mais significativos para construir e interpretar o imaginário social.

Assim, estabeleci um exercício de análise contínuo no sentido de compreender que as notícias veiculadas pela mídia não possuíam em si mesmas uma verdade. Igualmente, não procurei descobrir a intenção do autor ao escrever tais críticas. Não haveria, por conseguinte, a boa interpretação. A interpretação que eu empreendia seria uma das possíveis e não a possível, ela se sustentaria nas evidências oferecidas. Admiti que a interpretação não poderia nunca acabar, pois não existiria nada **primário** a interpretar, pois tudo já é interpretação; que o intérprete é sujeito e também objeto de sua interpretação; que a interpretação é perversa/malévola, interesseira, conjuntural. Assim, representa uma ruptura, uma invenção contra o estabelecido. Desta forma, poderia utilizar as técnicas de interpretação que mais se adequassem aos objetivos propostos neste trabalho.

Para Jonathan Culler, *“a interpretação só é interessante quando é extrema. A interpretação moderada, que articula um consenso, embora possa ter valor em certas circunstâncias, é de pouco interesse”*.¹² Neste estudo, procuro fazer perguntas que normalmente não seriam feitas. Não me preocupo com o que determinadas metáforas dizem, mas com o que elas esquecem e naturalizam. A interpretação que realizo não é a verdadeira, a única, a melhor; é a que procura esclarecer ligações ou implicações não percebidas ou mesmo sobre as quais não se havia ainda refletido.

¹² CULLER, Jonathan. Em Defesa da Superinterpretação. In: ECO, Humberto. Interpretação e Superinterpretação. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 130.

Em junho de 2000, participei do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. O trabalho – *Futebol, linguagem e mídia: o imaginário na construção histórica das representações*,¹³ apresentava um afastamento das influências recebidas dos teóricos da estrutura presentes no trabalho do congresso anterior. Em 2000, o texto fluiu já com a influência dos teóricos da ação. O texto apresentava, então, características que o levam a ser encarado como um trabalho que utiliza plurimetodologias na sua concepção.

Entretanto, algo continuava a me incomodar. Algum tempo se passou até que eu percebesse que não queria abdicar das contribuições dos teóricos da estrutura ligados à teoria das representações sociais, com os quais iniciei minhas primeiras manifestações. Principalmente, no que se refere aos mecanismos de sustentação do poder empreendidos pelas classes dominantes, quando percebem que uma modificação do núcleo rígido da representação está se processando.

Por outro lado, não poderia trair os pressupostos da etnometodologia, os quais me libertaram das teias da estrutura e do seu determinismo e conduziram-me à compreensão sobre a ação dos agentes sociais na reprodução e transformação da realidade.

Não obstante, o adágio de Marx: “*Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, mas sob aquelas circunstâncias com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado*”,¹⁴ continuava a martelar em minha cabeça e a indicar que eu não poderia privilegiar a estrutura em detrimento da ação ou vice-versa. As idéias de Ira Cohen¹⁵ levaram-me a perceber que os agentes sociais não

¹³ FIGUEIREDO, Carlos. & VOTRE, Sebastião J. Futebol, linguagem & mídia: o imaginário na construção histórica das representações. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. 7., 2000, Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. p. 454-459.

¹⁴ MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. São Paulo: Centauro, 2000, p.15.

¹⁵ COHEN, Ira J. Teoria da estruturação e práxis social. In: GUIDDENS, A & TURNER, J. Teoria Social Hoje. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1999.

são completamente autônomos. Nego, portanto, um determinismo radical, mas também me oponho à liberdade desqualificada, opto por preservar todas as possibilidades entre essas polaridades.

Há que se fazer aqui uma reflexão sobre a questão da adaptação do indivíduo à estrutura social. Não creio que possamos falar de adaptação do indivíduo à sociedade ou o inverso. As perguntas levantadas por Salomé Marivoet são básicas: os sistemas sociais têm vida para além dos indivíduos? Os indivíduos têm existências sem os sistemas sociais onde se encontram inseridos?¹⁶ Os paradigmas das ciências sociais ora tenderam para o lado da estrutura, ora para o da ação do indivíduo. Minha posição é de acordo parcial com as respostas a ambas as perguntas.

A sociologia de Émile Durkheim privilegia a estrutura social em detrimento da ação do indivíduo. Para ele, as ações dos indivíduos são determinadas pelas estruturas sociais que os constroem a pensar, agir e sentir de acordo com o estabelecido socialmente, ou seja, para se integrar à sociedade, o indivíduo adapta-se à ela de uma forma que sua ação visa a integração a um todo já existente. Durkheim não nega a consciência do indivíduo na busca de sua integração, mas não vê este indivíduo como produtor desta mesma sociedade. Este postulado compreende a sociedade como algo estático, pré-existente aos indivíduos. Segundo penso, estas concepções dificultam a compreensão das mudanças, das inovações, dos desvios que ocorrem nas estruturas sociais.

Marx é avesso a tal determinismo, que não permite vislumbrar-se a complexidade dos sistemas sociais. Os sistemas sociais não são, para Marx, similares ao funcionamento dos sistemas orgânicos.

¹⁶ Cf. MARIVOET, Salomé. Aspectos sociológicos do desporto. Lisboa: Horizonte, 1998.

Existem, nos sistemas sociais, interesses diferenciados, onde as integrações dos indivíduos são mais frutos de equilíbrio de tensões do que propriamente de adaptações. Marx vê a sociedade e as relações que a constroem como sendo produzidas pelos homens. Estas relações sociais estão, intimamente, vinculadas às forças produtivas; são, portanto, históricas e transitórias. De fato, Marx, radicaliza que os indivíduos agem de acordo com suas orientações de classe, dando primazia ao econômico. Na carta a P. V. Annenkov, Marx faz a seguinte pergunta: Que é a sociedade, qualquer que seja a sua forma? Creio valer a pena reproduzir um trecho desta carta para os efeitos deste trabalho.

“Que é a sociedade, qualquer que seja sua forma? O produto da ação recíproca dos homens. Podem os homens escolher, livremente, essa ou aquela forma social? Nada disso. A um determinado nível de desenvolvimento das forças produtivas dos homens, corresponde determinada forma de comércio e de consumo. A determinadas fases de desenvolvimento da produção, do comércio e do consumo, correspondem determinadas formas de constituição social, determinada organização da família, dos estamentos ou das classes; em uma palavra, uma determinada sociedade civil. A uma determinada sociedade civil, corresponde um determinado regime político, que não é mais que a expressão oficial da sociedade civil. (...) É ocioso acrescentar que os homens não são livres de escolher suas forças produtivas – base de toda sua história, - pois toda força produtiva é uma força adquirida, produto de uma atividade anterior. Portanto, as forças produtivas são o resultado da energia prática dos homens, mas essa mesma energia acha-se determinada pelas condições em que os homens se acham colocados, pelas forças produtivas já adquiridas, pela forma social anterior a eles, que não foi criada por eles e é produto das gerações anteriores. O simples fato de cada geração posterior deparar-se com forças produtivas adquiridas pelas gerações precedentes, que lhe servem de matéria-prima para a nova produção, cria na história dos homens uma conexão, cria uma história da humanidade porquanto as forças produtivas dos homens e, por conseguinte, suas relações sociais, adquiriram maior desenvolvimento individual, tenham ou não eles próprios a consciência desse fato. Suas relações materiais formam a base de todas as suas relações. Tais relações materiais nada mais são que as formas necessárias, sob as quais se realiza sua atividade material individual. (...) Os homens jamais renunciam àquilo que conquistaram, mas isso não quer dizer que não renunciem jamais à forma social sob a qual adquiriram determinadas forças produtivas. Muito ao contrário. (...) Portanto, as

*formas da economia sob as quais os homens produzem, consomem e fazem suas trocas, são transitórias e históricas”.*¹⁷

O foco no indivíduo transparece em Max Weber.¹⁸ Para ele, o indivíduo age principalmente em relação ao que o outro espera dele. As expectativas dos outros em relação à conduta do indivíduo é que propiciam a construção do mundo social. As várias adaptações, se é que possamos denominá-las assim, efetuam-se simultaneamente a uma readaptação em relação às expectativas dos outros. O mundo social é portanto continuamente reconstruído a partir das interações que os indivíduos empreendem na sociedade em que atuam.

O vai-e-vem sociológico vê aparecer nos anos trinta uma corrente de pensamento que vai influenciar toda uma geração: a teoria estruturo-funcionalista, que tem em Talcott Parsons¹⁹ seu mentor. Com a concepção de que a sociedade é um sistema imutável, funcionalmente organizada e harmonizada, Parsons vai buscar em Durkheim a fonte de inspiração para desenvolver suas idéias. Cada instituição tem uma função neste modelo, os indivíduos ocupam um lugar na hierarquia e possuem um status social, dependendo do seu nível sócio-econômico e cultural. Cada indivíduo tem um papel que será desempenhado em função do lugar em que ocupa na sociedade. As normas regulam todos os comportamentos para que a sociedade funcione perfeitamente. Esta concepção social se assemelha a um sistema biológico homeostático. Os indivíduos seguem normas preexistentes e não têm capacidade de modificá-las. O modelo ‘científico’ das ciências naturais é transposto para explicar o funcionamento do mundo social. Há a crença no princípio da uniformidade da natureza que é utilizado para dar sentido às interpretações.

¹⁷ Cf. MARX, Karl. Miséria da filosofia. São Paulo: Grijalbo, 1976, p. 170-173.

¹⁸ Cf. WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

¹⁹ Cf. PARSONS, Talcott. The Structure of Social Action. New York: Free Press, 1968.

Na década de 1910, surge um departamento de sociologia e de antropologia na Universidade de Chicago; estas duas disciplinas formam um só departamento até 1929. Neste departamento, várias pesquisas foram desenvolvidas e mais tarde foram designadas como trabalhos da ‘Escola de Chicago’.²⁰ Principalmente no final dos anos quarenta, vários pesquisadores recuperaram os princípios weberianos da ação dos indivíduos na construção do mundo social. A corrente designada como interacionismo simbólico, desenvolvida, principalmente, por George Mead, vai considerar a ‘ordem da sociedade’ como algo instável que é cotidianamente e perpetuamente reconstruído. Desta forma, estes teóricos se afastam da ‘ordem orgânica’ proposta por Parsons. O parâmetro passa a ser interpretativo e não mais normativo. Em linhas gerais, os agentes sociais agem conscientemente e atuam para além dos papéis que lhes são conferidos, buscando através de estratégias verbais e físicas obter o controle da interação.

Essas correntes de pensamento têm presente o poder que os valores dominantes exercem na conduta dos indivíduos, bem como algum grau de livre arbítrio por parte desses mesmos indivíduos. Ira Cohen percebeu isto ao dizer que “*as propriedades das coletividades e os procedimentos da ação pressupõem-se de certo modo um ao outro na realidade da vida social*”.²¹ Assim, atribuir prioridade à estrutura ou à ação não parece ser o melhor caminho se partirmos do pressuposto de que ambas estão imbricadas.

Neste trabalho, não tentarei transpor o princípio da uniformidade da natureza para a vida social. Ao utilizar, por exemplo, as concepções de Flament²² no sentido de compreender os mecanismos de defesa do núcleo rígido da representação, não postulo que

²⁰ Cf. COULON, Alain. L'École de Chicago. Paris: PUF, 1997.

²¹ COHEN, Ira J. Op. cit., p. 394.

²² FLAMENT, Claude. Structure, dynamique et transformation des représentations sociales. In: ABRIC, J-C. Abric (Org.). Pratiques sociales des représentations sociales. Paris: PUF, 1994.

os agentes sociais em todas as épocas aplicariam da mesma forma os aspectos semânticos e normativos que os grupos estudados utilizaram em seus procedimentos.

Aceito o pressuposto de que não há relação direta entre o homem e o mundo, seja ele natural ou social. A cultura é que realiza essa mediação. Portanto, não existe uniformidade trans-histórica na práxis social. O mundo social é transitório e histórico, para usar as palavras de Marx. As práticas sociais, que estão ancoradas tanto em razões práticas como em razões simbólicas, são, dessa forma, histórica e culturalmente instauradas.

Essa perspectiva expõe a capacidade potencial do agente em produzir variações históricas. Como é uma capacidade, ela pode ou não ser exercida. Em minha aproximação com a etnometodologia, houve uma tendência a me interessar pelas ações mais próximas a um nível micro de análise. Esta postura, entretanto, não me permitiria compreender como as propriedades estruturais resistentes são geradas e mantidas. Por esta razão preservei as leituras realizadas da teoria das representações sociais.

O futebol como ponto de partida

O futebol tomado como ponto de partida para a construção de representações sociais e como um dos elementos formadores da identidade brasileira, tem-se mostrado, principalmente, no final do século XX e início do XXI, fonte de pesquisas das mais singulares.²³ A contingência do esporte favorece uma série de visões de mundo, sejam elas na dimensão da ética, da estética, do poder, do fascínio, todas elas perpassadas pela linguagem. Tais visões de mundo acabam por ajudar a construir a realidade, pois a linguagem é causativa e não apenas expressa ou representa a realidade.

O futebol é de fato uma linguagem; uma linguagem corporal. O jogo se desenvolve à medida que os jogadores procuram resolver os problemas que surgem no contexto da atividade. Esta atividade é idiossincrática, contingente e partilhada. Independentemente do caráter agonístico do esporte, da competição, do dinheiro envolvido, das grandes empresas patrocinadoras, existem, no futebol, razões simbólicas que unem os jogadores e os torcedores ao jogo; daí a emoção e a paixão que ele desperta.

²³ Cf. CAPRARO, A. M & NADOLNY, A. D. O estádio Joaquim Américo - a baixada - e as elites curitibanas da década de 10 e 20; DaSILVA, C. A. F. A linguagem racista no futebol brasileiro; JESUS, G. M de. Futebol e racismo no Rio Grande do Sul: a liga da canela preta; JÚNIOR, M. A. F. Origens do futebol paranaense: a história do Operário Ferroviário Esporte Clube; NEGREIROS, P. J. L de C. Falando da vida, lembrando do futebol; OLIVEIRA, A. B. C. Representações dos heróis esportivos: comparação entre as Copas de 1970 e 1994; RIBEIRO, L. C. Metodologia para uma história da formação do futebol profissional; SOARES, A. J. Racismo contra o Vasco e a fundação da AMEA: uma história de identidade; RIGO, L. C. & SILVA, S. R. da. Cicatrizes do futebol; SILVA, E. J. da. Futebol no contexto das reformas dos grandes centros urbanos. In: VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. 6., 1998, Rio de Janeiro: Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física: Editoria Central da Universidade Gama Filho, IHGB, INDESP, 1998.

Para Votré, “o pensamento tem base corporal no sentido de que as estruturas utilizadas para articular nossos sistemas conceituais desenvolvem-se a partir do nosso corpo”.²⁴ Votré defende que o discurso é fundado na cognição humana, e que a cognição é fundada na corporeidade.²⁵ Afirma igualmente que “não apenas a linguagem, mas toda a cognição humana opera metaforicamente”.²⁶ Por conseguinte, neste trabalho, focalizo algumas das metáforas veiculadas pela mídia e o processo de reprodução e construção de discriminações no futebol.

O tema da identidade cultural/nacional apresenta-se, ao longo da história intelectual brasileira, como uma das grandes questões nacionais. No entanto, quando busco estudos que analisem a participação da mídia na construção e reprodução de formas discriminatórias no futebol, percebo que existem lacunas sérias. Nesse particular, Muniz Sodré afirma que no Brasil:

*“como não se toca mais publicamente na ‘questão nacional’ (levantada em 1822, 1888 e 1930), a temática identitária foi abandonada pelas elites dirigentes e retomadas por ‘comunidades setoriais’ (negros, índios, mulheres, homossexuais, etc.). Na imprensa, apenas eventualmente o problema da discriminação é afluído, mas sem compromisso de causa, daí as acusações de conivência na reprodução de formas discriminatórias”.*²⁷

²⁴ VOTRÉ, Sebastião Josué. Op. cit., 1995, p. 67.

²⁵ O futebol é um exemplo evidente. O número de expressões derivadas do futebol que estão presentes em nosso discurso é extraordinário. Eis algumas: ele pisou na bola, o papo rolou macio, bola pra frente, deixa rolar, jogue no ataque, pendurar as chuteiras, levar nas costas, se sobrar gás, tomar uma finta, etc.

²⁶ VOTRÉ, Sebastião Josué. Op. cit., 1994, p. 66.

²⁷ SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999, p.134-135.

Uma das exceções é o estudo de Paul Dimeo e Gerry Finn.²⁸ Eles atentam para o fato de que as análises sobre o racismo no futebol são muito mais complexas do que preliminares tentativas de explicação. Afirmam que o racismo no futebol requer análises mais aprofundadas. A realidade mais comum é usualmente ignorada e formas sutis de racismo, que existem no senso-comum, têm sido obscurecidas.

O estudo de van Dijk²⁹ conclui que instituições e grupos da elite branca dominante - e aí se inclui a maior parte dos meios de comunicação - são aliados próximos na reprodução da desigualdade étnica. A imprensa utiliza-se de uma linguagem metafórica que reproduz as discriminações com um discurso que começa pela denegação de tais discriminações.

Meu objeto de estudo são as metáforas veiculadas pela mídia, com foco no processo de construção dos significados produzidos e partilhados, no campo particular do futebol brasileiro em relação às questões de identidade, linguagem e discriminação.

O argumento principal aqui defendido é que o imaginário social, normalmente implícito e involucrado nas convenções sociais e sobretudo nos controles exercidos pela escola e a igreja, de respeito às pessoas, independentemente de raça, cor, orientação de todo tipo, explode em manifestações explícitas, de caráter avaliativo, com elementos transparentes de julgamento e apreciação, nos momentos de eventos espetaculares.

Em certas regiões esses eventos incluem furacões, enchentes, tremores de terra, falta de empregos. Em outros, nevascas. Em outros, fomes terríveis. O esporte é um

²⁸ DIMEO, Paul & FINN, Gerry P.T. Scottish Racism, Scottish identities. In: M. A. Brown (ed.). *Fanatics! Power, Identity and Pandem in football*. Rontledje, London, 1998, p. 124. "Racism is complex, much more complicated than more most previous attempts at explanation (...). Now it is increasingly recognised that the role of racism around football has focused on the notion of racist hooligans: the stereotype of the racist thug has served to obscured the reality of the more common, usually ignored, subtle forms of racism which exist in the 'common-sense' of British society and British sport".

²⁹ DIJIK, Teun A. van. *Elites, Racism and the Press*. Congresso Internacional Association of Mass-Communication (IAMCR), Brasil, 1992. *Apud* SODRÉ, Muniz. Op. cit.

veículo para eventos espetaculares, que galvanizam os interesses das comunidades humanas.

No Brasil, o futebol é efetivamente um aglutinador de emoções, partícipe da construção do espírito nacional.³⁰ É nesses eventos que as avaliações são mais plausíveis, quer para os atos de heroísmo, quer para os insucessos, fracassos, falhas, no desempenho esperado. Ora, os grupos humanos, num contexto desse tipo, utilizam-se das imagens avaliativas disponíveis na cultura, e as reaplicam, inovativamente ou não, para caracterizar os heroísmos e os fracassos. O dado interessante é que tais derivações são sensíveis às variáveis sociais em que cada ator se encontra, a exemplo de credo, raça, idade, sexo, nível sócio-econômico, origem espacial ou social da família etc. Logo, toda denominação é carregada de significado avaliativo, portadora de índices de julgamento, discernimento, discriminação, preconceito ou tabu.

O problema

A idéia de uma democracia racial no Brasil, a despeito de existir no discurso do dia-a-dia do brasileiro formas corriqueiras de racismo, tem sido um dos mitos que o pesquisador interessado nesta temática tem de enfrentar. É comum afirmar-se que existem determinadas áreas em que se torna muito difícil estudar e pesquisar o racismo; a exemplo do esporte. Esta concepção tem sido veiculada com base na idéia de que o esporte seria considerado uma área ‘mole’ de racismo, onde o discurso e as práticas de racismo seriam sutilmente desenvolvidas e reproduzidas.

³⁰ Isto foi ratificado na Copa de 2002.

Uma dificuldade com que os pesquisadores da área se defrontam é em relação à terminologia. Os termos ‘raça’, ‘racismo’, ‘discriminação’, ‘preconceito’, geram diversas interpretações e por vezes se transformam em obstáculos quase intransponíveis se não forem bem definidos. Torna-se, então, fundamental, para o desenvolvimento desta pesquisa, encarar esses obstáculos de frente e construir um conjunto de definição de termos que possam minimizar as dificuldades, mas, sobretudo, não desprezar as diferenças existentes nessas terminologias.

Neste trabalho, entendo por **racialismo** as idéias que tentam explicar o desempenho esportivo, social, intelectual etc., do indivíduo, através das concepções de que há raças e que elas são a razão das diferenças. Um exemplo, na cultura esportiva brasileira, é o de que os negros não são bons nadadores em função de suas características biotipológicas ou, que devido ao seu jogo de cintura (flexibilidade), são mais propensos ao futebol. Assim, os termos *preconceito* e *discriminação* serão compreendidos como racialismo.

Já **racismo** é uma forma de dominação de uma suposta raça sobre outra, seja esta dominação imposta ou consentida. O consentimento que possa existir sobre uma dominação, entendida aqui como um processo assimétrico e desigual de apropriação das capacidades de outros, é obtido mediante o emprego de estratégias discursivas, políticas, educacionais etc., numa palavra: na ideologia.³¹

O conceito de **raça** requer um espaço maior. Iniciemos com a observação de Schwarcz de que raça “*será um conceito ao mesmo tempo negociado, estimado e em contínua construção no país*”.³² Segundo a autora, o conceito raça surge no século XVI e as teorias raciais em meados do século XVIII. O termo vinculou-se, posteriormente, à Biologia, ciência que teve grandes avanços no século XIX, mas, inicialmente, o termo

³¹ Ver SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo. São Paulo: Brasiliense, 1999.

³² SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2001. p. 26.

designava um grupo ou categorias de pessoas ligadas por uma origem comum. O conceito raça não estava, à época, vinculado a características biotipológicas.

Os humanos necessitam estabelecer distinções e comparações de modo a conjuntizar, demarcar e estabelecer conjuntos que possam ‘ser’, que possam se distinguir de outros conjuntos, constituindo assim uma identidade. Esse processo identitário é o da demarcação, conjuntização e homogeneização. Existe também um outro processo que cria e estabelece a identidade de um grupo: trata-se do processo imaginário; ambos são indissociáveis, pois o identitário que conjuntiza e demarca, só o é porque é referido ao imaginário. Neste caso, o conceito raça será reinterpretado à luz das representações sociais. Tais representações visam objetivar e ancorar idéias abstratas em conceitos mais concretos, logo possuem uma dimensão imaginária e identitária.

No século XIX, quando as representações se organizam sobretudo em torno das concepções do darwinismo racial, os atributos externos e fenotípicos tornam-se elementos essenciais da moralidade e do devir dos povos. Os modelos darwinistas passaram a constituir-se então instrumentos eficazes para conjuntizar os povos. O Brasil, desde o século XVI, surge como um grande laboratório racial, tendo em vista a miscigenação avançada. Um grupo de autores brasileiros, ligados às concepções biológicas, vai destacar as mazelas da miscigenação (Nina Rodrigues,³³ Sílvio Romero,³⁴ João Batista Lacerda³⁵). Os negros e mestiços são apontados como índices definidores da degeneração.

³³ *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil* (1894). Bahia: Progresso, 1957. *Apud* SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.*, 2001.

³⁴ *História da Literatura Brasileira* (1888). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953. *Apud* SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.*, 2001.

³⁵ *Sur les Métis au Brésil*. Paris: Imprimerie Devouge, 1911. *Apud* SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.*, 2001.

A partir de 1930, uma concepção mais cultural e menos biológica começa a se instituir no Brasil. Nesse momento, a mestiçagem passa a se constituir num elemento positivo. O imaginário social acaba por abandonar o pessimismo e transformar o que antes era um problema para o crescimento do país, num aspecto positivo que o distingue das demais nações. É o imaginário que vai constituir a mestiçagem numa questão nacional distintiva; o processo identitário da nação só se torna possível a partir do seu imaginário.

*“Como se pode notar, o critério continuava pautado por ‘marcas exteriores’, mas o acento não recaía mais na distinção biológica, e sim na cultural. Isso sem falar da figura da mulata, que, exótica e sensual, convertia-se cada vez mais em ícone de determinada brasilidade. O certo é que, nas mãos de um discurso de cunho nacionalista, uma série de símbolos vai virando mestiça, assim como uma alentada convivência cultural miscigenada torna-se modelo de igualdade racial. Nesse modelo, pautado numa visão oficial, a desigualdade e a violência do dia-a-dia são como que desprezadas, tudo em nome de uma visão idealizada da ‘nossa raça’, que nesse momento parece ser suficiente para representar positivamente a nação”.*³⁶

A visão idealizada da raça reaparece com força quando o Brasil vence alguma competição importante. Após a vitória sobre a Inglaterra na Copa do Mundo de Futebol de 2002, o jornal O Dia estampou a manchete: “Vitória da raça” (O Dia, 22/06/2002:1), com a imagem de Ronaldinho Gaúcho mostrando a camisa do Brasil para a torcida.

Os conceitos são objetivações que tornam familiar aquilo que é distanciamento; e não só o aspecto identitário estabelece as distinções. É o imaginário que vai realizar as conexões necessárias ao estabelecimento das representações. Há, portanto, uma dimensão psicológica que não deve ser desprezada.

³⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2001, p. 30.

O imaginário, que se constrói no Brasil e que transforma a miscigenação em nosso maior símbolo, ‘amoleceu’ o racismo, mas “*significou também o enrijecimento do sistema de dominação, que passa a ser reproduzido no âmbito da intimidade*”.³⁷ A dimensão psicológica é um dos pólos, o outro é o campo de criação social-histórico. Os aspectos identitário e imaginário, tanto presentes no psicológico como no social-histórico, são elementos do representar social. Castoriadis nos diz que a sociedade se institui como obra do imaginário radical: “*A sociedade, enquanto sempre já instituída, é auto criação e capacidade de auto-alteração, obra do imaginário radical como instituinte que se faz ser como sociedade instituída e imaginário social, a cada vez particularizado*”.³⁸ O representar social só pode ser apreensível num tempo e espaço identitário. Esse representar se faz ser como imaginário social; isto pode dar a idéia de uma sociedade um tanto estática. Se não atentarmos para o fato de que o representar social não está dissociado do fazer social, poderemos cair no engodo de que a sociedade é pré-determinada por razões míticas, econômicas e biológicas. O fazer social é criação incessante. As relações que aí se desenvolvem, numa multiplicidade de formas organizadoras e organizadas,

“apóiam-se sempre em propriedades imanentes do ser-assim do mundo. Todavia, essas propriedades são re-criadas, liberadas, escolhidas, filtradas, postas em relação e, sobretudo, dotadas de sentido pela instituição e pelas significações imaginárias da sociedade dada”.³⁹

³⁷ Ibidem, p. 86.

³⁸ CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto, III: o mundo fragmentado. Tradução Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 123.

³⁹ Ibidem, p. 124.

Para Castoriadis, o imaginário radical da psique singular é capaz de achar ou criar os “*meios sociais de uma expressão pública original e contribuir nomeadamente à auto-alteração do mundo social*”.⁴⁰

O imaginário tem um papel fundamental na construção das representações sociais, mas o sentido de imaginário que desenvolvo aqui não é o de algumas correntes que o entendem como *imagem de alguma coisa*, ou seja, um reflexo. Sigo os passos de Castoriadis quando diz que o imaginário

“é criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’. Aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos”.⁴¹

As representações sociais, na dimensão desenvolvida neste trabalho, podem ser então compreendidas como um mundo de significações que é pensado, não como uma réplica do real, mas como posição inicial, inaugural, que fabrica o mundo social. É de fato um fazer social que se faz fazendo-se, imaginando-se, conversando consigo mesmo. Espelho de si mesma, a representação utiliza-se das imagens para objetivar e ancorar nossos medos, nossos desejos, nossas idéias do que é, do que foi e do que será. A imagem estática nada constrói, nada representa, apenas rotula e classifica. Não vem da imaginação, mas do dogma. A imaginação não busca sínteses, não busca sistemas, não busca origens, é ela própria origem e fim.

⁴⁰ Ibidem, p. 123.

⁴¹ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 13.

Assim, destaco o imaginário não como o especular, como reflexo, como imagem refletida, ou seja, como imagem *de*. A proposta é de uma imagem *para*, uma imagem criativa e operativa. O imaginário não será visto, portanto, a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro, pois estes são criações do próprio imaginário.⁴² Não há lugar para o imaginário fora da história e da sociedade.

É Gilberto Freire, apoiado num imaginário social e numa sociedade já instituída e miscigenada, um dos pensadores mais influentes e que vai redefinir as representações sobre a miscigenação brasileira.⁴³

O conceito raça (como observa Schwarcz) está em constante construção. No Brasil, os negros e mulatos bem sucedidos são ‘embranquecidos’. O ator Milton Gonçalves, comentando a premiação de dois atores negros no Oscar em 2002 e a diferença entre o racismo no Brasil e nos Estados Unidos e a possível ‘média’ que a Academia quis fazer, disse que:

“Não foi bem assim não. Eles venceram porque vendem. Lá é assim. O negro representa 13% da população, mas é entendido como mercado. Nós aqui somos muito mais, mas há uma desigualdade incrível, porque um negro e um branco que ocupem o mesmo cargo nunca vão ganhar o mesmo salário. Nós não fomos inscritos na história brasileira. Se olhamos para os registros dos séculos XVIII e XIX, quando o Brasil era um país onde havia mais negros do que brancos, o único personagem negro relevante que aparece na cultura é Lima Barreto. Há Machado de Assis e Rui Barbosa, mas embranqueceram tanto que daqui a pouco estão louros de olhos azuis”
(O GLOBO, 31/03/2002:4-segundo caderno)

⁴² Cf. ROCHA, Ione Paula & FIGUEIREDO, Carlos. *Reflexos e reflexões sobre o espelho: razões práticas e simbólicas historicamente construídas*. In: Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

⁴³ Cf. FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

Schwarcz, em seu estudo, relata que uma professora negra da USP foi considerada branca por uma entrevistadora do censo, apenas porque era professora da USP. Outro ponto importante é que a cor de quem entrevista pode influenciar a resposta do entrevistado em relação à sua própria cor; estes e outros exemplos servem para ilustrar como o conceito é constante e continuamente negociado, no Brasil.

Estas considerações, ao invés de facilitar a compreensão sobre o conceito raça, mostram-se complexificadoras. A idéia de complexo – de que as coisas são tecidas juntas, encadeadas (com – junto, plexo – encadeamento) –, talvez auxilie. Raça não pode ser tratado como um conceito simples e unívoco. Temos um imaginário sobre raça que é continuamente reatualizado pela sociedade. No entanto, tal reatualização se dá no já instituído, que apresenta uma dimensão biológica em que a cor da pele e o tipo de cabelo são alguns dos elementos de distinção. A dimensão social-histórica tem na força do mito da democracia racial um fator de encobrimento das diferenças. A dimensão psicológica talvez propicie compreender como a cor da pele é definida pelo costume ou pelo contexto. O jogador de futebol Roberto Carlos, atualmente no Real Madri da Espanha, ao ser questionado por um repórter em relação às manifestações racistas ocorridas na Itália, onde a torcida do Lázio expunha cartazes com os dizeres *'squadra di neri'*, referindo-se aos jogadores negros do Roma, disse que não se preocupava com isso porque nem negro ele era, e sim 'café com leite'. A cor no Brasil é quase uma aspiração social. O indivíduo que se considera branco ou quase branco no Brasil, de fato, não o é para os outros povos.

Neste trabalho, raça será compreendido como um conceito que abarca as dimensões biológica, social-histórica e psicológica, com o objetivo de conjuntizar e distinguir grupos humanos, de modo a instituir uma subjetividade coletiva, que permite classificá-los e

identificá-los. Gostaria de ressaltar a dimensão psicológica que, habitualmente, não é destacada pela maioria dos autores.

Da mesma maneira que o cientista procura conceituar, o profissional da mídia também o faz utilizando-se porém de uma linguagem natural. É comum assistirmos às transmissões dos jogos da seleção brasileira e verificarmos como ocorrem, durante as partidas, dependendo do resultado, mudanças de apreciação por parte dos jornalistas em relação aos jogadores e ao futebol praticado. No caso de um bom desempenho dos jogadores, o lado moleque, malandro, arteiro, é destacado; é o futebol arte, multirracial, multicultural etc. Por outro lado, em caso de fracasso, a mesma malandragem, molecagem e esperteza são focalizadas como as mazelas do nosso futebol, do país em que nada vai dar certo; é o futebol irresponsável, ‘preguiçoso’, sem determinação.

Há momentos em que se vai valorizar a força, a defesa, o planejamento, o conjunto; é o futebol-de-resultado. No caso de fracasso, as imagens de um futebol alegre, espontâneo, que valoriza a improvisação, a individualidade e a malandragem, são novamente reativadas para reabilitar o verdadeiro futebol brasileiro.

Vê-se, portanto, como a cor do futebol nacional é ao mesmo tempo negociada e estimada, e está contínua construção. As imagens estão sempre à espreita; ora para valorizar o futebol-ser-brasileiro, ora para desvalorizá-lo. Assim, no Brasil, quando se discute a questão racial ela se prende mais às características fenotípicas, onde a cor da pele e o tipo de cabelo são elementos de distinção mais do que propriamente a origem étnica.

A discriminação, na maioria das vezes, ocorre de forma inconsciente. A população ratifica isso ao reproduzir o racismo, por exemplo, através das músicas populares. Todo ano, no carnaval, a música: ***“O teu cabelo não nega mulata/porque és mulata na cor/mas como a cor não pega mulata/mulata eu quero o teu amor”***, é parte integrante dos festejos.

Nela pode-se observar como as marcas fenotípicas estão presentes determinando e reconstruindo o racismo.

Na Copa do Mundo de 1998, o termo *amarelão*, foi usado para criticar o jogador Ronaldo após o jogo final. Esta metáfora, estampada na primeira página do jornal O Dia, na manchete: *“Ronaldinho amarela antes do jogo e abala a seleção”* (O Dia, 13/07/1998:1), foi o dado empírico que me inspirou na análise de outros episódios semelhantes no futebol brasileiro. Verifiquei que já na Copa de 50 alguns jogadores também sofreram críticas pesadas da imprensa. Naquela época os criticados foram Jair da Rosa Pinto, Barbosa e Bigode, além do técnico Flávio Costa.



Moacyr Barbosa – Goleiro do Brasil na Copa de 1950

Os comentários, feitos por uma parcela da mídia, utilizavam metáforas para criticar os atletas; diziam que *tremeram de medo*, não tiveram *raça*, *jogaram sem fibra*, *se acovardam*.

Alguns jornalistas da época atentaram para o fato e procuraram defender a honra desses atletas. Geraldo Romualdo da Silva afirmou:

“Quando o English-Team perdeu, ninguém na Bretanha o taxou de covarde- nem a ‘Azzurra’ padeceu na Itália a infâmia de ser apontada de desfibrada - afinal de contas em football não se vence antes e no meio, mas depois dos jogos” (Jornal dos Sports, 19/07/1950:5).

A Copa de 1950 foi um marco na história do futebol brasileiro. Até hoje ainda sentimos a aflição da torcida após o gol de Ghiggia. Apesar das várias interpretações, o fato que marcou definitivamente esta Copa foi a culpa atribuída a Barbosa. O escritor Paulo Perdigão mostra como aquele homem ficou marcado para o resto de sua vida. Uma bola que passou entre a trave e suas mãos e que foi determinante na infância e na vida de várias pessoas. Barbosa fez o Brasil chorar, como ele mesmo diz no filme – *Barbosa*. Mas, talvez, ninguém tenha chorado tanto quanto ele. Pagou por um crime que não cometeu, foi acusado e condenado sem direito à defesa. Até hoje, o Brasil não superou este trauma. Desde 1950, nunca mais tivemos um goleiro negro titular na seleção em Copas do Mundo.

O curta metragem – *Barbosa*,⁴⁴ baseado no livro de Paulo Perdigão – *Anatomia de uma derrota*,⁴⁵ mostra de forma magistral os momentos de angústia vividos na final de 50. No filme, Barbosa diz: “*eu já pensei naquela bola um milhão de vezes*”, como que se ainda estivesse se punindo.

⁴⁴ BARBOSA. Curta metragem (13 min.). Direção Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo. Casa de Cinema de Porto Alegre.

⁴⁵ PERDIGÃO, Paulo. Anatomia de uma derrota. Porto Alegre: L&PM, 2000.

Em 1993, durante as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos, Barbosa quis dar ânimo aos jogadores da seleção brasileira e foi visitá-los na concentração. Para surpresa de todos, inclusive da imprensa, que registrou o fato, Barbosa foi impedido de entrar. As alegações das autoridades não conseguiram justificar tal procedimento, já que várias pessoas estiveram na concentração da seleção e apenas Barbosa foi impedido de entrar. Esse episódio expõe a discriminação cometida contra Barbosa se o compararmos com o fato do jogador Zico ter sido o diretor técnico da seleção em 1998, apesar de fracassar na Copa de 86, ao perder um pênalti decisivo contra a França.

Segundo Eduardo Galeano, Barbosa comentou: *“No Brasil, a pena maior por um crime é de trinta anos. Há quarenta e três pago por um crime que não cometi”*.⁴⁶ Galeano diz ainda que os anos se passaram e Barbosa nunca foi perdoado. Mas qual foi o crime de Barbosa? Perdoar Barbosa de quê? Perdoá-lo por ser negro?

Na copa de 1998, vale a pena registrar o sentimento demonstrado pelo jogador Ronaldo ao sofrer as agressões da mídia. Em junho daquele ano no jornal O Globo, o jogador desabafa e diz: *“Não admito que digam que eu amarelei”*. (O Globo, 14/06/1998:39-caderno de esportes).



Ronaldo

⁴⁶ GALEANO, Eduardo. Op. Cit., p. 101.

A primeira impressão, ao analisar estes comentários da mídia, é de que se tratava de uma avaliação ao desempenho do jogador Ronaldo. Entretanto, num segundo momento, interpretei que Ronaldo sentiu-se ofendido moralmente com tais declarações da imprensa. Isto me levou a formular a hipótese de que tais declarações da mídia visavam mais o homem do que o jogador. Se não, como interpretar a rejeição pronta de Ronaldo ao termo *amarelar*?

Tal como ocorrera em 1950, no caso de Barbosa, Ronaldo foi humilhado. No entanto, a metáfora utilizada desta vez foi *amarelão*. Inicialmente, considerei que o termo *amarelão* por si só não demonstraria um conteúdo desclassificatório. Entretanto, por um enfoque etnometodológico, não se deve tratar separadamente a estrutura das atividades estruturantes. O fato discriminatório objetivo emerge das atividades estruturantes que, em seguida, são esquecidas por um processo de reificação, o que pode dar a impressão de que não há racismo ou que é um fato ‘normal’. De fato não o é. O racismo é continuamente recriado pelas ações dos indivíduos no dia-a-dia. Por conseguinte, há necessidade de se analisar o processo de objetivação das metáforas.

Uma das questões deste trabalho é verificar o modo como se estabelece a diferença de apreciação por parte da mídia escrita em relação ao desempenho dos jogadores brasileiros após derrotas da seleção brasileira em Copas do Mundo. Procuro verificar se as características fenotípicas seriam elementos que, consciente ou inconscientemente, influenciariam a mídia a emitir críticas que extrapolariam os limites do jogador para atingi-lo como homem.

Objetivos do estudo

Este trabalho tem por objetivo geral descrever o processo de entrada, ascensão e consolidação dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro, a partir da análise dos sentidos das metáforas veiculadas pela mídia, com foco no processo de construção dos significados produzidos e partilhados por ela, em relação às questões de identidade, linguagem e discriminação.

Como objetivos específicos, o estudo busca:

- a) avaliar as representações da mídia, após as derrotas da seleção brasileira masculina de futebol em Copas do Mundo, de forma a construir uma interpretação sobre os sentidos das manchetes e notícias veiculadas nos jornais;
- b) identificar e descrever as metáforas empregadas pela mídia para avaliar a participação dos jogadores brasileiros, de modo a observar se existem elementos que possam indicar distinções entre as metáforas endereçadas aos jogadores brancos e as que são direcionadas aos jogadores negros e mestiços;
- c) analisar os contextos em que foram produzidos os discursos, e os elementos do imaginário social que influenciaram as representações da mídia.

Para atingir estes objetivos, o estudo focaliza, inicialmente, as representações da mídia escrita do início do século XX, quando da ascensão dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro.

A seguir, o recorte é feito nas derrotas brasileiras nas Copas do Mundo de 1950, 1982, 1986, 1990 e 1998. Decidi focalizar as derrotas, pois entendo que nesses episódios o imaginário social vem à tona com mais intensidade.⁴⁷

⁴⁷ Uma das limitações deste estudo é não realizar comparações entre as metáforas da derrota e as metáforas da vitória; talvez seja objeto de estudos posteriores.

Não sigo linearmente os percursos da história. Seleciono alguns aspectos das notícias, reconhecendo que as descrições e focalizações são seletivas. Sendo assim, muitos aspectos talvez relevantes são deixados à margem, enquanto outros são escolhidos.

Relevância do estudo

A demanda, o interesse e o volume de publicações, bem como de eventos, associações e grupos de estudos sobre o racismo, indica que a comunidade vem valorizando cada vez mais a descrição e redescricao de eventos que contribuíram para a formação das identificações do povo brasileiro e da constituição das desigualdades presentes na nossa sociedade.

Estudos como “O Racismo no Brasil”,⁴⁸ e associações como a “Secretaria Nacional de Combate ao Racismo”,⁴⁹ “SOS Racismo”,⁵⁰ “CEAP – Centro de Articulações de Populações Marginalizadas”,⁵¹ entre outras, são exemplos de manifestações que indicam uma preocupação crescente com as questões raciais no Brasil.

Espero que este trabalho, por focalizar as representações e discutir a temática do papel da mídia na reprodução e construção do racismo no futebol brasileiro, e por apresentar interpretações não tão moderadas, vislumbre dimensões na relação entre a mídia e jogadores, que ainda não haviam sido objeto de análises sistemáticas.

Hipótese

A hipótese com que trabalho é que o sentido construído para determinadas metáforas, como por exemplo - *amarelão, sem fibra, sem raça, acovardado, tremedor,*

⁴⁸ <<http://www.geocities.com/CollegePark/Lab/9844/>>.

⁴⁹ <<http://www.pt.org.br/racismo/racismo.htm>>.

⁵⁰ <<http://www.sosracismo.pt/>>.

⁵¹ <<http://www.alternex.com.br/~ceap/home.html>>.

teria como finalidade principal a desclassificação do indivíduo como ser humano e seria dirigido com mais ênfase a determinados grupos de jogadores. Apóio-me na confrontação entre as críticas veiculadas em situações análogas para jogadores brancos e não-brancos. A hipótese aqui sustentada é que no Brasil a discriminação é construída, disseminada e reforçada através de metáforas que desclassificam o indivíduo de pele escura.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este estudo utiliza o referencial teórico metodológico da etnometodologia, no que concerne à construção da realidade pelos agentes sociais. Parto do pressuposto de que existe uma estrutura e que essa estrutura não pode ser analisada separadamente das atividades estruturantes. Desta forma, existem regras, interesses de classes, dimensões econômicas, políticas, sociais, que influenciam, mas não são os fatores determinantes na construção da realidade. O pressuposto é que os agentes, na vida cotidiana, estão sempre reinterpretando as regras, os interesses, e que, de fato, eles são ativos na construção do mundo social.

A teoria das representações sociais é utilizada, principalmente, no sentido de compreender os mecanismos que um grupo social pode utilizar para reproduzir e construir uma ideologia.

As representações da mídia sobre os jogadores de futebol no Brasil sofrem influência do imaginário social, que vincula as concepções da construção do mundo social às representações sociais em relação aos mecanismos de defesa que determinados grupos empreendem para manterem determinadas situações, privilégios ou discriminações no futebol brasileiro.

Os dados foram coletados junto aos principais jornais das épocas em que foram realizadas as Copas do Mundo selecionadas. O período observado compreende em cada Copa a data do primeiro jogo do Brasil até duas semanas após a competição. São analisadas as notícias veiculadas pela mídia escrita que emitam juízo de valor em relação

aos jogadores brasileiros. Além das notícias, entrevisto 5 repórteres da Rede Globo, a saber: Sérgio Noronha, Luís Mendes, Tino Marcos, Ilan, Carlos Gil. Entrevisto também o jogador Jair da Rosa Pinto que disputou a final da Copa de 50.

A etnometodologia

A etnometodologia é uma corrente da sociologia, surgida na Califórnia nos anos 60. A obra de Harold Garfinkel – *Studies in Ethnomethodology*,⁵² é considerada como o marco inicial nesta corrente. Ela provoca uma reviravolta na sociologia tradicional, pois, além da concepção singular da construção social, ataca exatamente a maneira como os dados são recolhidos e tratados. Para a etnometodologia, a abordagem quantitativa que só se preocupa com a entrada e a saída dos dados sem observar o processo como eles são construídos não reflete adequadamente o modo de construção da realidade.

A nova corrente representa uma ruptura com os modos de pensamento da sociologia tradicional, tanto na perspectiva da pesquisa quanto na postura intelectual do pesquisador. Admite por hipótese que todos somos sociólogos em estado prático, de modo que o real se acha compreendido e descrito pelas pessoas comuns e que cada grupo social é capaz de compreender-se, comentar-se e analisar-se.

O *corpus* da pesquisa etnometodológica é o conjunto dos etnométodos. A palavra *etno-metodologia* significa o estudo dos etnométodos, e não uma metodologia específica da etnologia. A etnometodologia é o estudo dos métodos de que todo indivíduo se utiliza para descrever, interpretar e construir o mundo social.

Garfinkel derivou o conceito de etnometodologia da tradição de etnobotânica, etnofísica e etnomedicina.

⁵² GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge, England: Polity Press, 1984.

Etno sugere que um membro dispõe do saber de senso comum de sua sociedade enquanto saber do que quer que seja. Etnométricos então compreendem uma lógica do senso comum. Etnometodologia, para o autor, corresponde a um raciocínio sociológico prático, empregado pelos membros comuns da sociedade, observados na gestão corrente de seus negócios diários.

A etnometodologia privilegia as abordagens microssociais dos fenômenos, dando maior importância à compreensão do que à explicação. Enquanto a sociologia tradicional despreza as descrições que os atores fazem dos fatos sociais que os cercam, entendendo que essas descrições são por demais vagas, a etnometodologia valoriza exatamente essas interpretações que passam a ser o objeto essencial da pesquisa.

Portanto, o ator passa a ser concebido como autor, pois o papel que ele representa não é imposto pela sociedade, mas construído também por ele a partir das interações que agencia no seu dia-a-dia, no aqui e no agora. Desta maneira, ele não é tratado como um idiota social. Suas descrições e a compreensão que tem da realidade são, em última instância, o cerne dos estudos da etnometodologia.

Garfinkel tem em Talcott Parsons e Alfred Schütz (da fenomenologia social) suas fontes principais. Ao criticar a *teoria da ação* de Parsons, introduz a noção de que o ator social “*não é somente esse incapaz de julgamento que se limitaria a reproduzir - sem ter consciência disso - as normas culturais e sociais que, previamente, teria interiorizado*”.⁵³

Parsons propôs que as motivações dos atores sociais são integradas em modelos normativos que regulariam as condutas e as apreciações recíprocas. No quadro dessa proposta, um sistema interiorizado e inconsciente governaria os nossos comportamentos e nossos pensamentos.

⁵³ *Apud* COULON, Alain. Etnometodologia e educação. Petrópolis: Vozes, 1995b, p. 24.

Os símbolos tomariam sentido em totalidades como a linguagem, que preexiste a nossos encontros, como sistema de referência e como recurso eterno, inexaurível e estável. Parsons passa por uma reinterpretação no que se refere ao caráter normativo. Assim, para a etnometodologia, a relação entre agente social e situação não se deve a conteúdos culturais nem a normas, mas será produzida por processos de interpretação.

Para Parsons o ator submete-se às normas sociais, que, por sua vez, determinam suas ações. O ator fica, então, privado de *reflexividade* e, por esta razão, é incapaz de analisar sua relação de dependência a esse conjunto de normas. Ao invés de considerar a reflexividade como obstáculo, Garfinkel coloca-a como primeira condição para compreender a ordem social. O ator deixa então de ser concebido como se agisse exclusivamente segundo um sistema de normas. Tais normas estão presentes e o influenciam; entretanto, ele interage com elas interpretando-as, ajustando-as às contingências e modificando-as.

A partir de e em oposição a Parsons, Garfinkel concebe o ator como sujeito ativo na construção da realidade, introduzindo o conceito de reflexividade. De Schütz incorpora a tese da *reciprocidade das perspectivas*,⁵⁴ ou seja, para Schütz, o mundo social é o mundo da vida cotidiana, intersubjetivo, o mundo das rotinas. Apesar de os indivíduos nunca terem experiências idênticas, pois cada um deles tem um modo próprio de interpretar, eles supõem que as experiências sejam idênticas, para fins práticos.

É Schütz quem apresenta a noção de compreender (*verstehen*) em contraste com explicar, e quem propõe o estudo dos processos de interpretação que utilizamos em nossa vida de todo dia, para darmos sentido às nossas ações e às ações dos outros.

⁵⁴ SCHÜTZ, A. *Collected Papers*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1962.

Segundo a compreensão de Schütz, a linguagem esconde todo um tesouro de tipos e características pré-constituídos de essência social, que abrigam conteúdos inexplorados. O mundo social é vivido por pessoas que não têm nenhum interesse teórico, *a priori*, pela constituição do mundo: é um mundo intersubjetivo, de rotinas, em que a maioria dos atos da vida são, em geral, realizados maquinalmente.

A realidade social é a soma total dos objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivido pelo pensamento de senso comum de pessoas que vivem juntas numerosas relações de interação. Nós, agentes no cenário social, vivemos o mundo como um mundo ao mesmo tempo de cultura e natureza, não como um mundo privado, mas como um mundo intersubjetivo, ou seja, que nos é comum, que nos é dado ou que é potencialmente acessível a cada um de nós. Isso implica a intercomunicação e a linguagem.

O conhecimento intersubjetivo se verifica porque as pessoas idealizam o mundo, trocando pontos de vista e pressupondo que há razões comuns que os movem a determinados tipos de comportamento e não a outros. A tese da reciprocidade das perspectivas permite compreender o caráter social da estrutura do mundo-vida de cada um. Vemos juntos a ‘mesma coisa’, a despeito de diferentes lugares sociais, de diferenças de sexo, idade, etnia e condição econômica. Por um processo de permanente ajuste, dissipamos nossas divergências de percepção do mundo. De fato, isso só acontecerá se houver uma perspectiva de consenso, ou seja, um desejo de partilhar o mundo social.⁵⁵

Para a etnometodologia, deve-se, em primeiro lugar, levar em conta o ponto de vista dos agentes sociais, “*pois é através do sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, que os atores constroem seu mundo social*”.⁵⁶

⁵⁵ Sentidos e significados tidos-como-partilhados pelo grupo, já que existe o desejo de ajuste permanente.

⁵⁶ COULON, Alain. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995a, p. 15.

O conhecimento das práticas sociais é adquirido na experiência imediata, nas interações do dia-a-dia. O interacionismo simbólico, com a popularização dos métodos qualitativos de pesquisa de campo, adequados para estudar as reviravoltas sociais rápidas é uma fonte da etnometodologia. Em oposição a Durkheim, que considera as descrições dos atores sociais muito vagas, para terem valor sociológico, a etnometodologia toma as concepções dos agentes sociais como objeto essencial da pesquisa. Ela vai contra a estratégia de retirar dados de seu contexto a fim de torná-los objetivos. Insiste em que os recursos técnicos criam uma certa distância, afastam o pesquisador, em nome da própria objetividade, do mundo social que deseja estudar. Afirmar que na experiência imediata da interação de todos os dias é que nos é concedido o autêntico conhecimento sociológico, levando em conta, em primeiro lugar, o ponto de vista dos agentes sociais. Eles é que controem seu mundo social através do sentido que atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam.

A etnometodologia se interessa pelo papel criativo desempenhado pelos agentes na construção de sua vida cotidiana. Devota atenção especial aos pormenores dessa construção. Funda-se na tradição teórica segundo a qual os objetos sociais são construídos. Para a etnometodologia, damos sentido aos objetos no decurso de nossas interações. Mesmo os significados que gozam de estabilidade no tempo devem ser renegociados a cada nova interação. Interação é a ordem negociada, temporária, frágil, que deve ser permanentemente reconstruída a fim de interpretar o mundo.

Devem-se considerar os fatos sociais como realizações práticas. O fato social é um produto da contínua atividade dos seres humanos, que aplicam seus conhecimentos, processos, regras de comportamento, cuja análise constitui a verdadeira tarefa do pesquisador.

Garfinkel vai se interessar exatamente pelo estudo das atividades práticas dos agentes sociais, em particular, do raciocínio prático que eles produzem.

Mostra que “*os procedimentos de raciocínio do senso comum são idênticos àqueles que presidem a atividade científica*”.⁵⁷ Tanto os cientistas como os atores sociais têm problemas para serem elucidados e fazem isso utilizando-se de uma *linguagem natural*, que apresenta uma série de termos indiciais. Esses termos indiciais aparecem na rotina do dia-a-dia e fazem com que a atitude natural dos agentes sociais, ao interagirem, transformem em familiaridade aquilo que era estranhamento. Ou seja, aquilo que é visto não é mais notado, pois os agentes em interação pressupõem e compartilham a visão de um mundo que é evidente. A função do pesquisador é ir ao enalço das características dos acontecimentos do dia-a-dia e analisar essa metodologia empírica que dá sentido às atividades dos agentes sociais em interação.

Neste trabalho, a etnometodologia é utilizada como ponto-de-apoio para a compreensão do papel da mídia na construção de representações sobre os jogadores do futebol brasileiro. Os principais conceitos utilizados são: a relatabilidade, a indicialidade, a reflexividade, a noção de membro, as formas normais cristalizadas e o caráter prospectivo e retrospectivo dos acontecimentos.

Procurou, na análise das entrevistas, captar o que acontece no dia-a-dia dos repórteres esportivos. Minha atenção está localizada nos bastidores, no que se fala na redação do jornal, nos vestiários, nas concentrações e que não vem à tona de forma clara nas notícias veiculadas oficialmente. Existe um tesouro a ser analisado nesse cotidiano empreendido pelos atores do futebol brasileiro.

⁵⁷ Cf. COULON. Alain. Op. cit., 1995b, p. 16.

Representações sociais

Representações Sociais (RS), segundo Jodelet, são “*uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*”.⁵⁸ Nessa conceituação, pode-se verificar a evolução no conceito das RS, a partir da contribuição de diversas formas de pensar a construção das idéias pelo grupo social.

Não há distinção entre representações individuais e representações coletivas. O indivíduo é influenciado mas também influencia a sociedade. É importante destacar a observação, em cada caso, do contexto e dos fatores que influenciaram determinado fato ou ação social. Jodelet diz que as RS são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e “*partilhada*”. Ou seja, efetivamente, as RS são socialmente elaboradas; não obstante, elas também são partilhadas. Dessa forma, partilhar indica que os indivíduos são dotados de vontade. Ao partilharem uma regra, por exemplo, eles a adaptam às circunstâncias. Esta idéia de conduta cotidiana dos indivíduos é carregada de significação cultural. Assim, sociedade e *idéias* se condicionam mutuamente.

Esta visão é reforçada com o termo ‘senso comum’. O mesmo processo de abstrações, formalizações, categorizações, generalizações que os cientistas utilizam em seus estudos, o cidadão comum também realiza nas suas ações. A preocupação principal é compreender como os agentes sociais controem suas representações.

Jodelet incorpora essa idéia ao dizer que as RS são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo “*uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*”.

⁵⁸ JODELET, Denise. Représentations sociales: phénomènes, concept et théorie. In: FARR, R. & MOSCOVICI, S. (Orgs). Social Representations. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 36.

A linha interpretativa deste trabalho sugere, no entanto, uma outra maneira de se encarar o conhecimento que é construído na sociedade. Esse conhecimento, idéias, visões de mundo, senso comum, serão abordados, a partir de agora, não mais no sentido de que eles expressam ou representam a realidade, e sim no sentido de que eles constroem e causam a realidade.

Rorty⁵⁹ introduz a noção de que a linguagem não apenas representa ou expressa a realidade, mas, de fato, a contrói ou contribui para a sua construção. A linguagem é capaz de criar a realidade à medida em que vai se estruturando e se movimentando no sujeito. Através das palavras criamos uma imagem de discurso em nossa mente que, quase sempre, não representa exatamente a imagem de discurso do interlocutor. Entretanto, a *reciprocidade das perspectivas* permite que os indivíduos busquem uma maneira de construir a realidade colocando-se no ponto de vista do outro.

Acontece, portanto, um descentramento do indivíduo, pois, ao interagir com a sociedade e com os outros, ele se coloca numa situação de troca de experiências, sem estar abstraído da realidade, nem apenas destinado a reproduzi-la.

Representações & imaginário social

As representações não só manifestam as tendências do grupo a que estão afiliados os sujeitos, mas também expressam a realidade intra-individual, e nesse sentido são estruturas estruturantes. Existe transformação social a partir do próprio indivíduo nas interações que ele realiza todos os dias em suas atividades, pois existe aí um poder de transformação e criação que está vinculado à sua afetividade, à sua linguagem, às suas relações. Ou seja, as representações sociais precisam ser remetidas ao contexto em que se

⁵⁹ RORTY, Richard. Contigência, ironia e solidariedade. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

dão para que se possa compreender o processo de sua gênese, mas não só a ele. É necessário observar também a perspectiva temporal.

Para Spink, a gênese de uma representação pode-se dar: (a) no tempo curto, isto é, nas interações do cotidiano; (b) no território do *habitus*, ou seja, o tempo vivido que abarca o processo de socialização; (c) e no tempo longo, ou do imaginário social. Diz que “*estes conteúdos que circulam na sociedade podem ter sua origem tanto em produções culturais mais remotas, constituintes do imaginário social, quanto em produções locais e atuais*”.⁶⁰

É nessa perspectiva que no trabalho ora desenvolvido indago como se constituem as representações e interpretações realizadas pela mídia em relação aos jogadores brasileiros. Por um lado tento compreender como se interpreta e se descreve a participação dos jogadores do futebol brasileiro; por outro, procuro mapear essas representações.

Este trabalho privilegia o tempo do imaginário social, ou seja, o tempo longo a que se refere Mary Spink, o qual abarca os mitos, os objetos com uma longa história estabelecida, as crenças que são passadas de geração em geração e se constituem no território do *habitus* mas têm sua origem em tempos mais remotos e se manifestam, através da linguagem, nas atividades dos agentes sociais.

É imprescindível observar que esses três tempos mencionados por Spink concorrem concomitantemente para a edificação das representações sociais. Teves, em relação à interpretação do cotidiano, diz:

“Entenda-se por cotidiano o conjunto complexo que vai muito além do imediato, do empírico, do sensível, do atual, do perceptível. Enquanto conjunto, ele engloba o vivido, a subjetividade, as emoções, os hábitos, os

⁶⁰ Cf. SPINK, Mary Jean. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A. & JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). 1998. Textos em representações sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 122.

afetos e ainda, as abstrações e imagens criadas e mantidas por aqueles que ali convivem”.⁶¹

Para Teves, a vida cotidiana não pode ser tratada como um subsistema no interior de um sistema mais amplo, pois, de fato, ela é a base sobre a qual o sistema representacional se constitui.

Votre⁶² esclarece que após o uso repetido dessas expressões metafóricas elas se transformam em senso comum e aí se reificam, ou seja, a partir do uso constante tornam-se metáforas adormecidas; o que é visto passa a não ser mais notado. Por conseguinte, os indivíduos acabam por agir sem se darem conta de que estão refletindo e construindo o seu mundo social. Este caráter reflexivo está presente em seus relatos, mas os atores sociais não se dão conta dessa reflexividade, pois eles não se preocupam em teorizar, agem, principalmente, com o objetivo de interpretar o mundo de forma prática. Desta forma, há uma diferença entre o processo de objetivação que o indivíduo do senso comum realiza no seu dia-a-dia e o processo de objetivação feito pelo pesquisador. Esta diferença encontra-se na preocupação do analista em observar a reflexividade dos relatos dos agentes sociais e promover uma análise desses relatos. O pesquisador deve se esforçar para compreender e identificar aquilo que nos escapa no nosso dia-a-dia.

Objetivação das metáforas

Pierre Bourdieu,⁶³ ao fazer alusão à observação participante (referindo-se ao interacionismo) em tom de crítica, diz que o pesquisador deve proceder a uma *objetivação*

⁶¹ TEVES, Nilda. Jogos escolares: a responsabilidade social do professor de educação física. In: VOTRE, S. J. et al. Cultura, atividade corporal e esporte. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1995, p. 46.

⁶² VOTRE, Sebastião Josué. Etnografia da representação social em atividade físico-esportiva. In: VOTRE, S. J. (Org.). Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto - INDESP, 1998.

⁶³ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa, Difel, 1989.

participante e não a uma observação participante, que o leva a se envolver demasiadamente com os membros, fazendo com que ele perca a visão crítica dos fenômenos. O processo de objetivação busca assim tornar concreto aquilo que é abstrato. Há que se enfatizar a distinção necessária entre raciocínio do indivíduo do senso comum, e o esforço de objetivação do pesquisador.

O que se propõe, então, é uma objetivação por parte do pesquisador e não uma objetividade. Não se trata de extrair os dados indiciais e transformá-los em dados objetivos. A objetivação deve ter em conta o mergulho no contexto para interpretar e descrever tais dados; entretanto, esse mergulho deve dar-se de tal maneira que o pesquisador não perca a visão em perspectiva.

De acordo com Moscovici e Hewstone,⁶⁴ a objetivação das representações sociais se processa através da figuração, ontologização e da personificação. A figuração traduz conceitos em imagens e a ontologização atribui características de coisas ou seres às idéias e às palavras - por exemplo, quando a comunidade coloca um nome em uma epidemia de gripe (Tiazinha, Hilda Furacão etc.), ou em um fenômeno da natureza (El Niño), ela está de fato realizando um processo de objetivação ao traduzir o conceito da doença numa imagem à qual foi atribuída determinadas características. Tal fenômeno também ocorre no futebol.

Em 1998 a mídia utilizou a metáfora *amarelão* para criticar o jogador Ronaldo. Em 1950 a imprensa utilizou as metáforas *sem fibra*, *sem raça*, *acovardados*, para avaliar a participação de determinados jogadores da seleção brasileira após a derrota para o Uruguai.

⁶⁴ MOSCOVICI, S. & HEWSTONE, M. De la science au sens commun. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). Psychologie sociale. Paris, PUF, 1984.

Lakoff e Johnson⁶⁵ aduzem que as metáforas são expressões do próprio processo de pensamento e não apenas figuras de estilo ou de retórica. Para eles é freqüente numa cultura que conceitos mais abstratos sejam metaforicamente estruturados a partir de conceitos mais concretos.

⁶⁵LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

Tais conceitos produzem sentidos e são fatores estruturantes da experiência, ou seja, constroem a realidade.

Além dos processos de figuração e ontologização, Moscovici e Hewstone apontam o processo de personificação como sendo aquele que associa determinada teoria, evento, fenômeno, a um rosto que se torna símbolo. Na Copa de 1990, o esporte brasileiro de futebol ficou conhecido como o time da ‘Era Dunga’. A figura do jogador Dunga representou para a população a personificação daquela equipe. As Copas de 1982 e 1986 ficaram conhecidas como as da ‘Era Zico’; as Copas de 1958, 1962 e 1970, as da ‘Era Pelé’.

ZICO



DUNGA



PELÉ



Universos de significados compartilhados como unidade de análise

A necessidade de não reduzir a compreensão dos fenômenos sociais ao sentido individual que os agentes controem leva-me a trabalhar com a idéia de que a subjetividade não é apenas individual, mas, sobretudo, coletiva. A vida social é uma construção interpretativa dos indivíduos, mas eles não estão isolados uns dos outros, nem das instituições sociais. Assim, neste trabalho, uma categoria chave para compreender o objeto de estudo é a unidade de análise. Ou seja, como devo dividir a realidade para compreendê-

la? Que elementos devo utilizar para analisar o processo de entrada, ascensão e consolidação dos negros e mestiços no futebol brasileiro e os mecanismos de sustentação por parte da classe hegemônica?

Se fosse trabalhar apenas com a subjetividade individual, tenderia a ver os indivíduos de forma muito mais autônoma e independente das instituições sociais do que, no meu ponto de vista, de fato, são. No extremo, poderia até admitir indivíduos preexistentes à sociedade. Esta seria uma concepção calcada nas idéias de que o indivíduo é a célula fundamental da sociedade. De forma a maximizar seus interesses, num determinado momento, os indivíduos fundariam a sociedade.⁶⁶

Esse individualismo metodológico não me permitiria adentrar as estruturas da linguagem midiática como instrumento de poder. Bem como não me permitiria trabalhar com elementos do imaginário social, já que a memória social seria posta de lado, visto que, nesta concepção metodológica, é o aqui e o agora, ou seja, a interação reduzida ao imediato que importa.

Por outro lado, colocar a sociedade preexistente aos indivíduos é, no outro extremo, tornar o indivíduo totalmente determinado pela ordem cultural e moral já preexistente, da qual ele só tomaria parte reproduzindo-a.

Por conseguinte, não me interessa aqui por entender o indivíduo ou a sociedade isolados um do outro, mas como se relacionam. Não posso abandonar a força da ação dos indivíduos na reprodução e transformação da sociedade, no entanto, a unidade de análise utilizada neste estudo não é o próprio indivíduo e sim os **universos de significados compartilhados**, que são construídos pelos indivíduos nos seus diversos grupos sociais, durante as interações, sobretudo no plano simbólico.

⁶⁶ Ver Hobbes e Locke.

Assim, o foco deste trabalho é analisar as teias de interação que fazem a mediação entre o indivíduo e a sociedade. A interação é essa ‘ordem’ frágil que precisa ser continuamente renegociada e que propicia a constituição dos universos de significados compartilhados.

Este conceito permite-me trabalhar com a herança da razão individual, da ação dos indivíduos, mas também utilizar elementos do imaginário social e do processo de socialização (território do *habitus*) já que a ação individual se exerce em certa medida a partir das memórias sociais que são compartilhadas no cotidiano.

Como fatores na reprodução e transformação social, mantenho a criatividade (a ação dos indivíduos), bem como a memória social, e não destaco esta das relações com as subjetividades coletiva e individual. Desta forma, não apenas os indivíduos interagem entre si, mas as coletividades têm impacto umas sobre as outras.

Em princípio, os humanos utilizam-se da língua para interagirem, fazerem as coisas acontecer, moverem-se reciprocamente a atuar. Nesse sentido, a língua é um instrumento de construções de novas realidades, no próprio ato de comunicação. Nesse processo, parte substancial da língua caracteriza, qualifica, descreve, ‘pinta’ o mundo real. O que implica o plano sensível, perceptível, ‘concreto’ do real. Para os inúmeros casos em que queremos caracterizar coisas mais abstratas, como sentimentos, qualidades morais ou de qualquer outra natureza, fazemos derivações.

Aqui entram os planos imagéticos, com mecanismos em que transferimos, para a nova entidade, traços que estavam nas entidades de base, ou de ponto de partida. É o caso da cor amarela, fisicamente detectável, com sentidos codificados, na cultura, como nacionalismo, cor da bandeira, no tráfego, etc. Entretanto, o verbo dele derivado, *amarelar*, está associado estreitamente a uma avaliação de caráter negativo, em que queremos

desqualificar alguém com sentido daí derivados, nem sempre de forma transparente. Caberia, portanto, em cada caso identificar o status da palavra avaliativa para ver se se trata de palavra primitiva ou derivada. Supostamente, é nas derivadas que se incluem as avaliações pejorativas, ou laudatórias, com traços que o contexto lhe confere. Assim, de tremer, cujo sentido é próximo a vibrar num ritmo próprio, derivamos tremedor, que será negativo, se utilizado num contexto em que alguém está sendo caracterizado como não correspondendo às expectativas.

Um outro exemplo, em que se trata de derivação entre substantivo e adjetivo, sem a interferência do verbo, é o caso de frio, de que derivamos frieza. Enquanto frio é, inicialmente, denotativo, em frieza percebemos o traço avaliativo personalizado, quando o atribuímos a pessoas. Assim, podemos dizer que o goleiro Dida é frio, no sentido de concentrado. Já falar de sua frieza é avaliá-lo mais enfaticamente. E assim por diante. Por exemplo, de calcular derivamos cálculo, neutro, mas calculista é pejorativo. A linguagem é, portanto, criada e recriada pelo grupo em interação, constituindo e sendo constituída por universos de significados compartilhados.

Habitus e reprodução

Bourdieu e Passeron em - *La reproduction. Eléments pour une théorie du système d'enseignement*,⁶⁷ definem a noção de reprodução no campo da educação, ao se referirem ao processo de inculcação pedagógica que exerce uma violência simbólica. Eles dizem que essa reprodução não se dá de forma tranqüila e que essa relação é uma relação de força, na qual a violência está presente, mas é dissimulada pela comunicação pedagógica.

⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. & PASSERON, J-C. *La reproduction. Eléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Editions de Minuit, 1970.

Os autores indicam que a escola transmite a ideologia, o saber e a cultura das classes dominantes e acaba por hierarquizar as classes, tendendo assim a reproduzir esta classificação social existente. Este processo gera um *habitus* que é ‘durável’, ‘transponível’ e ‘exaustivo’. Assim, o sistema educacional acaba por perpetuar a estrutura das relações de classe.

O *habitus* tende então a reproduzir “o sistema das condições objetivas das quais é o produto”.⁶⁸ O *habitus* engendra um processo pelo qual a reprodução passa despercebida, pois a comunicação dissimula a relação de poder e a violência simbólica existente nas relações humanas.

Conforme Coulon, “o *habitus* é um princípio silencioso de cooptação e reconhecimento que opera as classificações”.⁶⁹ Poder-se-ia então tentar compreender como determinadas discriminações são perpetuadas silenciosamente, a partir do conceito fornecido por Bourdieu de que o *habitus* é um conjunto de

“esquemas geradores de classificações e práticas suscetíveis de serem classificadas que funcionam na prática sem ter acesso à representação explícita e são o produto, sob forma de disposições, de uma posição diferencial no espaço social”.⁷⁰

O conceito de *habitus*, da maneira como Bourdieu o concebe, é insuficiente para compreender como os processos de ruptura ou transformação acontecem na sociedade. O *habitus* faz com que compreendamos a maneira pela qual os valores são reproduzidos. Por um processo silencioso, os indivíduos compartilham valores que fazem com que se reconheçam e se aglutinem. Desta forma, geram-se práticas que tendem a reproduzir um

⁶⁸ Ibidem, p. 9.

⁶⁹ COULON, Alain. Op. cit., 1995b, p.151.

⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. & PASSERON, J-C. Op. cit., p. 9.

conjunto de crenças e valores. Entretanto, este conceito não dá conta do que se passa nos outros níveis de representação.

Quando me refiro a outros níveis de representação, faço-o no sentido de verificar o que acontece no dia-a-dia, nas interações cotidianas, ou seja, observar os elementos funcionais e não apenas os elementos normativos.

O *habitus* em Bourdieu focaliza os elementos centrais da representação e como diz Coulon: “*a onipresença do habitus na sombra de nossas ações cria problema: parece que o ator de P. Bourdieu não é influenciado pelas diferentes aprendizagens a que é submetido. Seu destino parece traçado de antemão*”.⁷¹ Assim, quando me referir à *habitus*, incorporo as contribuições da etnometodologia.

As representações sociais sofrem influências do contexto em que se constroem e do ponto de vista de quem as interpreta. A memória social é constituída no território do *habitus*, que abarca o processo de socialização dos indivíduos. Gera-se uma consensualidade - que define a homogeneidade do grupo. Entretanto, optei por não ser tão determinista para crer que apenas esse processo de socialização é que determina as representações sociais. Não se pode descartar que a influência de forças históricas e econômicas sejam importantes no processo de construção das representações sociais. A perspectiva desenvolvida neste trabalho elabora as idéias tomando como importantes tais forças, mas que a influência que acabam por exercer nos indivíduos está sujeita aos métodos de interpretação que esses indivíduos põem em prática na experiência vivida. Essas representações construídas pelos agentes sociais edificam-se no cotidiano e permitem a integração das experiências e histórias individuais, suportando a heterogeneidade do grupo e as contradições. Tais representações são flexíveis, evolutivas e sensíveis ao contexto imediato, permitindo adaptação à realidade concreta. Por

consequente, o agente social não é um mero reproduzidor das influências que recebe da sociedade. Para Teves,

*“a representação vem não só de ‘fora’, imposta aos sujeitos e suas consciências, sob a forma de idéias e objetos, mas também de ‘dentro’, contemporânea da constituição do sujeito, como indivíduo e ser social”.*⁷²

As representações sociais emergem das atividades estruturantes e principalmente através da linguagem, são simultaneamente estáveis e móveis, rígidas e flexíveis. Estas representações estão de certa forma organizadas e o trabalho a ser feito é compreender essa organização, no sentido de identificar o que dá significado às representações.

A realidade é multifacetária, se institui e se manifesta através das ações e da linguagem que os agentes sociais empregam para realizar seus afazeres. Os dados do conhecimento são construídos, objetivados e ancorados em imagens que façam sentido para os agentes. Esses dados do conhecimento resultam de recortes da realidade. Assim, para nos aproximarmos do conhecimento produzido pelos agentes sociais em interação, é necessário que realizemos perguntas a esse real, que tanto é concreto como abstrato. O mundo é vivido pelo homem de forma real e imaginária e o modo de produção dos sentidos é socialmente instituído. Muitas das ações empreendidas pelos agentes sociais advêm de formações e conceitos interiorizados, crenças cristalizadas, que acabam por naturalizar práticas. O mundo transcende a esfera da natureza-em-si, pois *“toda a sociedade conta com um sistema de representações cujos sentidos traduzem um sistema de crenças que, em última instância, legitima a ordem social vigente.”*⁷³

⁷¹ COULON, Alain. Op. cit., 1995b, p.154.

⁷² TEVES, Nilda. Op. cit., p. 47.

⁷³ TEVES, Nilda. Op. Cit., p. 6.

A produção de sentidos que circulam na sociedade permite a regulação das ações e dos comportamentos. Para o grupo, esses sentidos passam a ter um caráter de ‘verdade’ ao serem disseminados nas interações. No cotidiano, diversas relações se estabelecem de forma ritualizada, que fazem com que pensemos que são naturais. Segundo Teves,

*“É contando com o Imaginário Social que as relações de poder estabelecidas protegem sua legitimidade contra aqueles que a atacam. Visando garantir um lugar privilegiado no domínio dos imaginários sociais, o grupo hegemônico inventa complexos e variados dispositivos de proteção. Isso vai desde produções legais, coercitivas, às formas sofisticadas de formação de opiniões.”*⁷⁴

As palavras de Teves, expressam uma tendência essencial da sociedade à reificação, mas tal reificação, naturalização ou agelicismo, como queiram, jamais se realiza integralmente. Se fosse assim, e o sistema social pudesse transformar os indivíduos em coisas que se movimentam apenas pelas forças do econômico, do imaginário, do *habitus*, ruiria paulatinamente. Existe, portanto, uma tendência à reificação, mas, igualmente, uma luta dos indivíduos e dos grupos sociais contra a reificação.

As opiniões que se formam no processo de estruturação do mundo seguem uma analógica, que é uma forma de compreender o mundo através de interpretações por semelhança, que nas linguagens aparecem como imagens. São essas palavras, essas metáforas, essas imagens, que efetivamente constroem o nosso destino.

O representar e o fazer social

O representar social é constituído por uma dimensão identitária e por outra imaginária. Este representar social não está dissociado do fazer social. Neste trabalho

⁷⁴ Ibidem, p. 7.

observo a construção de idéias, preconceitos, estigmas e tabus que se manifestam na sociedade, de forma a encontrar determinados núcleos que se fixam no fazer social, apontando para a instância do simbolismo, ilustrada na metáfora. Existe também um nível alusivo, metonímico, que se manifesta no agir humano e está numa dimensão do inconsciente. Busco captar as impressões do dia-a-dia e das descrições do aparente, visando compreender os etnométodos que os indivíduos utilizam para construir o seu mundo social. Chamo a atenção para a dimensão de algo que nem sempre é visto e que não é notado. Assim, procuro analisar o literal, mas também o que ele esconde.

O literal

O concreto é a dimensão literal do aparente, é o que nos salta de imediato à vista. A lógica é privilegiada nesta dimensão. A concretude e a objetividade estão estruturalmente organizadas, permitindo ao indivíduo uma percepção, que, na maioria das vezes, se reduz à forma. No entanto, é a forma uma das chaves que nos possibilita compreender o mundo. É a forma que nos permite ler e interpretar. Assim, a compreensão se faz a partir de formas e de criação de novas formas. Por exemplo, as formas *sem fibra*, *sem raça*, *acovardados*, *amarelão* dão expressão e sentido a idéias, ou seja, a forma busca concretizar uma idéia abstrata; a este processo venho denominando de objetivação e ancoragem. Importam mais o processo de uso da forma e os contextos em que é usada, do que propriamente o porquê de seu uso.

Na dimensão do aparente, a forma pode ser vista, mas, por vezes, não é inteligida. O aparente é de extrema importância para compreendermos o mundo e darmos sentido a ele. A inteligência literal da forma é o primeiro passo para níveis de compreensão mais complexos, por esta razão, na compreensão do literal é fundamental que percebamos o

fundo e a moldura, e não apenas a figura. Nesse sentido, é que se diz que forma é conteúdo.

Um exemplo bem a propósito é o Direito, onde temos uma diversidade de códigos e leis. As normas presentes nos ordenamentos jurídicos de cada sociedade precisam ser interpretadas. Por isso, surge no Direito a hermenêutica, a doutrina, a jurisprudência, tendo em vista que o literal, na maioria das vezes, não dá conta de resolver os problemas que surgem na sociedade. Todas as interpretações jurídicas devem estar atreladas ao que o texto diz. Entretanto, a letra da lei não é morta, pois a todo o momento ela é referida a um contexto e a uma situação real. Além disso, uma série de injunções políticas, circunstâncias, relações hierárquicas interferem na interpretação.

Há que se observar o que a forma diz, mas também o que, propositalmente ou não, ela não diz. O problema do aparente é que podemos esquecer que ele é a representação de uma redução. Que redução é essa? Temos necessidade de objetivar nossas idéias abstratas, por isso a concretização das idéias é tão importante para o ser humano. O que permanece opaco nos assusta, não nos permite atuar no mundo. Mas, nem tudo, pode ser reduzido a uma estrutura de percepção imediata e automática.

A despeito de no cotidiano termos de resolver problemas de ordem prática, exige-se de nós que ampliemos nossa percepção de modo a irmos além do literal. É necessário buscarmos o aperfeiçoamento da leitura que fazemos do mundo. O literal não existe sozinho, há um fundo e uma moldura que precisam ser observados.

As coisas mais sutis são compreendidas a partir do concreto, por isso há necessidade de analisarmos o processo de objetivação e ancoragem, e dar um segundo olhar sobre o aparente. Cabe ressaltar que as interpretações acabam influenciando a literalidade.

A metáfora

A metáfora está na dimensão do aparente, mas, já, aí, encontra-se algo que não salta de imediato à nossa vista; algo está oculto no literal. A metáfora é da esfera do consciente? Vejamos a seguinte declaração de um político: “Ali está um crioulo petista que eu quero que vocês dão (*sic*) uma salva de vaia (*sic*) nele”.⁷⁵ Não se pode dizer que tal declaração foi inconsciente. Houve uma intenção, mas qual foi? Os advogados das partes tentarão, a partir do literal, convencer o juiz de que tal declaração foi ou não racista. Roberto Pompeu de Toledo,⁷⁶ em tom de ironia, propõe algumas linhas de defesa para o governador que proferiu tal frase. O cerne da questão está no termo *crioulo*. O governador poderia alegar que quando disse *crioulo*, não se referiu de forma pejorativa. A palavra *crioulo* teria origem no termo ‘criadouro’, que com o tempo perdeu o ‘d’ aqui e um ‘r’ ali, ganhou um ‘l’ e virou *crioulo*. Assim, o governador poderia alegar que *crioulo* significa ‘filho do local’, ‘cria da terra’. Se tal caminho demonstrasse uma defesa forçada, o governador poderia dizer que usou o termo de forma carinhosa. *Crioulo* seria então uma forma carinhosa de se referir a uma pessoa amiga; assim como chamamos a um negro amigo de *Negão*.

A metáfora é uma dimensão do aparente. Ao utilizarmos a metáfora, buscamos objetivar idéias abstratas em algo mais concreto. Dessa forma, ela encobre algo que também é de natureza aparente. Poder-se-ia dizer que esta dimensão reflete o óbvio que se encontra na condição de oculto. Este elemento oculto salienta o aspecto aparente. Quando iniciei minhas primeiras manifestações sobre o tema desta tese, alguns colegas

⁷⁵ Declaração do governador Joaquim Roriz num comício.

⁷⁶ TOLEDO, Roberto Pompeu. Dezesseis palavras que choram. In: Revista Veja. Edição 1738, ano 35, nº 6, de 13 de fevereiro de 2002. Editora Abril. p. 106.

surpreenderam-se e disseram: como eu não havia percebido isso antes?⁷⁷ O aparente sem a parceria com o seu elemento oculto não seria tão aparente.

Como se dá essa análise? Diria que nesta dimensão busca-se a semelhança, ou melhor, a pergunta que se faz é: com o que isto se parece?. Na dimensão do aparente a diferença torna mais simples a observação. Quando opomos branco/preto, alto/baixo, gordo/magro temos mais facilidade de iniciar um processo identitário, conjuntizável, de demarcação. No entanto, na análise por semelhança não há como se trabalhar com a oposição falso/verdadeiro, certo/errado. As nuances que surgirão na análise por semelhança diferem da lógica binária; será uma aproximação. Não existe identidade absoluta nem oposição absoluta.

Temos o significante *sem fibra* que associado aos significantes ‘sem luta’, ‘sem esforço’, ‘sem empenho’, ‘preguiçoso’, ‘displícite’ torna menos opaca a expressão, pois abre portas e possibilidades de serem pensados como estruturas estruturantes da realidade.

De acordo com Derrida,

“Nenhum elemento pode funcionar como signo sem se relacionar a outro elemento que não esteja meramente presente. Esse vínculo significa que cada ‘elemento’ – fonema ou grafema – se constitui por referência aos traços que nele deixam os outros elementos da seqüência”.⁷⁸

O que é *amarelar* (significante)? Ficar amarelo, pálido, doente? Esta é uma possibilidade de associação: amarelar/estar doente. Temos um significante e um significado. Mas e o contexto em que tal metáfora foi utilizada? Será que se colocássemos outros significantes poderíamos ter outros significados? Se associássemos da seguinte

⁷⁷ O ‘isso’ significa a hipótese de racismo presente nas metáforas jocosas.

⁷⁸ DERRIDA, J. Positions. London: Althlone, 1981. p. 92.

forma: amarelar/tremer, amarelar/sentir medo, amarelar/acovardar-se, amarelar/babar, que sentido se construiria?

Na dimensão do aparente o que interessa é o que é. Na dimensão simbólica, o que interessa são as aproximações que podem ser feitas a partir do elemento oculto, que dá a dinâmica ao aparente. Como disse, está próximo, parece, assemelha-se. Não está concluído, revela diferentes nuances e possibilidades de diversas respostas.

Nesta dimensão o fogo arde, a emoção se manifesta, mas ainda estamos na dimensão do aparente. Na análise por semelhança não se deve ficar preso a um único contexto, por esta razão fiz questão de mostrar as possibilidades que o termo *amarelar* poderia adquirir.

A metonímia

Até aqui falamos de formas mais definidas. Objetivamos através da metáfora. Buscamos tornar algo concreto através de imagens. O território que vamos adentrar agora já não trata de um mundo apreensível e capturável através da consciência. As formas são mais fluidas, na dimensão do imaginário, um conhecimento que está retido em nosso inconsciente (e por que não dizer, talvez em nossa memória genética); é o território da intuição. Nesta dimensão não podemos apenas objetivar, há que se utilizar âncoras em que se fixem os objetos. Temos de olhar o mar inteiro e buscar um ponto de ancoragem. O discernimento que ocorre é como um lampejo.

No mundo mítico distinguem-se metadimensões do aparente e do oculto.⁷⁹ O aparente está representado pela terra. Um mundo com formas definidas e claras se apresenta, onde as distinções podem ser visualizáveis. O meio que envolve as formas na

⁷⁹ Cf. BONDER, Neiton. O segredo judaico de resolução de problemas: a utilização da ignorância na resolução de problemas. Rio Janeiro: Imago, 1995.

terra é menos denso que o meio que envolve as formas no mar. No mundo mítico as águas expressam o mundo oculto. Há dificuldade de se olhar o mar por partes, as formas no mar não são tão mais densas que o meio que as circunda. O que dificulta a compreensão nesta dimensão é que é complexo separar a forma de seu meio.

Numa comparação estamos na dimensão do aparente, por exemplo: ‘Ele é como um furacão’. Na metáfora, estamos na dimensão do oculto do aparente, por exemplo: ‘Jairzinho: o furacão da Copa’. Já na metonímia estamos na dimensão do aparente do oculto, por exemplo: ‘O furacão está dormindo’. Tanto na comparação como na metáfora podemos separar a forma do meio. Na metonímia isto não é possível. Nesta dimensão existem segredos que dão sentido ao oculto. É um mundo de esquecimento e de lembrança. Vejamos o seguinte exemplo: ‘Tens uma gilete de aço penteado!’. A geração mais nova talvez não tenha ciência de que gilete não é um sinônimo de lâmina. Os mais antigos sabem muito bem que ‘gillette’ é a marca de uma das lâminas vendidas no mercado; a parte acabou sendo tomada pelo todo. O mesmo acontece quando dizemos que vamos tirar uma xerox. Se não percebermos mais que gilete e aço penteado estão sendo usados como âncoras para dizer que a pessoa fere e corta com as suas palavras a expressão pode passar despercebida. Além disso é necessário observar o contexto, pois, no caso, gilete está substituindo o termo ‘língua’.

Para Votre e Silva,

*“O processo mental de construção de imagens por ancoragem é predominantemente metonímico, se constrói numa relação **em co-presença**. A fonte e o destino da imagem estão presentes, um não substitui o outro. Quem ancora em termos reais e primários, ancora um objeto, uma embarcação em algum ponto do solo, no fundo do mar, lago, rio ou lagoa. Quem ancora em termos imagéticos, ancora algum objeto, conceito, idéia ou relação em outro conceito, supostamente já dado, ou disponível, em algum lugar já conhecido. Logo, a imagem da ferramenta ou instrumento âncora, do objeto ancorado e de seu local de suporte capta perfeitamente a*

*relação entre o novo objeto e o velho, entre o instrumento (a âncora) e seu local de fincamento, ou de aninhamento”.*⁸⁰

Entretanto, por vezes, algo acontece que foi ancorado, mas, literalmente, não faz o menor sentido, e mesmo assim possui significado. Vejamos a expressão ‘é sopa no mel’. Alguns utilizam-na para ilustrar que determinado problema será fácil de resolver, mas o que sopa tem a ver com mel? O contexto então é fundamental para compreendermos a expressão, que é uma corruptela da expressão portuguesa ‘é açúcar no mel’, ou seja, é fácil, é ‘mamão com açúcar’. O mesmo acontece quando alguém que está a se coçar em demasia e um outro diz: ‘é bicho carpinteiro’. Literalmente, não faz sentido, pois também é uma corruptela da expressão portuguesa ‘bicho pelo corpo inteiro’. Temos várias, por exemplo: ‘cor de burro quando foge’ (‘corra de burro quando foge’); ‘cuspido e escarrado’ (‘esculpido em carrara’), entre outras.

*“Um ponto importante é que as duas imagens aqui apresentadas são mecanismos centrados na memória e na experiência dos membros da comunidade discursiva que estão em interação. Permite entender o novo a partir do velho, ou transformar velho concreto em mundo abstrato inteligível aos sentidos, ao transportá-lo para a percepção dos sentidos, para um corpo-sujeito falante, que é no mundo. Se a concretização se dá em presença (ancoragem) ou por substituição (objetivação), é uma questão descritiva”.*⁸¹

Na dimensão metonímica não vamos perguntar: com o que isto se parece?, mas: isto me lembra o quê? Não podemos nos aprisionar no mundo das formas e da lógica racional, pois o meio é tão denso que fica difícil separar a forma do meio. Logo, o contexto imediato e mediato são fundamentais para adentrarmos nesta dimensão. Aqui é a visão do

⁸⁰ VOTRE, Sebastião Josué, SILVA, Carlos A. Figueiredo da. Ancoragem e objetivação no imaginário. In: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001. p. 271.

⁸¹ Ibidem, p. 274.

mar que nos conduz. Não se trata mais da derivação como no caso da metáfora, mas de alusão. O interesse é no processo e não na entrada (o literal) ou na saída (a objetivação). Aqui as hipóteses, as respostas que nos conduzem na pesquisa, estimulam mais e mais perguntas. A cada resposta ou hipótese aventada há que se formular uma pergunta cada vez menos aparente.

O oculto

Neste caso não há espaço para as estratégias da razão. Até que ponto o oculto pode ser acessado pelo indivíduo? A resposta não está na razão, mas sim na ação. Quando nos envolvemos afetivamente com o mundo, procuramos compreendê-lo; não aquele que nos é dado, mas aquele que descobrimos e que edificamos, isto gera um nível de compromisso que nos permite encarnar os sentidos que construímos e que pelos quais somos construídos. Quando internalizamos os processos de construção da realidade, por vezes nos revoltamos, em outras situações preferimos nos aliar aos que têm poder, em outras situações atuamos ativamente na modificação de estruturas. Concretizamos nossas idéias em ações. Nesta dimensão vamos aprender pelo erro, através dos maus julgamentos, dos equívocos: enfim, da experiência.

Nesta dimensão a resposta encontra a sua pergunta. E como somos movidos pela pergunta e não pela resposta, vamos ter de percorrer o caminho e não apenas conhecê-lo.

Neste trabalho proponho uma análise das metáforas. Não foi possível adentrar com segurança no território da metonímia, nem do oculto. Fixo-me em apresentar o literal e as metáforas utilizadas. Associo significantes entre si, e dessa associação resultam significados, que, efetivamente, não esgotam as questões, e talvez nunca as esgotem. As respostas provisórias fornecem-me cada vez mais perguntas. É um desafio que devo assumir. Estou tentando percorrer o caminho e não apenas conhecê-lo. Várias são as

direções, sentidos, significados. Várias são as hipóteses, as idéias, os valores. A frase é antiga, mas cabe aqui: “*O caminho se faz ao caminhar*”.⁸²

⁸² Cf. Paulo Freire.

CAPÍTULO III

ASCENSÃO DOS JOGADORES NEGROS E MISTIÇOS NO FUTEBOL BRASILEIRO

No início do século XX, o futebol era considerado um esporte das elites. Esta representação era na verdade a representação das classes dominantes. Entretanto, com a vitória do Clube de Regatas Vasco da Gama no campeonato carioca de 1923, os clubes aristocráticos alegaram que os jogadores do Vasco eram profissionais com o intuito de excluí-los do campeonato de 1924.⁸³



Clube de Regatas Vasco da Gama campeão Carioca de 1923

⁸³ O Clube de Regatas Vasco da Gama venceu o campeonato carioca de 1923 com uma equipe formada com jogadores da classe operária, incorporando ao seu elenco jogadores negros e mestiços. Fora a primeira vez que um clube com jogadores, na sua totalidade, oriundos das camadas populares venceu um campeonato carioca. O Bangu e o Andarahy já haviam incorporado jogadores negros e mestiços em suas agremiações, mas ainda não haviam conquistado o título.

O livro de Mario Filho – *O Negro no Futebol Brasileiro*,⁸⁴ no entanto, alude à questão da discriminação racial que imperava na época como o fator principal para a exclusão dos 12 jogadores da equipe do Vasco da Gama que haviam conquistado o campeonato. Entretanto, isto é contestado por Antonio Jorge Gonçalves Soares,⁸⁵ quando afirma que as medidas que os clubes aristocratas tomaram contra o Vasco não foram racistas. Ele diz que o objetivo era preservar o ideal do amadorismo. Refuta, assim, as idéias de vários pesquisadores e principalmente as idéias de Mário Filho que teriam servido de fonte primária desses pesquisadores. Por conseguinte, as idéias de Mário Filho são questionadas, principalmente, no que concerne ao núcleo das representações sociais da época.

Mário Filho coloca a questão racial como elemento central no conflito surgido após o campeonato carioca de 1923. Soares, ao contrário, diz que essa questão foi no máximo lateral, ou seja, ao introduzir essa tese, Soares desestabiliza o que era tido como certo em relação ao núcleo das representações.

Se focalizarmos a fase de transição entre o mês de agosto de 1923, quando terminou o campeonato carioca daquele ano, e o final do mês de março de 1924, observaremos que durante esse período, os grandes clubes do Rio de Janeiro iniciaram um processo que eles denominaram como ‘moralização do futebol carioca’. O que causa estranheza é que foi apenas após a vitória do Vasco no campeonato de 1923 que os grandes clubes evocaram, novamente, o *ethos* amador. O movimento exaltava o espírito amador do esporte, a prática desinteressada do mesmo e o ideal amadorístico. Inicialmente, a mídia corroborou as idéias dos grandes clubes; entretanto, com o passar dos acontecimentos, as

⁸⁴ RODRIGUES, Mario Filho. *O Negro no Futebol Brasileiro*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.

⁸⁵ SOARES, Antonio J. G. *Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Gama Filho.

coisas foram se modificando e a ‘moralização’ proposta por esses clubes, revelou-se um artifício que encobria outros interesses.

No dia 8 de março de 1924, o Correio da Manhã noticia que um dos clubes parecia inclinado a não ingressar na AMEA.⁸⁶

“O festejado club do Meyer, o S. C. Mackenzie, parece inclinado a tomar atitudes novas, em face do conflito sportivo. Uma grande maioria dos seus sócios, que se vão reunir em assembléia geral no dia 14, está francamente disposta a desligar o club da Metropolitana. E parece que isso vae ser uma realidade” (Correio da Manhã, 08/03/1924:8).

A partir daí, vários acontecimentos provocaram a cisão no campeonato do Rio de Janeiro. No dia 10 de abril de 1924, O Correio da Manhã noticia que *“Estourou a Primeira Bomba - o Andarahy A. C. DESFILIA-SE!”*. O texto jornalístico esclarece melhor.

“Começaram já a apparecer as consequencias inevitáveis da falta de critério com que se houve a Associação Metropolitana na organização do seu problemático campeonato de football deste anno. Ellas eram fatores, que ninguém de bom senso póde sancionar determinados dispositivos, que envolvam no seu texto obrigações vexatórias para quem as tenha de cumprir” (Correio da Manhã, 10/04/1924:6).

Nesta altura, a própria mídia dava sinais de desconfiança nas ações da AMEA. O restante do texto deixa isso mais claro (inclusive chama a comissão organizadora de comissão desorganizadora).

“É bem a realidade das coisas. A commissão desorganizadora da nova entidade primou pela escolha de disposições inaceitaveis. Com a camouflagé do ‘carater transitorio’ e para attender as injunções de toda sorte, a associação teve a triste necessidade de violar os seus regios

⁸⁶ A Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) foi criada em 1924 pelos 5 clubes (Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu) que se desligaram da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres.

estatutos, formando uma série de 10 clubs, quando não podia fazel-o em face da sua propria lei.(...) Arvorados em apóstolos da moralidade sportiva, não souberam, entretanto, nem ao menos disfarçar o objetivo das suas idéias. A tal commissão desorganizadora quer é ‘outrance’, dominar, asphyxiar e mandar. E só” (Ibidem).

Os clubes fundadores da AMEA uniram-se e criaram um estatuto que exigia dos clubes não fundadores o cumprimento de uma série de cláusulas, além de exigir comportamentos vexatórios e a eliminação dos jogadores que não atendiam às suas exigências.

A mesma estratégia de elaborar novos estatutos já fora aplicada na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, em 1915, com o objetivo de excluir os jogadores que não se enquadrassem no perfil dos *sportmen* ligados aos clubes elegantes. Alberto Silves, na época, como segundo secretário da Liga, iniciara uma campanha para selecionar os elementos que jogavam futebol na Liga Metropolitana. Utilizando o argumento de que o futebol só deveria ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo, por ser o mesmo um esporte violento, Silves, com o pseudônimo de Joffre, publica na revista *Sports*, da qual era o diretor, uma série de artigos que vão gerar uma polêmica que se estende pelo ano de 1916.⁸⁷ Esta polêmica vai influenciar a proposta da Liga concebida como ‘Lei do Amadorismo’, que era até mais discriminatória do que as idéias iniciais de Silves.

De acordo com a ‘Lei do Amadorismo’, não seriam amadores aqueles que:

“tirarem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando como tais todas aquelas em que o indivíduo depende inteiramente de seus poderes físicos, e não dos recursos de sua inteligência; aqueles cuja profissão lhes permita o recebimento de gorjeta; os criados de servir, os empregados (denominados caixeiros) de armazéns de secos e

⁸⁷ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 112-120.

*molhados, vendas ou mercearias; os contínuos, estafetas e serventes em geral; os guarda civis e praças de pret; e, para completar, evitando qualquer esquecimento, os que exerceram qualquer posição, profissão ou emprego que, a juízo do Conselho Superior, esteja abaixo do nível moral e social exigido pelo sport do amadorismo”.*⁸⁸

Todas essas regras parecem ter sido potencializadas em virtude do Andarahy (campeão da 2ª divisão) ter vencido o Rio Cricket (último colocado da 1ª divisão) numa partida extra para ver quem ficaria na 1ª divisão em 1916. O clube elegante desistiu de participar do campeonato no ano seguinte ao ter de medir forças com os clubes ‘impuros’ da 2ª divisão. A 1ª divisão da Liga Metropolitana estava agora com dois clubes que mantinham em seus quadros jogadores operários (negros e mestiços): o Bangu e o Andarahy.

Vários desentendimentos seguiram-se, até que os estatutos aprovados em 1917 conseguiram barrar as propostas da ‘Lei do Amadorismo’. Mesmo assim, ainda havia restrições,

*“aos que tirassem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, aos guarda-civis e praças pret, aos que não tivessem o nível moral exigido pelo amadorismo e aos analfabetos de forma geral”.*⁸⁹

Utilizada com o nome pomposo de ‘Lei do Amadorismo’, tratava-se, de fato, de ‘Lei da Seleção’. Silvares, inconformado, pela interpretação mais flexível que os clubes pequenos conseguiram dar ao regulamento, acaba pedindo demissão da comissão de sindicância da Liga Metropolitana.

⁸⁸ Ibidem, p. 118.

⁸⁹ Ibidem, p. 120.

Será então que as mudanças ocorridas em 1924, apenas sete anos depois, foram em virtude de resgatar o espírito amador do esporte e de moralizar o esporte bretão? Será que os grandes clubes afastariam abertamente o Vasco por motivos racistas?

Para uma equipe de colônia, que havia vencido o campeonato principal do Rio de Janeiro na primeira vez que dele participara, seria importante permanecer junto aos grandes para compartilhar do crescimento que se dava naquela época no futebol do Rio de Janeiro. Desta maneira, o Vasco tentava se enquadrar nas regras da AMEA, entretanto, num determinado momento, ficou claro para os vascaínos que o objetivo era dificultar o seu acesso. Os dirigentes do Vasco da Gama resolveram então não aderir à nova entidade, decidindo participar do campeonato da antiga Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. O Correio da Manhã diz o seguinte:

“Os clubs que se insurgiram agora contra estas humilhações demonstram que têm vontade de dignidade, pois é preferível á viver no meio do fausto de cabeça baixa, a viver entre os pobres, mas sempre de vizeira erguida”
(Correio da Manhã, 11/04/1924:7).

A tese defendida por Soares diz que alguns dos casos explicados como associados a conflitos raciais, seriam melhor entendidos pelo ponto de vista do impasse entre a manutenção do amadorismo e a popularização do esporte, ou seja, uma tensão entre a defesa do elitismo *versus* a popularização do futebol. Soares baseia sua conclusão na falta de elementos empíricos que ratifiquem a hipótese de conflito racial.

Creio que a valorização do *ethos* amador, além de já trazer implícita uma ordem de exclusão, visa, através de um discurso articulado e fundamentado em pressupostos científico-sociais, eliminar do esporte aqueles que não possuíam a ‘moral’ estabelecida na época, que dificultava a inclusão dos operários (negros e mestiços) no esporte bretão. O

aparecimento do *ethos* amador é uma forma de introduzir um símbolo de diferenciação social e surge como um valor da aristocracia cortês.⁹⁰

O jornal Correio da Manhã já dizia que *“isso de sport no football, é um idealismo que está muito longe da verdade”* (Correio da Manhã, 08/04/1924:6). Interpretei o termo *sport* aqui no âmbito do ideal do amadorismo. Àquela época, os clubes necessitavam das rendas dos jogos para desenvolver o futebol. Assim, de um lado temos a questão do *ethos* amador para os jogadores, mas uma necessidade dos clubes arrecadarem; e, de outro, a ascensão dos jogadores que não pertenciam à aristocracia, principalmente, negros e mestiços. Vejamos o Correio da Manhã um dia depois do Vasco da Gama enviar um ofício à AMEA desistindo de participar de seu campeonato:

“As resoluções da Associação Metropolitana, conhecidas hontem e relativas ao próximo campeonato de football, deixaram muito má impressão. (...) A seleção de qualidade no seio de uma corporação é sempre antipathica e odiosa, e se, ao começo de sua vida a associação Metropolitana entra por esse caminho ingrato de separar, frizantemente, sob a mesma bandeira, bons e muito bons, então, ella terá de lutar, permanentemente, com dificuldades extremas” (Correio da Manhã, 08/04/1924:8).

A seleção de qualidade a que o texto se refere não se limita aos clubes, mas atinge também os jogadores, o que ratifica uma ordem de exclusão presente nas concepções dos líderes da AMEA.

O núcleo de uma representação:

“é determinado, de um lado, pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém com este objeto e, enfim,

⁹⁰ Cf. ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

*pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo”.*⁹¹

A identificação do núcleo é que permite um estudo comparativo das representações. Duas representações sociais diferentes requerem dois núcleos diferentes para se organizarem. Surge então uma questão fundamental: existiriam na época dois núcleos de representação ou apenas um que ainda não foi identificado completamente? Abric nos ilumina quando diz que:

*“A simples identificação do conteúdo de uma representação não basta para o seu reconhecimento e especificação. A organização deste conteúdo é essencial: duas representações definidas por um mesmo conteúdo podem ser radicalmente diferentes, caso a organização destes elementos, portanto sua centralidade, seja diferente”.*⁹²

Temos então um conteúdo que se exprime nas metáforas: *sport, ethos* amador, ideal amadorístico, popularização do futebol, processo de ‘moralização’ do futebol, investigação social; e ainda as práticas de criação de uma nova liga pelos clubes aristocráticos, imposição de normas rígidas por parte da nova entidade, exigência de um estádio para o Vasco poder ingressar na AMEA, desistência do Vasco e de outros clubes em ingressar na AMEA. Este é o conteúdo das representações. Fica a pergunta: como ele estava organizado? Considerar que essas representações estavam organizadas unicamente em torno da idéia de manutenção do ideal amadorístico e colocar a questão racial como um fator, no máximo, lateral, é excluir da discussão um ponto fundamental para a compreensão do episódio ocorrido em 1923.

⁹¹ ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In:....Moreira, A. S. P. & Oliveira, D. C. (orgs.). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiania: AB, 1998, p. 31

⁹² Ibidem.

De fato, esse ideal ético era um elemento central no projeto identitário do grupo dominante, o que poderia, de outra forma, ser compreendido como um processo de construção discursiva que deixava de lado as contradições sociais e raciais.

A questão racial no Brasil, segundo Muniz Sodré,

*“era discutida mais na base de opiniões e juízos de valor (portanto, com proposições mais éticas, menos factuais) do que de dados demográficos ou políticos-econômicos. As omissões do quesito ‘raça’ nos recenseamentos; as denegações reiteradas por parte de intelectuais, imprensa e senso comum, quanto à existência de uma questão racial; as afirmações de uma cordialidade excepcional entre brancos e negros, etc., tudo isso concorria para reforçar o desejo elitário de amorenamento da população e ocultar a diferença racial como variável significativa no posicionamento social”.*⁹³

A centralidade de um elemento não se prende somente por critérios quantitativos, ou seja, o núcleo de uma representação é antes de tudo, uma dimensão qualitativa. Desta forma, não é a presença repetida de um elemento que define sua centralidade, mas sim o fato de que ele dá significado à representação.

O discurso da década de 1920 permite leituras que ilustram o fato de que a história é tecida a partir das argumentações, dos pontos de vista, das interpretações. Não é uma cena estática, que buscamos captar e, a partir daí, escrever; mas uma cena dinâmica que procuramos interpretar.

⁹³ SODRÉ, Muniz. Op. cit., p. 103.

A hipótese⁹⁴ de que a história construída pelo Vasco foi uma trama com o objetivo de criar uma imagem positiva do clube junto aos seus torcedores, e que o episódio de 1923 pouco teve a ver com a questão do racismo, ainda que o principal motivo do Vasco ter sofrido uma série de exigências para permanecer na AMEA foi a manutenção do *ethos* amador do esporte, é uma tentativa de redescrever a história. Isto vem corroborar a idéia de que a história é uma interpretação. Assim, deixa de ter um caráter normativo para ter um caráter interpretativo.

A rede interpretativa que procuro delinear neste trabalho é que a questão racial não foi lateral e sim uma das principais motivações para a crise que se instalou no futebol carioca daquela época. De fato, faltam elementos empíricos que ratifiquem a hipótese de discriminação racial. Entretanto, os jornais da época (como os de hoje) não utilizavam uma linguagem explícita contra os negros e mestiços e por esta razão há necessidade de se realizar uma análise das metáforas aplicadas para redescrevermos o processo de discriminação silenciosa. O Correio da Manhã ao dizer que *“da Amea só fará parte o elemento são, puro”* (Correio da Manhã, 08/04/1924:7), refere-se a comentários dos dirigentes da nova entidade. De que maneira poderíamos interpretar esta colocação? A princípio, interpretei esta frase como uma tentativa de eugeniização do futebol carioca, que de certa forma acompanhava o movimento eugênico da medicina social no Rio de Janeiro.

Ao analisar a ideologia do ‘embranquecimento’ no Brasil, Sodré diz que:

“a aspiração ao embranquecimento, materializada em discursos doutrinários que perpassavam a medicina, a antropologia, a educação, era no fundo uma tentativa de preservar-se a discriminação contra efeitos colaterais da Abolição da Escravatura. Como ideologia, alimentou os

⁹⁴ Cf. SOARES, Antonio J. G. Racismo conta o Vasco e a fundação da AMEA: uma história de identidade. In: VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. 6., 1999, Rio de Janeiro. Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física: Editoria Central da Universidade Gama Filho -IHGB, INDESP, 1999. p. 139-145.

*dogmas da superioridade racial, do determinismo climático, da geopolítica e da filosofia eugenista, que redundaram em instituições como a Liga da Higiene Mental... ”.*⁹⁵

Sodré avalia o papel da mídia e considera que ela constrói uma identidade virtual para o negro que também é um saber de senso comum que se alimenta do imaginário e de uma tradição de preconceitos e rejeições, nascendo daí os estereótipos e folclorizações em torno do indivíduo de pele escura.

O Vasco não foi o primeiro clube a permitir que jogadores das classes humildes e principalmente jogadores de pele escura participassem da sua equipe principal. Tanto que em 2001, no Dia da Consciência Negra, na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, foi conferido ao Bangu Atlético Clube a Medalha Tiradentes por ter sido pioneiro em escalar em 1905 um jogador negro: Francisco Carregal. O pioneirismo do Vasco está em dar as condições necessárias para que esses jogadores desafiassem o poder das equipes brancas.

Ao contratar o técnico uruguaio Ramon Plattero e implementar um regime de treinamento revolucionário para a época, o Vasco construiu uma equipe poderosa, principalmente no aspecto físico. A equipe geralmente perdia o primeiro tempo das partidas, mas no segundo tempo virava o jogo. A condição física dos jogadores ‘camisas negras’, como eram chamados os jogadores do Vasco, era estupenda em relação aos outros jogadores.



A camisa negra

⁹⁵ SODRÉ, Muniz. Op. cit., p. 87.

Com essa equipe o Vasco da Gama venceu o campeonato carioca de 1923 e gerou uma cisão na Liga de Futebol de Desportos Terrestres. Esta característica de virar os jogos no segundo tempo, acabou se incorporando ao imaginário da torcida vascaína, que, ainda hoje, nos estádios do Brasil, com o objetivo de incentivar a equipe, canta o refrão: “ô, ô, ô...o Vasco é o time da virada, o Vasco é o time do amor”.

Ramon Plattero trouxe a herança de seu país em relação à inclusão de jogadores negros em suas equipes. Já em 1916, no primeiro campeonato Sul-Americano, o Uruguai escalou dois jogadores negros – Isabelino Gradín e Juan Delgado – o fato levou a delegação chilena a pedir a anulação da partida em que o Chile foi derrotado pelo Uruguai por 4 a 0, com dois gols de Gradín. Naquela época o Uruguai já escalava jogadores negros em sua equipe.⁹⁶

No campeonato Sul-Americano de 1925, o presidente da CBD, Oscar Costa, recomendou a Joaquim Guimarães que evitasse convocar jogadores negros e mulatos. O técnico convocou a seleção com jogadores do Flamengo e do Fluminense, com o objetivo de ‘preservar a boa imagem do país’. No entanto, arranjam um jeito de convocar Arthur Friedenreich, filho de um alemão com uma negra, então o melhor jogador do Brasil. Apesar das preocupações, essa seleção perdeu o campeonato para a Argentina, em 25 de dezembro, na cidade de Buenos Aires. A Argentina contava com um dos poucos negros que já vestiram a sua camisa; o atacante De Los Santos.⁹⁷

⁹⁶ Cf. GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Tradução Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Britto. Porto Alegre: L&PM, 1995, p. 42.

⁹⁷ Cf. ASSAF, Roberto. Jornal O Globo de 31/08/2001:24-caderno de esportes.



A Argentina campeã em 1925:
o negro De Los Santos é o antepenúltimo, agachado

Diversos interesses nortearam as ações dos vascaínos. Tais ações visavam, principalmente, reagir contra as humilhações que os naturais do país há muito lhes impunham. A ridicularizada colônia lusitana delegou aos negros, mestiços e operários brasileiros o trabalho de defender o seu prestígio, já que eles próprios não estavam habilitados para enfrentar o poderio das equipes brancas do Rio de Janeiro.

A vinda da seleção de Lisboa em 1913, para inaugurar o campo do Botafogo F. C., na rua General Severiano, num jogo amistoso contra a equipe botafoguense, parece ter motivado a colônia a se aventurar no futebol. Três clubes foram fundados. No entanto, apenas o Lusitânia sobreviu e em 26 de novembro de 1915 ele se fundiu ao Vasco da Gama, que na época se dedicava principalmente ao remo. O Lusitânia possuía um departamento de futebol e, ao contrário do Vasco, era um clube eminentemente para a colônia lusa, mas ao ser absorvido pelo clube da ‘cruz de malta’, incorporou a filosofia mais aberta deste.

O desejo de vitórias levou ao recrutamento de jogadores nas áreas suburbanas do Rio de Janeiro, nos campos de ‘peladas’, onde os negros e mestiços também exerciam seu *ethos* amador, já que estavam excluídos do mercado de trabalho. Enquanto escravo, o negro se prestava bem aos propósitos da classe aristocrata. Mas ao lhe serem devidos salários, a situação mudava; era preferível importar mão-de-obra branca. Ou seja, o profissionalismo não era para eles.

Como analisar o episódio de 1923 focalizando a manutenção do amadorismo no futebol se um volume cada vez maior de dinheiro circulava em função dos jogos realizados. Há necessidade de se observar que todo o discurso da época, pautado na preservação do amadorismo também, ou melhor, principalmente, visava excluir negros e mestiços de um mercado de trabalho que emergia.

O discurso científico da época servia como ponto de referência para a elite, no que concerne ao ideal a ser atingido. O conteúdo das representações sociais estava organizado tendo como pé-de-apoio as idéias científicas veiculadas pela mídia. Assim, havia uma representação que prevalecia sobre as outras. Portanto, um núcleo rígido de representação era defendido pela classe dominante, pois era de fato a representação desta que prevalecia.

A questão racial era um elemento central não só nas discussões científicas, mas também na área do esporte. Desta forma, a hipótese de racismo, quando analisada em conjunto com as discussões desenvolvidas tanto nas faculdades de medicina como nas faculdades de direito, parece constituir-se num elemento fundamental para analisarmos aquele momento do esporte nacional.

Como já observara Anatol Rosenfeld,⁹⁸ quase a totalidade dos jogadores daquela época eram estudantes de medicina ou de direito.

⁹⁸ ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. Campinas, SP, Ed. Perspectiva, 1993.

A questão do *ethos* amador *versus* o profissionalismo parece ser o argumento utilizado, para de uma forma sutil criar mecanismos de resistência à participação de um número cada vez maior de jogadores operários (negros e mestiços) no futebol.

O episódio de 1923 é aqui compreendido como uma reação mais organizada do grupo hegemônico contra o que já se manifestava na periferia. O estatuto da AMEA, criado pelos clubes aristocráticos, pode ser interpretado como um instrumento bem adequado à transformação do racismo no Brasil após a escravidão.

Os discursos de aspiração ao embranquecimento da sociedade brasileira, que eram veiculados principalmente pela medicina, antropologia e educação, e reproduzidos pela mídia, são aqui interpretados como tentativas de preservar-se a discriminação contra eventuais efeitos colaterais da abolição da escravatura e que acabaram por influenciar também o futebol brasileiro. *Ethos* amador, ideal amadorístico, eugeniização, são lidos como idéias construídas que visavam dificultar a participação dos jogadores das classes menos favorecidas, negros e mestiços no futebol brasileiro.

Ancorando o puro no *ethos* amador e o impuro no profissionalismo

Claude Flament⁹⁹ diz que os agentes sociais em ação podem considerar que determinadas práticas, que estejam sendo desenvolvidas, são irreversíveis, isto é, o retorno às práticas anteriores é impossível. Por outro lado, os agentes também podem considerar que a situação seja reversível, com a possibilidade de haver um retorno às práticas anteriores, sendo a situação atual temporária e excepcional. Dependendo da interpretação que os agentes realizarem da reversibilidade ou irreversibilidade das práticas, os processos de transformação vão ser de natureza radicalmente diferentes.

⁹⁹FLAMENT, Claude. Op. cit.

Se os agentes considerarem a situação reversível, as novas práticas contraditórias não irão afetar o núcleo da representação, os elementos novos e discordantes serão integrados na representação mas apenas no sistema periférico. A transformação será real, mas superficial.

De outra forma, se os agentes considerarem a situação irreversível, três tipos de transformações poderão acontecer. No primeiro caso, uma transformação ‘resistente’ se dará. Mecanismos clássicos de defesa serão acionados no sistema periférico para que o núcleo não seja questionado. Assim, interpretação e justificação *ad hoc*, ou seja, improvisada, racionalizações, referências a normas externas à representação serão instaurados. Flament fala de ‘esquemas estranhos’, são eles que evitam o questionamento do núcleo. No entanto, ele diz que após um certo tempo, a multiplicação desses esquemas acaba por gerar a transformação desse núcleo.

No segundo caso, acontece uma transformação ‘progressiva’ da representação que ocorre quando as práticas novas não são totalmente contraditórias com o núcleo. A transformação da representação vai se dar sem que o núcleo seja destruído. Esquemas novos vão se juntar ao núcleo anterior e criar um novo núcleo.

No terceiro caso, acontece uma transformação ‘brutal’, ou seja, as novas práticas atacam o núcleo diretamente, sem que o sistema periférico utilize seus mecanismos de defesa. Neste caso, uma transformação completa e direta do núcleo é efetivada o que muda toda a representação.

A análise aqui empreendida, a partir da releitura do episódio de 1923, procura compreender o processo de organização das representações sociais. De um lado temos neste evento um grupo de pesquisadores que colocam a questão racial como elemento

central do conflito; por outro lado, vê-se florescer a hipótese alternativa de que o conflito se deu em virtude de uma questão ética: amadorismo *versus* profissionalismo.

Segundo Flament, as práticas sociais podem nos auxiliar na análise da organização das representações sociais. Se os agentes sociais considerarem as práticas que estão sendo desenvolvidas como reversíveis (algo está acontecendo, mas é momentâneo e logo tais práticas retornarão a se desenvolver como antes), neste caso acontecem mudanças superficiais que não afetam o núcleo da representação.

No episódio da AMEA, há evidência de que o grupo social já havia incorporado determinadas práticas e dificilmente elas retornariam ao modelo anterior. Portanto, para os agentes sociais as práticas eram irreversíveis e por esta razão surgem mecanismos de defesa do núcleo da representação. Essa defesa era feita pelo grupo dominante através de uma série de estratégias. A primeira foi a disseminação da idéia de que o esporte bretão precisava ser ‘moralizado’. Mas afinal, moralizá-lo em que sentido?

O Correio da Manhã diz:

“Ora francamente, que melhor teria sido não recebê-los se a nova entidade pretendia deixá-los nessa situação vexatória e, em razão da qual, se lhes asphyxia as justas aspirações de crescer e progredir. Toda gente sabe que o movel das partidas de football no Rio, como em toda a parte, é o dinheiro com que os clubs se mantêm e constroem as suas sédes. Affirmar o contrario, seria mentir á propria realidade das coisas. Isso de sport no football, é um idealismo que está muito longe da verdade. Os clubs querem jogar football, mas não prescindem da renda da porta, e se o grande pivot é esse, por que razão se estabelece uma disparidade tão grande nas possibilidades de aquisição? Por que os grandes clubs, os fundadores; podem jogar aos domingos, dias em que a renda é grande, e os outros, só poderão fazer, entre si, aos sabbados á tarde, dias em que a renda lhes será naturalmente uma ninharia? É justo esse criterio? A selecção que ora se estabelece corresponde, por acaso, ao ideal?” (Correio da Manhã, 08/04/1924:6).

A mídia faz uma série de questões, entre elas: por que receber o Vasco da Gama e o Andarahy se a intenção era deixá-los em situação vexatória? Se o grande pivô da crise é a profissionalização do futebol, por que razão se estabelecem tantas disparidades entre os clubes fundadores e os outros?

Todo o discurso é construído tendo como ponto de apoio à questão do profissionalismo, mas, de fato, a própria mídia afirma que todos sabem que o que move as partidas de futebol é o dinheiro. Se esta prática já estava incorporada inclusive nos clubes dominantes, será de fato que a questão central era amadorismo *versus* profissionalismo?

A mídia fala que a AMEA deixa o Vasco da Gama e o Andarahy, principalmente os dois, em situação vexatória. Que situação era essa? Vejamos o artigo 5º do Estatuto da AMEA.

“Art. 5

10 – indicar de seus atletas o numero e o nome por extenso; a residência atual e a anterior; a profissão que atualmente exercem e a que exerciam precedentemente; local em que a praticavam; e bem assim o nome das pessoas sob cuja direcção a exercitavam e exercitam” (Correio da Manhã, 29/03/1924:6).

Os clubes fundadores da AMEA tentam então afastar os jogadores do Vasco da Gama, que foram campeões. Os jogadores seriam obrigados a escrever o nome por extenso, além disso haveria uma investigação social que objetivava levantar a origem desses jogadores e ainda assim seria necessário comprovar a profissão que exerciam. Estas ações indicam mecanismos de defesa do núcleo de representação da época. Há, portanto, uma transformação ‘resistente’ se desenvolvendo. Mecanismos clássicos de defesa são acionados no sistema periférico para que o núcleo não seja questionado. Assim,

interpretação e justificação *ad hoc*, racionalizações, referências a normas externas à representação, são instaurados.

Os dirigentes do Vasco da Gama interpretam essas manobras e enviam o seguinte ofício a Arnaldo Guinle, presidente da AMEA.

“Rio de Janeiro, 7 de abril de 1924 (Ofício no. 261)

Exmo. Sr. Arnaldo Guinle, M. D. presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athléticos.

As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de ontem pelos altos poderes da Associação a que V. Exa. tão dignamente preside, colocam o Clube de Regatas Vasco da Gama em tal situação de inferioridade que absolutamente não pode ser justificada nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa sede, nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados.

Os privilégios concedidos aos cinco clubes fundadores da AMEA e a forma como será exercido o direito de discussão e voto, e as futuras classificações, obriga-nos a lavrar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto à condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Clube de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos con-sócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa.

Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se à AMEA alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do Campeonato de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro de 1923.

São esses doze jogadores jovens quase todos brasileiros no começo de sua carreira, e o ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias.

Neste termos, sentimos ter de comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA.

Queira V. Exa. aceitar os protestos de consideração e estima de que tem a honra de se subscrever de V. Exa.

Att. Obrigado.

*Dr. José Augusto Prestes
Presidente .”*

Esse episódio retrata as modificações que há algum tempo já haviam se iniciado na periferia e a partir da vitória do Vasco da Gama no campeonato de 1923 incitam os clubes dominantes a formular mecanismos de proteção. O ofício enviado pelo Vasco deixa claro que 12 jogadores foram eliminados pela comissão da AMEA.¹⁰⁰ A influência que a ciência exercia nas representações sociais do negro e do mestiço, era um elemento fulcral no cotidiano dos agentes sociais da época.

Além dos doze jogadores, o Vasco também não possuía um campo adequado, segundo os dirigentes da AMEA. Parece-me, mais uma das estratégias *ad hoc* para impedir a participação do Vasco no campeonato de 1924. O Vasco iniciou a partir daí a construção de seu estádio (abaixo), que foi o maior do Brasil até a construção do Pacaembu em 1940.



Entrada principal



O estádio

Por conseguinte, a hipótese de que o elemento central era a questão do profissionalismo não deve ser obliterado, pois revela um outro ângulo do episódio. No entanto, não se deve descartar a questão racial como um dos elementos centrais do conflito de 1923. De fato, este não foi o único elemento, mas considero que ele efetivamente foi uma das principais questões que influenciaram os clubes dominantes a instaurarem

¹⁰⁰ Os dirigentes da AMEA poderiam ter tido uma premonição e utilizado o seguinte slogan “AME-A OU DEIXE-A”; o Vasco da Gama preferiu deixá-la em 1924.

estratégias discursivas e normativas para eliminar os clubes que não se enquadrassem em suas concepções de ‘moral’.

O conceito de *habitus*, compreendido como um princípio de cooptação e reconhecimento que opera as classificações, mas que além do imaginário é também influenciado pelo cotidiano, pelas práticas do dia-a-dia, tem nos conceitos de objetivação e de ancoragem os métodos para operar as classificações. Portanto, objetivação e ancoragem são métodos, cujo princípio é o *habitus*.

Os conceitos de objetivação e ancoragem estão estritamente ligados a rótulo e classificação. Ancorar é “trazer para categorias e imagens conhecidas o que ainda não está classificado e rotulado. Tudo o que permanece inclassificável e não rotulável parece não existente, estranho e, assim, ameaçador”,¹⁰¹ não há neutralidade nesse processo, pois na lógica desse sistema é necessário atribuir um valor positivo ou negativo.

A grande angústia da aristocracia no futebol carioca, no início do século XX, era a mistura que estava se processando com a ascensão dos jogadores negros e mestiços no futebol, que eram exatamente os operários e trabalhadores citados nos estatutos e que não deveriam participar dos campeonatos.

A sociedade é um sistema de pensamento além de ser um sistema econômico e político. Nessa sociedade, dois tipos de universos de pensamento convivem: os universos consensuais e os universos reificados.¹⁰²

Os universos reificados são os que trabalham com a objetividade e a hierarquia, são mundos restritos aos que circulam na ciência. Já os universos consensuais são os do dia-a-dia, os da interação cotidiana onde são produzidas as representações sociais a partir da

¹⁰¹ Cf. GUARESCHI, Pedrinho A. “Sem Dinheiro Não Há Salvação”: Ancorando o Bem e o Mal entre Neopentecostais. In: GUARESCHI, P. A. & JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em representações sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 201.

¹⁰² Cf. MOSCOVICI, Serge. Psicologia Social. Barcelona: Paidós, 1985.

tradição e de uma lógica popular. Tudo o que não é familiar precisa ser objetivado e ancorado para se tornar familiar.

De acordo com Guareschi, o não-familiar

*“É produzido e se situa, na maioria das vezes, dentro do universo reificado das ciências, e deve ser transposto ao universo consensual do dia-a-dia. Essa tarefa de transposição é, em geral, realizada pelos divulgadores científicos de todos os tipos, como jornalistas, comentaristas econômicos e políticos [incluo os comentaristas esportivos],¹⁰³ professores, propagandistas, que têm nos meios de comunicação de massa um recurso extraordinário”.*¹⁰⁴

No início do século XX, o universo reificado sofria a angústia de ver o nobre esporte bretão, que deveria ser praticado apenas pela aristocracia, como uma forma de demonstrar uma supremacia do homem branco ocidental, um *savoir faire*, ser invadido pela plebe impura. Entram então os intérpretes, tais como Silvaes, munidos de ideais de ‘nobreza’, ‘amadorismo’, ‘pureza’, com base no discurso científico da época, buscando legitimar as suas ações de exclusão.

Era necessário então ancorar o ‘bem’ na pureza; no *ethos* amador, e o ‘mal’ na mistura; no profissionalismo.

A análise empreendida neste trabalho rejeita qualquer princípio extra-social pelo qual poder-se-ia explicar os fenômenos estudados. Desta forma, sou forçado a examinar os grupos sociais em suas posições nas estruturas sociais, considerando as interações desses grupos através do tempo, de modo que a análise seja de certo modo dinâmica e histórica. Por conseguinte, não posso excluir do estudo a preocupação com a ordem e sua ausência, pois estaria desprezando a estrutura.

¹⁰³ Acrescentei este trecho ao texto original.

¹⁰⁴ GUARESCHI, P. A. Op. cit. p. 212.

Por outro lado, não posso, da mesma maneira, excluir a preocupação com a mudança e sua ausência, pois estaria desprezando a ação. Assim, torna-se necessária a descrição dos universos de significados compartilhados em relação aos negros e mestiços.

A ideologia do embranquecimento no Brasil

A comunidade negra do Brasil identificou-se com uma revista cujo nome é ‘Raça’. Esta revista veio modificar determinados conceitos em relação à negritude, entre eles a presença de modelos negros na mídia. O sucesso da revista foi de tal forma contundente que outras publicações surgiram e vêm surgindo na mesma esteira. A valorização da beleza e da cultura negra são a tônica dessas revistas. O termo ‘raça’ é então o escolhido para exatamente estabelecer que a revista fosse dirigida para uma comunidade específica.

É impossível fazer progressos, sem dar importância à diferença. Ao estabelecermos que não há diferença entre brancos, negros, índios, mestiços, morenos, no Brasil, seja em relação ao esporte, às oportunidades sociais ou à cidadania, estaremos negligenciando uma discussão fundamental para a compreensão do processo identitário do povo brasileiro.

A idéia de democracia racial no Brasil constitui-se e desenvolve-se a partir da ideologia do ‘embranquecimento’. Esta idéia busca dar ordem a um país já muito miscigenado. Assim, as teorias raciais que chegam ao país são adaptadas à nossa realidade. A miscigenação era considerada por muitos autores como algo impuro que precisava ser sanado para que o Brasil obtivesse sucesso. Esta era a visão dos darwinistas sociais, que acabou por influenciar as escolas de medicina do Brasil.

Como a mistura racial já estava enraizada, o objetivo da miscigenação passa a ter a missão de clarear a pele. Quanto mais branca fosse a pele, mais possibilidades os indivíduos teriam na sociedade. Foi uma maneira que a elite encontrou para conviver com

a mistura e uma maneira que a população utiliza para ascender socialmente. O puro e o impuro convivem o tempo todo, mas não são confundidos. Estabeleceu-se que havia necessidade de sanear e purificar a população brasileira, e o branqueamento seria o ritual de purificação. O pensamento médico higienista, em sua vertente eugênica, influenciou fortemente a construção e estruturação das representações sociais em relação aos negros e mestiços em nossa sociedade e a Educação Física colaborou com esse processo.¹⁰⁵

Nesse processo existe uma dimensão utilitarista; o clareamento da pele torna o indivíduo mais bem aceito na sociedade. Este é um dado instrumental; entretanto, existe também um dado expressivo. Diferentemente das teses raciais, que alegavam que o ‘cruzamento’ das raças produziria uma raça híbrida e inferior, um grupo de intelectuais parte na direção oposta ao afirmar que a miscigenação formaria um povo com as qualidades do branco, do negro e do índio.¹⁰⁶

A visão dos evolucionistas sociais em relação ao processo de miscigenação é interpretada no Brasil num sentido positivo, ou seja, que todas as raças evoluíam a partir de um estado original. Entretanto, as teses evolucionistas iam de encontro aos princípios dos darwinistas sociais que viam no cruzamento das raças um processo de degeneração. Como teses aparentemente opostas são utilizadas em conjunto no Brasil? Esta é a pergunta que SCHWARCZ faz no seu livro – *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*.

Com a tese de que “*o Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução*”,¹⁰⁷ Jair Batista Lacerda participou do I Congresso das Raças realizado em Paris em 1911. Sua idéia era a de que em três gerações o negro

¹⁰⁵ Cf. SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

¹⁰⁶ Cf. FREIRE, Gilberto. Op. cit.

¹⁰⁷ LACERDA, João Batista. Op. cit.

brasileiro passaria a ser branco. Se por um lado esta idéia imprimia uma visão positiva da miscigenação; por outro, tem na figura do homem branco o seu ideal de ‘perfectibilidade’.¹⁰⁸

Opondo-se a essa visão, havia também a concepção de que com a miscigenação das raças o que se conseguiria era apenas uma deteriorização, uma degenerescência que iria apagar as qualidades do branco, do negro e do índio, formando uma raça híbrida e inferior. Dois modelos de explicação, de acordo com Schwarcz,¹⁰⁹ fundamentaram as idéias desenvolvidas então: um modelo liberal e outro racial. O primeiro fundava-se na igualdade e no livre arbítrio do indivíduo; já o segundo, focalizava a atenção do grupo, “*era o grupo entendido enquanto conjunto, que determinava os comportamentos humanos*”.¹¹⁰ Segundo a mesma autora, vários trabalhos foram produzidos analisando a relevância do liberalismo em finais do século XIX no Brasil e poucos os que abordaram a influência dos modelos raciais. A tese principal de Schwarcz é que esses dois modelos, a princípio excludentes, foram utilizados no Brasil, pelos homens de ciência, de uma forma complementar. A autora define seu trabalho como uma história construtivista da ciência e ratifica a idéia de que o conceito de raça no Brasil recebeu uma interpretação sobretudo social. Esta idéia de que o problema no Brasil é apenas social e não racial difundiu-se nas várias áreas científicas e no senso comum. Nas palavras de Schwarcz:

*“O termo raça, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise”.*¹¹¹

¹⁰⁸ Conceito utilizado por Jean-Jacques Rousseau no livro “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”.

¹⁰⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

¹¹⁰ Ibidem, p. 63.

¹¹¹ Ibidem.

Esse conceito de raça era constantemente renegociado pelas elites, que adotaram uma forma original, a fim de justificar o complexo jogo de interesses na sociedade brasileira em finais do século XIX.

*“Diferentes eram os modelos, diversas eram as decorrências teóricas. Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão. E pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. Para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão-de-obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania”.*¹¹²

O paradoxo então parecia se instalar. De um lado a aceitação das diferenças humanas inatas, explicada pelas teorias raciais – que justificavam de uma forma sutil a supremacia branca; de outro, o elogio ao ‘cruzamento’ – que acomodava e adaptava as duas teorias a um país que já estava muito miscigenado. Schwarcz diz que:

*“O desafio de entender a vigência e absorção das teorias raciais no Brasil não está, portanto, em procurar o uso ingênuo do modelo de fora e enquanto tal desconsiderá-lo. Mais interessante é refletir sobre a originalidade do pensamento racial brasileiro que, em seu esforço de adaptação, atualizou o que combinava e descartou o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento racial no país”.*¹¹³

O darwinismo social no Brasil problematizava as questões negativas da miscigenação, mas via uma saída no branqueamento da pele da população. Já o evolucionismo social no Brasil focalizava a idéia liberal de que a raça humana está em constante evolução. Assim, conjugou-se a idéia da diferença entre as raças (e aí justificou-

¹¹² Ibidem, p. 18.

¹¹³ Ibidem, p. 19.

se a hierarquia social em nosso país), com a idéia de um aprimoramento da raça a partir da miscigenação e do ideal do branqueamento. Desta forma, os negros tornar-se-iam brancos em três gerações e o *status quo* seria preservado. Essas práticas podem ser consideradas justificativas teóricas para o processo de dominação exercido pelas elites. O estabelecimento de critérios diferenciados de cidadania é uma prática que se estabeleceu também no futebol brasileiro, como comprovam os estatutos da AMEA.

O texto fundador da eugenia – *Hereditary genius*, de Francis Galton,¹¹⁴ propõe mostrar que as habilidades humanas são derivadas da hereditariedade e não da educação, e indica o casamento entre raças puras como uma maneira de se atingir a melhoria da população. Um maior equilíbrio genético seria atingido se os casamentos inter-raciais fossem evitados, bem como as restrições às uniões com epiléticos, alcoólatras, deficientes etc.

A eugenia (eu – boa; genus – geração) tem com principal objetivo intervir na reprodução humana. Como ciência, analisa as leis da hereditariedade e propõe a produção de nascimentos controlados; como movimento social, procura estimular os casamentos que propiciassem uma raça melhor.

A eugenia instaura uma tese, com o apoio das concepções do darwinismo social, que é incompatível com o evolucionismo cultural. Os evolucionistas acreditavam que a sociedade evoluía constantemente. Os darwinistas acreditavam que o progresso ficaria restrito às sociedades ‘puras’. Mas o modelo de fato era a raça branca pura; não a negra ou indígena.

¹¹⁴ GALTON, Francis. *Hereditary genius*. London, Julyam Friedman, 1869/1979.

Forja-se, no Brasil, um novo conceito de ‘perfectibilidade’ como um privilégio apenas das ‘raças brancas puras’; diferentemente do conceito de Rousseau que pensa a perfectibilidade como uma qualidade inerente a todos os seres humanos, com a possibilidade de superação constante. Agora, de um lado a perfectibilidade para as sociedades ‘brancas puras’; para as outras; a degeneração. Entretanto, Schwarcz chega à conclusão que no Brasil a perspectiva evolucionista se combina com a darwinista. Para ela:

*No Brasil, evolucionismo combina com darwinismo social, como se fosse possível falar em ‘evolução humana’, porém diferenciando as raças; negar a civilização aos negros e mestiços, sem citar os efeitos da miscigenação já avançada. Expulsar “a parte gangrenada” e garantir que o futuro da nação era ‘branco e ocidental’.*¹¹⁵

Desta maneira, um discurso liberal e um outro racial serviram de base para a construção das representações sociais. De um lado os ‘homens da lei’, ligados às escolas de direito; do outro, os ‘homens da medicina’. Os primeiros defendiam a adoção de um Estado liberal no Brasil, mas temiam a mestiçagem acelerada e os efeitos da Grande Guerra. Os ‘homens da medicina’ viam na miscigenação das raças o principal problema brasileiro (o maior veneno) e “*se responsabilizavam pelo antídoto*”.¹¹⁶

O modelo determinista foi assumido abertamente e veiculado para a população de uma forma a-crítica.

*“Nos discursos do dia-a-dia , na representação popular, nos jornais de circulação diária, é quase corriqueiro o argumento que traduz a ciência em termos populares e encara a raça como uma questão de importância fundamental nos destinos da nação”.*¹¹⁷

¹¹⁵ SCHWARCZ, L. M. Op. cit., 1995, p. 242.

¹¹⁶ Ibidem, p. 245.

¹¹⁷ Ibidem, p. 245.

Estas idéias tinham em comum opor-se ao livre arbítrio e aos ideais humanistas originais. Ao desqualificar o princípio de igualdade que fora herdado da Revolução Francesa, e pervertendo as idéias darwinianas, no sentido de naturalizar a desigualdade em sociedades só formalmente igualitárias, essas ideologias só vieram a reforçar o ideal de tornar este país um país branco.

Toda essa maquinaria se desenvolve de maneira sutil. Mourão analisando a participação da mulher nas atividades físico-desportivas no Brasil entre 1870 a 1950, mostra a influência dos ‘homens da medicina’ na caracterização da mãe e do pai-higiênicos. Para ela, a moral higienista tem por finalidade

*“criar laços familiares mais fortes entre o homem, a mulher e os filhos, garantir a coesão da nação e a hegemonia do Estado (...) Desenvolvendo uma nova moral da vida e dos corpos – sobretudo do corpo feminino –, todo trabalho de persuasão higiênica desenvolvido por médicos higienistas do século XIX iria ser montado sobre a idéia de que a saúde e a prosperidade da família dependiam de sua sujeição ao Estado”.*¹¹⁸

O ideário higienista e eugenista se fortalece na comunidade médica brasileira, servindo de instrumento ideológico do Estado para de um lado *“manter um controle sobre o comportamento masculino na família, fazendo do homem-pai um ser quieto, imóvel, na dócil postura do ser patriótico”*;¹¹⁹ de outro, controlar e regular a conduta sexual. Em troca, o homem concentraria na mulher o seu domínio. *“O que se verifica na construção do ‘machismo’ na sociedade brasileira pelo ideário higiênico é que houve um pacto entre o pai-higiênico e o poder médico”*.¹²⁰

¹¹⁸ MOURÃO, Ludmila. A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 1998, p. 47-48.

¹¹⁹ Ibidem, p. 51.

¹²⁰ Ibidem, p. 52.

As estratégias discursivas são sutilmente desenvolvidas, mas as práticas racistas do dia-a-dia são concretas.

A influência das faculdades de medicina na representação social do negro e do mestiço

Anatol Rosenfeld, ao analisar a inclusão e ascensão dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro, mostra como os homens de direito e da medicina influenciavam também no futebol brasileiro, principalmente, porque eles eram a elite e o grupo majoritário de jogadores daquela época. Em suas palavras:

*“Para a democratização do futebol foi de extraordinário significado a fundação do The Bangu Athletic Club no ano de 1904. Bangu, um subúrbio do Rio de Janeiro, é a sede de uma grande fábrica de tecidos (...) em virtude da distância do subúrbio, entretanto, não foi possível aos ingleses constituírem equipes fechadas (...) viram-se obrigados a recorrer aos operários da fábrica. (...) A importância deste e de clubes semelhantes é considerável não porque operários e, por conseguinte, também homens de cor chegaram dessa maneira a jogar – essa possibilidade sempre lhes esteve aberta, embora sob condições menos propícias -, mas porque, dessa forma, eles pertenciam a clubes que tinham status e, em vista disso, foram admitidos nas federações de clubes socialmente reconhecidos que logo surgiram, de tal forma que logo cedo trabalhadores, entre os quais homens de cor, puderam medir-se com elementos das camadas superiores – com equipes cujos jogadores eram quase na totalidade estudantes de direito e medicina.”*¹²¹

Duas grandes faculdades de medicina são focalizadas por Schwarcz: a escola baiana Nina Rodrigues e a Escola Médica do Rio de Janeiro. A temática desenvolvida na escola baiana sofreu deslizamentos. Poder-se-ia dividir a temática desta escola em três períodos.

¹²¹ ROSENFELD, Anatol. Op. Cit. p. 82-83.

De 1870 a 1880 a discussão se dava em relação à higiene pública, principalmente no que se refere à atuação médica no combate às moléstias infecto-contagiosas. Nos anos 1890 a medicina legal, influenciada pelas idéias de Lombroso, torna-se o tema principal. Nos anos 1930, a ideologia eugenista toma o lugar central nos debates, e o objetivo é separar a população enferma da sã.

A escola do Rio de Janeiro vai buscar na descoberta de doenças tropicais como a febre amarela e o mal de Chagas o seu foco. Os programas higiênicos tornam-se prioritários. Desta forma, inicialmente, os médicos cariocas poderiam ser considerados higienistas e os baianos eugenistas. Os médicos baianos se preocupavam com o doente enquanto os médicos cariocas se preocupavam com a doença.

*“Os seja, enquanto para os médicos cariocas tratava-se de combater as doenças, para os profissionais baianos era o doente, a população doente que estava em questão. Era a partir da miscigenação que se previa a loucura, se entendia a criminalidade, ou, nos anos 20, se promoviam programas eugênicos de depuração”.*¹²²

Somente a partir de 1920 a questão racial ganha força na escola do Rio de Janeiro. A idéia inicial é que as doenças teriam vindo com os escravos e posteriormente com a entrada da mão-de-obra imigrante. A conclusão é que o enfraquecimento biológico seria conseqüência da mistura racial intensa em nosso país. Ligada que estava às questões higienistas, a escola do Rio de Janeiro passa a associar a questão da higiene à pobreza e à população negra e mestiça.

A análise que Schwarcz faz destas duas escolas apoia-se em duas revistas: *A Gazeta Medica da Bahia* e o *Brazil Medico*. A primeira com os textos produzidos pelos médicos da faculdade da Bahia e a segunda com os textos da faculdade do Rio de Janeiro.

¹²² SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 1995, p. 190.

A partir de meados dos anos 1880, nos textos da Gazeta Medica da Bahia “*Raça surge como tema fundamental na análise desses autores e em suas considerações e diagnósticos sobre os destinos da nação*”.¹²³ Os textos ‘As raças e seus cheiros’ de 1921, ‘Raça e civilização’ de 1880, ‘Raça e degeneração’ de 1887, ‘O cruzamento racial’ de 1891, são destacados por Schwarcz como os textos em que o argumento básico era “*o estabelecimento da diferença entre as raças e a condenação da mestiçagem*”.¹²⁴ Vale a pena reproduzir a citação do jurista Silvio Romero na abertura do livro ‘Africanos no Brasil’ de Nina Rodrigues.

“...Quando vemos hommens como Bleck refugiarem-se dezenas e dezenas de anos nos centros da África somente para estudar uma lingua e colligir uns MITOS, nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas COZINHAS, a América em nossas SELVAS e a Europa em nossos SALÕES, nada havemos produzido nesse sentido! É uma desgraça... O negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e malgrado a sua ignorância, um objeto de sciencia (apud. Schwarcz, op. cit., p.208).

Em 1918, um artigo na revista *Brazil Medico* introduz algumas idéias que vão influenciar a década seguinte.

“Nova ciencia a eugenia consiste no conhecer as causas explicativas da decadencia ou levantamento das raças, visando a perfectibilidade da especie humana, não só no que respeita o phisico como o intellectual. Os métodos tem por objetivo o cruzamento dos sãos, procurando educar o instinto sexual. Impedir a reprodução dos defeituosos que transmitem taras aos descendentes. Fazer exames preventivos pelos quais se determina a siphilis, a tuberculose e o alcoolismo, trindade provocadora da degeneração. Nesses termos a eugenia não é outra coisa sinão o esforço para obter uma raça pura e forte” (Revista Brazil Medico, 1918, apud, Schwarcz, op. cit., p.231).

¹²³ Ibidem, p. 207.

¹²⁴ Ibidem, p. 208.

Poder-se-ia induzir que a preocupação era com as doenças. Elas chegam a ser citadas (sífilis, tuberculose e alcoolismo), mas, ao prestar mais atenção ao *ethos* do artigo, verifico que o foco é a questão racial. A precaução com o ‘cruzamento’ entre sãos (os puros), e evitar o cruzamento com os impuros. A “*raça pura e forte*” tem como modelo a raça branca européia. Havia também preocupação com a entrada de imigrantes asiáticos e africanos no Brasil.

Os médicos cariocas intervinham no Rio de Janeiro com modos de atuação autoritários em relação aos seus colegas da Bahia. Esse *modus operandi*, nos anos 20, deixa de servir ao higienismo para servir à eugenia.

*“Assim, enquanto na Bahia o discurso da eugenia representou uma acomodação – afinal, a raça brasileira tinha solução -, já no Rio levou a uma atuação médica mais agressiva. Ou seja, habituados a liderar amplos programas higiênicos e campanhas de vacinação compulsória, pretendiam os médicos cariocas agora, com a implementação de medidas eugênicas, encontrar uma forma de continuísmo em seu projeto de inserção social. Tratava-se mais uma modalidade de controle, sendo que, neste caso, estava em questão a possibilidade de prever a futura geração do país e de eliminar a descendência não desejável”.*¹²⁵

¹²⁵ Ibidem, p. 236.

A ciência influenciou profundamente as representações no início do século XX. Isto torna-se importante na medida que essas idéias acabam por constituir um imaginário que influencia as crenças da população brasileira nos períodos posteriores em relação à questão racial em nosso país.

A questão racial está sempre presente de forma implícita. A manchete do jornal O Dia não diz vitória de raça, mas sim 'Vitória da Raça'.



(O Dia, 22/06/2002:1)

CAPÍTULO IV

IMAGENS DAS COPAS

A mídia escrita brasileira tem-se caracterizado por uma cobertura cada vez maior da área esportiva. O futebol ocupa um lugar privilegiado nas notícias veiculadas no corpo dos jornais, bem como das primeiras páginas, principalmente, quando as competições envolvem o país inteiro e evocam o imaginário social.

Para destacar as notícias, a mídia utiliza-se muito de metáforas e metonímias como um recurso que não é apenas lingüístico, mas uma expressão do próprio imaginário social. Por exemplo, “*Galera bota culpa em Zico e Sócrates*” (Jornal dos Sports, 23/06/1986:12); “*Rio sambou tango*” (O Dia, 3/7/1982:1); “*Sem fibra, os brasileiros não souberam enfrentar a flama de um adversário corajoso*” (Correio da Manhã, 18/07/1950:1, 2º caderno); “*Ronaldinho amarela antes do jogo e abala a seleção*” (O Dia, 13/07/1998:1).

Este fenômeno não se restringe à mídia brasileira. Maguire & Poulton realizaram uma análise sobre as relações entre esporte, identidade nacional e a mídia escrita durante o campeonato europeu de futebol de 1996.¹²⁶ Basicamente, eles verificaram que as manchetes evocavam o imaginário social e em vez de contribuir para um sentimento de união europeu de fato acirravam as rivalidades com manchetes do tipo: “England versus Scotland: Bravehearts and Lionhearts”; “England versus The Netherlands: Clogs, Tulips

¹²⁶ MAGUIRE, Joseph. & POULTON, Emma K. European Identity Politics in EURO 96. In: International Review for the Sociology of Sport. SAGE Publications, volume 34, nº I, 1999.

and Windmills”; “England versus Spain: Amigos, the armada and Able Seaman”; “England versus Germany: Blitzing Fritz and Phoney Wars”.¹²⁷

Maguire & Poulton indicam alguns casos em que acontecia um tipo de comparação envolvendo uma série de estereótipos e piadas, por exemplo – no jogo entre Inglaterra versus Espanha: “*You’re Done Juan*” (Daily Mirror, 20/6/1996:1), um trocadilho entre o substantivo Don e o verbo To Do.¹²⁸

No Brasil, o futebol é uma questão nacional. Quando fracassamos numa Copa do Mundo, tendemos a procurar um culpado que possa personificar a derrota. Essa violência inculpatória não é exclusividade da cultura brasileira.

O antropólogo René Girard analisa esse fenômeno e conclui que tal violência desempenha um papel fundamental na organização das sociedades.¹²⁹ Para ele, o desejo humano não se dirige a prazeres ou bens do mundo objetivo, mas à imitação invejosa. Quando a tensão das invejas chega a um ponto insuportável, o conflito é adiado com o ritual do sacrifício, fato que estabelece um certo equilíbrio a partir do senso ilusório de união coletiva até que a próxima crise se instale.

Assim, reproduzir tal tipo de violência é tornar-se cúmplice de uma farsa maligna, que descarrega sobre bodes expiatórios as tensões acumuladas do desejo mimético.

Nesta parte analiso alguns jornais após as derrotas do Brasil em Copas do Mundo e, através de depoimentos de alguns dos atores do futebol brasileiro, tento compreender as manifestações da violência inculpatória e a questão racial implícita nas representações.

¹²⁷ “Inglaterra contra a Escócia: Corações Valentes e Corações de Leão”; “Inglaterra contra os Países Baixos: Obstáculos, Tulipas e Moinhos de Vento”; “Inglaterra contra a Espanha: Amigos, a Armada e o Hábil Marinheiro”; “Inglaterra contra a Alemanha: Guerras Relâmpago de Fritz e Guerras de Phoney”.

¹²⁸ Você já era, Don Juan.

¹²⁹ GIRARD, René. A violência e o sagrado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Copa de 1950



O Brasil foi derrotado nesta copa pelo Uruguai no quadrangular final, precisando apenas do empate para ser campeão. O último jogo era encarado pela mídia e pelo povo como mais uma obrigação do regulamento do que propriamente uma final. O Brasil é pego de surpresa e diversas manchetes focalizam a *falta de coragem, fibra, raça* dos brasileiros.



(Correio da Manhã, 18/07/1950:1, 2º caderno)

Vejamos as metáforas utilizadas pelo Correio da Manhã.

“Sem fibra, os brasileiros não souberam enfrentar a flama de um adversário corajoso” (Correio da Manhã, 18/07/1950:1, 2º caderno).

A manchete utiliza os termos *sem fibra*, *flama* e *adversário corajoso*. A etnometodologia tem na reflexividade um dos seus conceitos-chave. A reflexividade designa práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. As metáforas mencionadas na manchete do Correio da Manhã estão ao mesmo tempo descrevendo e constituindo o quadro social do futebol brasileiro. Ao mencionar a falta de *fibra* dos jogadores, a manchete se apoia no imaginário social que influencia as representações sociais.

Para a etnometodologia, os enunciados presentes dos fatos descritos podem ser analisados em seus sentidos potenciais futuros, *“supondo assim que a completude das significações e das intenções presentes se manifestará mais tarde. Ou então comentários passados podem de repente clarificar enunciados presentes”*.¹³⁰ Nelson Rogrigues, ao se referir à seleção de 1958, utiliza o termo *vira-latas*: *“Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas”*.¹³¹ A metáfora *sem fibra* associada à imagem *alma dos vira-latas*, remete-nos à questão das magelas da miscigenação que foi amplamente discutida no início do século XX. *Sem fibra* quer dizer sem alma, sem força, sem fibras musculares, sem carne, sem sangue, sem determinação, sem raça. Mas que raça? Sem raça pura. Sem pedigree. Um vira-latas.

¹³⁰ Cf. CICOUREL, A. *Cognitive Sociology: Language and Meaning in Social Interaction*. New York: Free Press, p. 87. *Apud* Coulon. Op. cit. 1995a.

¹³¹ RODRIGUES, Nelson. Artigo de março de 1958. In: *O Globo, Cadernos de História*. Rio de Janeiro, 2000, p. 491.

Além disso, as qualidades do Uruguai são ressaltadas com as metáforas *flama* e *coragem*. *Flama* remete-nos à chama, ardor, entusiasmo. Assim, o Uruguai tem *fibra*, *ardor*, *coragem*, *raça*, *sangue*. Fibra é o nome dos filamentos delgados, que, dispostos em feixes, constituem os músculos. Ela é tomada aqui metaforicamente para humilhar os jogadores brasileiros e enaltecer os uruguaios.

O Diário do Povo também fala da falta de coragem do time brasileiro:

*“(...) deixaram-se levar pelo **nervosismo** e jogaram abaixo da crítica, inclusive Jair, **acovardado** com a marcação severa do velho Obdulio Varela”* (O Diário do Povo, 18/7/1950:6).

O Diário do Rio fala da falta de fibra:

*“Faltou **fibra** aos jogadores nacionais que não corresponderam à expectativa de 200 mil torcedores representando 50 milhões de brasileiros”* (Diário do Rio, 18/7/1950:1);

O jornal A Manhã fala da raça, da alma e do coração dos uruguaios:

*“Vitória de **raça** - lutando com alma e coração, reconquistaram os uruguaios a supremacia do "soccer" mundial - não vamos culpar ninguém - otimismo fatal”* (A Manhã, 18/7/1950:1).

Na última manchete há uma preterição. Diz para não se culpar ninguém, mas já o está fazendo. Para a etnometodologia existem expressões indiciais que tiram o seu sentido do próprio contexto. Essa indicialidade, que é um outro conceito-chave da etnometodologia, significa que embora toda palavra tenha um significado trans-situacional, ela também adquire tantos significados quantos os contextos em que é usada, possui então um significado distinto em toda situação particular em que é usada.

Algumas notícias são um pouco mais diretas:

“Deve-lhes uma derrota punjante, gerada dos flancos sombrios da covardia. Por medo a contusões e a sôcos perdemos o campeonato mundial de foot-ball” (Diário do Povo, 18/07/1950:2, 2º caderno);

“E como se não bastasse tudo isso, Bigode, um jogador sempre eficiente, disputou uma partida sem qualificativo, fazendo asneiras a grande e deixando-se bater tôdas as vezes pelo admirável Ghiggia, o ponta direita do Uruguai. Também Barbosa esteve num dia negro, engolindo um autêntico frango no "goal" que deu a vitória aos orientais” (Ibidem);

“Perdemos porque jogamos menos. Os uruguaios foram superiores na técnica e no coração. A Taça "Jules Rimet" está em boas mãos. Nas mãos daqueles que na hora decisiva souberam disputá-la com classe e com flama. São eles os merecedores do título de campeões do mundo” (Ibidem).

Por medo a contusões, socos, flancos sombrios da covardia, asneiras, um dia negro, metáforas que desclassificam os jogadores como homens.



O gol de Gigghia, 2º gol do Uruguai na final de 50
(Jornal do Brasil/Jornal do Século, 03/12/2000:99)

Esta copa criou um estigma. Os goleiros negros passaram a ser preteridos em relação aos goleiros brancos. O próprio Mario Filho faz um comentário a respeito de

Barbosa que reforça esta idéia: “*Até que apareceu Barbosa, realmente um grande quíper, grande tremedor porém. Tremeu tanto num jogo contra os argentinos em 45 que teve de mudar o calção quando acabou o primeiro tempo*”.¹³²

Barbosa, em entrevista a Geneton Moares Neto, apesar de ter interpretado que Mário Filho escrevera que “*trememos porque éramos pretos*”,¹³³ de fato, ratifica a dimensão que a derrota alcançou no Brasil e a culpa atribuída aos negros. Neto retifica a fala de Barbosa dizendo que “*Mário Filho apenas constata que a culpa foi jogada nos jogadores negros; não os acusa*”.¹³⁴ A confusão de Barbosa é plausível porque, realmente, no livro *O Sapo de Arubinha*,¹³⁵ Barbosa foi acusado de tremedor pelo próprio Mário Filho.

Barbosa diz que talvez tenha existido racismo no fato de culparem a ele e a Bigode, mas, a seguir, volta atrás no depoimento, tentando encontrar justificativas, parecendo não crer nesta possibilidade. Entretanto, ele faz uma pergunta que não deve ter sido respondida ainda: “*Aliás, eu gostaria de saber a razão por que jogam a culpa na gente – em mim e em Bigode*”.¹³⁶

Entrevistei Jair da Rosa Pinto, que foi jogador do Vasco da Gama e da Seleção Brasileira, tendo convivido com Barbosa durante muito tempo. Jair participou daquele jogo contra o Uruguai. Para Jair, Barbosa se entregou e não teve forças para combater as pressões que sobre ele foram lançadas.

E: O senhor acha que a imprensa, efetivamente, contribuiu para que o Barbosa ficasse com esse sentimento de culpa?

¹³² FILHO, Mario. O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹³³ NETO, Geneton Moraes. Dossiê 50. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p.50.

¹³⁴ Ibidem.

¹³⁵ FILHO, Mario. Op. Cit., 1994.

¹³⁶ NETO, Geneton Moraes. Op. cit. p. 50.

Jair: *Eu não vou dizer bem assim. Eu vou dizer que o Barbosa se entregou. A primeira reportagem que saiu – eu tava vendo aqui, apareceu a estrada de ferro, o pessoal desembarcando na porta do Maracanã. Eu dizia logo: não vai fazer isso não. Você vai fazer o que eu quero. O que ele quer é sair lá na imprensa. Ele aceitou; coitado – eu fiquei com pena dele, eu falei pqp, porque você sabe como é que é: eles querem é vender, pô. Eles querem vender jornal e dizer uma porção de troço. Não tem por onde escapar.*

Jair se manifesta dizendo que “*Eles querem vender jornal e dizer uma porção de troço*”. Barbosa quer sair na imprensa e ao mesmo tempo a imprensa se aproveita disso. Esta idéia de Jair de modo algum é absurda, uma vez que os agentes sociais são ativos na construção de seu destino; existem interesses de ambas as partes. As mais poderosas acabam dando as cartas, e se não houver uma retaguarda o atleta tende a ser manipulado. Perguntei-lhe sobre a relação entre as críticas endereçadas a Barbosa em comparação com as dirigidas a Ronaldinho.

E: Em 50 crucificaram o Barbosa, agora crucificaram o Ronaldinho.

Jair: *Só que o Ronaldinho com uma vantagem. O Barbosa não tinha ninguém pra defender, Ronaldinho tem a Nike, que vai defender ele até o último caso. A Internacional dá dando todo apoio a ele. Não tem por onde escapar.*

Em relação a tremerem de medo Jair diz:

E: Eles falaram mesmo que o time tremeu?

Jair: *Falaram. Eles disseram assim: dois jogadores só que jogaram bem. Jogaram bem “porr... nenhuma”. Ninguém jogou bem. Se jogasse bem um pouquinho; ganhava o jogo. Ninguém jogou bem, não teve ninguém que se salvasse. Não teve ninguém que se salvasse no time brasileiro. Ninguém jogou nada. Se meia dúzia que jogasse mais ou menos...o Brasil jogou, jogou aquilo que... você jogou uma partida contra a Suécia, contra a Espanha, contra num sei o quê, num sei o quê...Não foi nem 30%, não foi...*

As metáforas fazem emergir uma dimensão que não deve ser desprezada. O importante nesta fase do trabalho é apresentar essas imagens. Adiante, tentarei analisar a dimensão do aparente e o problema metafórico.

Essas idéias vão se incorporar ao *habitus* do futebol brasileiro e reforçar o imaginário negativo em relação aos negros. Recentemente, com os goleiros Dida e Héltón, este imaginário volta à tona, agora para ser desafiado.

“Helton hoje protagoniza uma espécie de duelo particular com Dida, goleiro do Corinthians. Os dois são jovens, negros e admirados pelo treinador da Seleção Brasileira, Wanderley Luxemburgo.

- Sei que havia uma lenda de que goleiro negro era ruim, mas sempre procurei ignorar isso. Mas realmente penso em fazer com que as pessoas esqueçam este tipo de preconceito. Todos somos irmãos – acredita Helton, que defenderá um título Mundial 50 anos depois de Barbosa, também do Vasco, ter perdido uma Copa com a Seleção Brasileira, também no Maracanã. O ex-goleiro e atual assistente técnico do Corinthians, Valdir de Moraes, também comentou a lenda do goleiro negro ruim: - Nunca tive esse preconceito. Meu maior ídolo no gol foi o Barbosa. Esse estigma que foi criado no Brasil é um absurdo, ainda mais num país de miscigenação tão forte. O que importa é o talento” (Lancenet [online], 14/1/2000. Disponível na World Wide Web: <<http://www.lance.com.br/>>)



Héltón – Goleiro do Vasco da Gama

O cronista Luís Fernando Veríssimo corrobora a idéia de que esse imaginário se constrói a partir das histórias que nos são repassadas oralmente:

“Cresci ouvindo dizer que o melhor goleiro do Brasil era o Veludo. Reserva do Castilho no Fluminense e tão bom que também era reserva do Castilho na seleção. Só não era o titular, diziam, porque era negro. (...) Estereótipos racistas sobre agilidade e elasticidade até favoreciam uma tese inversa, a de que negro é mais confiável do que branco no gol. Mas quando o Barbosa deixou passar aquela bola de Ghiggia, em 50, o preconceito, até então disfarçado, endureceu e virou superstição” (O Globo, 20/7/1999:7).



Veludo



Castilho

O preconceito em relação aos negros e mestiços, que até então estava escondido, implícito, eclodiu num evento espetacular, e virou moeda corrente.

Luís Fernando Veríssimo mostra a importância do período de socialização a que todo ser humano é submetido. Veríssimo diz que cresceu ouvindo dizer que o melhor goleiro do Brasil era o Veludo e que só não era titular porque era negro. O final de seu artigo é contundente. O imaginário instituído e instituinte é tão poderoso que quando Barbosa deixou passar aquela bola, *“o preconceito, até então disfarçado, endureceu e virou superstição”*.

Após a partida, várias foram as manifestações da mídia e dos torcedores, sempre em busca de encontrar uma explicação para o inexplicável. Os jornais falam da tristeza do povo ao sair do estádio e do silêncio ensurdecido após o gol de Ghiggia.

“Aqueles que compareceram ao Estádio Mendes de Moraes, na tarde de ontem, cheios de fé e alegria no onze brasileiro jamais poderiam imaginar que, numa partida decisiva, onde bastava o empate para nos dar o título

máximo, pudéssemos deixar o gramado vencidos. E sobretudo vencidos por um quadro que, embora fazendo jus ao triunfo, por ter aproveitado as duas oportunidades que se lhe ofereceram, foi, no atual certame, menos produtivo e menos positivo do que a equipe brasileira. (...) Tinha-se a impressão que estávamos em um Dia de Finados, assistindo ao enterro de um ente querido. As dependências do "Colosso do Derbi", pareciam lotadas por milhares e milhares de parentes e amigos do suposto defunto, que o pranteavam, num silêncio só interrompido pelos soluços de muita gente que não resistiu à intensidade da dor. Lá em baixo, no gramado, os jogadores uruguaiois, ao comemorar a grande conquista, pareciam ateus profanando um lugar sagrado(...) Quando, minutos depois, a massa começou a deixar o estádio, a tristeza estava estampada em sua fisionomia. Por tôdas as ruas, por tôdos os cantos, a mesma decepção, a mesma dor. A cidade adormeceu de luto” (Folha Carioca, 17 de julho de 1950: passim).

O lado psicológico dos jogadores também foi focalizado. Para alguns, os jogadores não possuíam o equilíbrio e a responsabilidade necessárias a uma final de Copa do Mundo.

“Vimos um quadro sem a mínima noção do que significava aquela massa humana comprimida desde as primeiras horas da manhã. Jogaram os nossos, com um completo desinteresse pelo resultado final da luta contra os uruguaiois. (...) Não faltou ao quadro nacional, nada absolutamente nada para jogarem com mais estímulo. Assim, o resultado foi um "scratch" psicologicamente derrotado, se agigantar contra o pseudo campeão mundial confiante em goals que naturalmente viriam do céu. Sofreu o selecionado nacional, uma derrota, a perda de um título, contra um quadro que teve a seu favor, apenas noção de responsabilidade e desejo de vencer” (Diário do Rio, 18/07/1950: passim).

ALGUNS DOS GOLEIROS QUE DEFENDERAM A SELEÇÃO APÓS 1950



ADO



PAULO SÉRGIO



FÉLIX



GILMAR



LEÃO



CARLOS



RAUL



TAFFAREL

Entrevistei o repórter José Ilan da Rede Globo e ele foi enfático em relação à questão do racismo no Brasil, principalmente, no que toca aos goleiros negros. Ilan disse:

“Eu já ouvi muitas vezes esse tipo de coisa que goleiro negro não é bom, eu já ouvi isso muitas vezes. Até que ponto...eu acho que não cabe até que ponto. Só o fato de haver o comentário, já, no mínimo, há no mínimo uma resistência, que já é uma diferença em relação ao goleiro branco(...)”

“O goleiro negro não vai dar certo, goleiro negro não é bom, esse comentário baseado em nada, baseado no, no factóide, numa historinha folclórica, isso, na minha opinião, é uma forma de racismo, sem que haja uma forma clara de se expressar ou porque há uma razão”

O repórter Tino Marcos, da Rede Globo, afirma:

(...) o que me chama a atenção é ouvir as pessoas dizerem que goleiro negro não presta, que goleiro negro não adianta, que não dá, não dá, não dá; é um absurdo. Como dizia o Barbosa que a pena máxima no Brasil é de 35 anos e ele levou 50 anos carregando essa condenação e nunca foi absolvido e tal, e todo mundo e outras gerações pagam por isso, né!?

Carlos Gil, repórter da Rede Globo, ratifica a idéia de que no imaginário social há um preconceito e uma superstição contra o goleiro negro, apesar de modalizar a questão do racismo no futebol.

E: Desde 50 só tivemos o Veludo como reserva, mas titular mesmo não tivemos mais nenhum goleiro negro.

Carlos Gil: Tem o Dida agora.

E: É, que eu também não sei, né, se vai ser titular.

Carlos Gil: É, o Dida já foi titular nas Olimpíadas.

E: Mas em Copa do Mundo mesmo a gente nunca mais teve, vamos dizer, um goleiro negro. E isso que você falou agora é, quer dizer, na mídia, existe assim uma compreensão, um certo preconceito. Eu li um artigo do Luís Fernando Veríssimo que o goleiro negro, que ele ouvia desde criancinha que o Veludo era melhor do que o Castilho e que o Veludo nunca foi titular

porque era negro e tal e final do artigo é que realmente o que era preconceito virou supertisão após 50.

Carlos Gil: Eu acho que isso vem mudando. Eu citei o exemplo do Dida, o próprio Helton do Vasco, foi considerado, foi titular na olimpíada, foi considerado aí o melhor goleiro do Rio durante algum tempo, seguidas convocações pra Seleção, e hoje em dia é notório que ele não está atravessando uma boa fase até mesmo por causa da fase técnica do próprio time, né, mas realmente, numericamente assim a gente não vê tantos goleiros negros, mas existem alguns aí em clubes de 1ª divisão.

E: Mas em termos de seleção é um dado. Titular em Copa do Mundo.

Carlos Gil: Só tivemos o Dida e o Helton. Em Copa do Mundo não tivemos.

E: E em termos de imaginário?

Carlos Gil: Ah!, o imaginário popular existe. Existe aquela história: “ah!, goleiro negro não dá certo!”.

Um dado foi-me transmitido pelo comentarista Sérgio Noronha quando o entrevistei. Noronha se referiu a um documento que o comentarista Luís Mendes já me havia falado. Comentando o período pós-Copa de 50, Noronha diz:

“O que houve é que depois da Copa de 50, dizem, eu não tenho como provar isso, que havia um documento aconselhando a não convocação de goleiros negros porque eles se acovardariam na hora da decisão. Não sei se esse documento existe, se existe já foi destruído (...)”.

Dois, dos mais importantes, comentaristas de futebol do Brasil, e que acompanharam a evolução do futebol nacional, citam um documento que aconselhava a não convocação de goleiros negros, pois eles se acovardariam na hora da decisão. Noronha diz que não pode provar. Luís Mendes também o dissera. Mas, independentemente de prova, tal idéia está presente na subjetividade coletiva dos agentes da mídia brasileira e isto parece-me suficiente para incorporar a idéia de que só a lembrança do fato mostra que nos bastidores muita coisa é falada, mas não vem às páginas dos jornais. Nesse sentido, Tino

Marcos, ao comentar a questão racial no Brasil, diz: “*Eu acho que no Brasil é tudo muito implícito mesmo, nada é feito muito às claras*”.

Luís Mendes, a esse respeito fala o seguinte:

“E: Quando o Brasil perde uma Copa, o imaginário das pessoas vem à tona, então a gente sempre personifica, quer dizer, bota a culpa em alguém...”

*“LUIS MENDES: Em 1950 culpavam em 1º lugar o Bigode, em 2º lugar o Barbosa e em 3º lugar Juvenal. O próprio técnico da seleção brasileira culpou o Juvenal, dizendo que ele não fez a cobertura do Bigode nos dois lances que resultaram nos gols do Uruguai. Bom, depois em 1958, quando nós fomos pra Copa do Mundo, houve um problema muito sério, **diziam que o Brasil amarelava porque tinha negros no time, que era uma raça que tinha complexo de inferioridade** (...).*

“E: Mas existia na cabeça das pessoas essa coisa assim...”

“LUIS MENDES: Essa dúvida?”

“E: Essa dúvida?!”

“LUIS MENDES: Existia.

“E: Que era melhor colocar o branco...”

*“LUIS MENDES: Existia, existia. **Havia discussões entre cronistas esportivos sobre isso.***

“E: Isso era veiculado pela mídia?”

*“LUIS MENDES: **Mas não chegavam a escrever.** Não sei qual é a razão, porque não havia nem a lei Afonso Arinos, mas ninguém escrevia, **todo mundo tinha medo de dizer**, por exemplo, aqueles ditados preconceituosos que existiam lá no Rio Grande do Sul, por exemplo, como eu dizia lá existia muito preconceito racial, hoje já não existe muito, mas eu me lembro que os caras diziam assim: “Negro quando não morre em pequeno, dá desgosto depois de grande”. Isso é uma coisa terrível, uma coisa terrível, no entanto, isso era falado nas melhores famílias lá do sul. Sempre se dizia que algum negro fazia alguma coisa errada, coisas erradas os negros fazem, mas os brancos também fazem, não é !? Então, quando algum negro fazia alguma coisa errada, vinha logo alguém dizendo esse ditado aí.*

“E: O Sr. falou que essas idéias eram trocadas, mas não eram escritas.

*“LUIS MENDES: Não, **não eram escritas.** (...)*

“E: Houve uma pesquisa, que dizem foi a 1ª pesquisa que foi feita numa seleção brasileira, numa viagem que a seleção fez a Europa em 1956, com uma comissão de médicos, preparadores físicos, e fizeram um relatório científico. O Sr. tem conhecimento desse relatório?

“LUIS MENDES: Se falou muito nisso. (...)

“E: Existiu algum relatório que sugerisse a não convocação de negros, por causa desse imaginário?

“LUIS MENDES: Eu também ouvi falar, mas é aquela história, isso está me parecendo a linha do equador; todo mundo sabe que existe mas ninguém vê.

“E: O Sr. então desconhece esse dado?

*“LUIS MENDES: Desconheço esse dado, mas lembro que se falava muito nisso, "não, **tem que tirar esses negros do time**", isso sem dúvida; **“goleiro negro não serve, goleiro negro tem reflexo retardado.**”*

Luís Mendes refere-se também a uma marcha de carnaval que ele considera um absurdo e que é cantada todos os anos, sem que nada seja feito.

*“LUÍS MENDES: (...) mas o preconceito racial nunca foi combatido com segurança, por exemplo, havia uma música que foi sucesso e que até hoje é sucesso, que não há nada mais preconceituosa que a letra dessa música: "O teu cabelo não nega mulata, porque és mulata na cor. Mas como **a cor não pega: mulata eu quero ser o seu tenente interventor**". Tenente interventor era porque quando Getúlio Vargas assumiu o poder aqui no Brasil, ele...(O telefone tocou) Um momentinho.”*

Luís Mendes alterou o final da letra, mas o que choca é que, como ele disse, cantamos isso sem ao menos percebermos o absurdo que estamos reproduzindo. Para Ilan, os comentaristas e repórteres que reproduzem um preconceito, na maioria das vezes, o fazem de forma inconsciente: *“(...) eles não são conscientemente mal intencionados ou*

racistas, mas acho que eles poderiam fazer uma reflexão, senão: o estão sendo inconscientemente”.

O ponto é que existe um imaginário que vem à tona em determinados momentos. Em caso de vitória não é possível identificar metáforas desclassificadoras. Entretanto, nas derrotas elas aparecem com força e são, preferencialmente, endereçadas aos jogadores de pele escura.

O jornalista João Máximo, em artigo para uma coletânea de história no jornal O Globo, fala sobre a Copa do Mundo de 1958, e refere-se também a uma excursão à Europa em 1956, que teria sido a primeira viagem de estudos de uma seleção brasileira, com uma comissão (treinador, médico, dirigente) incumbida de

*“observar em profundidade tudo o que pudesse pesar negativamente nos nossos jogadores, buscar as causas de seus medos, ver por que se deixavam dominar pelos nervos, onde estava enfim o motivo de um futebol tão bom fracassar em suas aventuras internacionais. **Resultou disso um relatório. Científico, disseram. E nele pelo menos uma constatação: o jogador brasileiro era imaturo, emocionalmente vulnerável, inseguro. Numa palavra, “amarelava”.** O relatório apontava, eufemisticamente, para certas **características raciais** que nos faziam sofrer mais que um anglo-saxão, um gaulês, um nórdico ou um tedesco, terríveis saudades de casa, a nostalgia profunda, o banzo.*

*Não foi por outro motivo que a seleção brasileira estreou em Gotemburgo **com um time tão branco quanto possível**”.*¹³⁷

¹³⁷ MÁXIMO, João. A melhor seleção enfim não ‘amarelou’. In: Cadernos de História, Jornal O Globo, 2000, p. 490-491.

A melhor seleção, enfim, não ‘amarelou’

João Máximo

Muito pouca gente acreditava que a seleção brasileira ganharia a Copa do Mundo de 1958. Inclusive no Brasil. Seis meses antes, um número especial da revista “France Football” analisara uma a uma as 16 equipes classificadas para a fase final na Suécia, dando a cada uma notas em função da técnica, da tática, do preparo físico, da tradição e das condições psicológicas. Nos quatro primeiros itens até que o Brasil não ia tão mal. Os especialistas franceses reconheciam a excepcional técnica individual do craque brasileiro, achavam-no capaz de se ajustar a qualquer tática, sabiam de seu fôlego (e o fôlego era, na época, o termómetro do bom preparo físico) e não esqueciam que o Brasil chegara em terceiro e segundo nas Copas do Mundo de 1938 e 1950. Isso era tradição. Psicologicamente, porém, o brasileiro era, aos olhos daqueles analistas, um lixo. Ou quase isso. Não fora por outro motivo que a seleção tinha sucumbido diante dos húngaros em 1954. E feito papel feio naquela excursão de estudos à Europa em 1956, jogando mal, perdendo jogos, brigando em campo.

Aqui, a descrença do torcedor também tinha implicações psicológicas. Jogávamos talvez o melhor futebol do mundo e, ainda assim, nos víamos como uma terra de pernas-de-pau. De nada adiantava termos em Garrincha o mais diabólico dos dribladores, em Didi o reinventor da geometria no futebol, em Nilton Santos a antecipação do moderno modo de um lateral jogar, em Zito um dinamo a manter em funcionamento a malqueta do meio-campo ou em Pelé, com 17 anos, uma promessa de gênio como nenhuma outra em parte alguma. Fosse importante tudo isso se, na hora da verdade (e era assim que o brasileiro médio raciocinava), essas fragilidades da bola viravam crianças tímidas, medrosas, tremiam, perdiam a cabeça e davam com os burros n’água. Se na época se fizesse uma dessas pesquisas de opinião que só depois virariam moda, ia se ver que mais de 80% dos brasileiros pensavam assim.

A Copa do Mundo de 1958 acabou sendo a maior lição que o futebol brasileiro deu a si mesmo. Em primeiro lugar, foi a primeira em

que a pátria do churrasco levou. Se em 1954 vitória sobre o Uruguai nacional, e se em 1958 cantar o hino diante de quem estava disposto a nos vingar hoje nos dá um membro do pouco antes do jogo e tudo o que se queria era bom de bola. Sem No tuado, o torcedor

Aquela Copa foi a maior lição que o futebol brasileiro deu a si mesmo



490

Artigo de João Máximo referindo-se à seleção de 1958

Um aspecto que deve ser ressaltado é a interpretação que João Máximo dá aos termos utilizados no relatório: “o jogador brasileiro era imaturo, emocionalmente vulnerável, inseguro. Numa palavra, “amarelava”. João Máximo objetiva as idéias de imaturo, emocionalmente vulnerável e inseguro, com o termo *amarelar*. Encontra-se aqui uma interpretação de que o termo *amarelar* diz muito mais do que aparenta dizer para aqueles que não são membros da comunidade discursiva do futebol.

A Copa de 1982



Nesta copa, o Brasil é derrotado pela Itália, com três gols de Paolo Rossi, e é eliminado da final. As manchetes focalizaram as falhas individuais dos jogadores, principalmente, as do goleiro Valdir Peres.

*“VALDIR, UM DIA DE INFELICIDADE. O goleiro começou culpado e, saiu sem culpa, pois na **falha** de Valdir Peres, nesta copa, havia tempo, ânimo e futebol para a recuperação”* (Folha de São Paulo, 6/7/1982:22).

*“VALDIR NÃO ACEITA ACUSAÇÕES E FALA EM FALTA DE SORTE Acusado por alguns jornalistas espanhóis de ter **falhado** nos gols marcados pela Itália, Valdir Peres riu dos comentários, sentado na porta do “El Corte Ingles”, esperando a hora de voltar a Mas Badó, ao lado uma mala nova, comprada por 1.900 pesetas”* (Folha de São Paulo, 7/7/1982:27).



Valdir Peres

Valdir Peres é branco. As críticas utilizam o termo *falha*, que, em relação aos termos *tremedor* e *acovardado*, apresenta um status de avaliação bem mais ameno e direcionado ao desempenho do atleta e não ao do homem.

João Saldanha analisou a performance brasileira, revelando alguns pontos que ratificam que o goleiro Valdir Peres falhou, mas, em momento algum, João Saldanha ataca o homem Valdir. Em outra passagem, o jogador Leandro (branco) é criticado por estar mal fisicamente. João Saldanha atenta, ao final de seu artigo, que não se deve culpar o jogador Serginho (negro). Ora!, eleger um bode expiatório (um jogador negro) seria bem simples.

“Tantos crimes contra o bom senso, contra o senso comum, não poderiam passar impunemente. O fato de possuímos jogadores extra-série como Zico, Falcão, Sócrates, Júnior e Cerezo dava a falsa impressão de que éramos superiores em tudo. Mas uma estupidez siderúrgica rondava nosso propósito de ganhar uma Copa, onde quem nos derrotou passou mal com o país dos Camarões. Inventaram uma tática no Brasil abandonando preciosos espaços de campo. Ora, somente um primarismo infantil e teimoso poderia pensar que os adversários não iriam aproveitar o erro clamoroso.

*“Veio logo o primeiro jogo, o da União Soviética. **Sim, foi uma falha de Valdir Peres e isto é uma outra questão.** Mas o time soviético, quando se apertava, jogava a bola para seu lateral esquerdo que sempre estava livre. Claro, raios que me partam, pois se não tínhamos ninguém ali. **Leandro, sempre mal fisicamente,** tentava suprir o extrema que não tínhamos. **No jogo da Itália, com mais quinze minutos sairia levado pelas enfermeiras não para um hospital, mas para um cemitério. Estava morto de cansaço.** E o Cabrini folgava sempre. Era jogada de desafogo do time italiano. Qualquer problema e bastava jogar a bola por ali. Fizeram o primeiro e, quando precisavam da cera, bastava segurar o jogo pelo lado onde tínhamos apenas o Leandro.*

*“Sim, Zico, Sócrates, Júnior, Cerezo e este **estupendo Falcão** sempre estiveram muito bem. Mas até carregadores de piano cansam quando fazem esforços acima de sua capacidade. Nosso time, com a tão decantada preparação especial, estava muito cansado no final do jogo. De um lado, existe algo positivo que é a desmistificação do charlatanismo. Os inventores do futebol que se recusam a ocupar espaços indispensáveis e que não percebem que se joga num retângulo, rigorosamente geométrico, e querem jogar enviesado como se as balizas estivessem nos córneres.*

“Se chegamos a uma posição tão elevada, devemos à qualidade de quatro ou cinco jogadores excepcionais, mas cuja capacidade física também tem seus limites. A Copa não era difícil de ganhar. Mas a teimosia superou

tudo. Culpar Serginho seria um erro. O jogador não tem culpa da teimosia que ficou clara no primeiro jogo, mas infelizmente não foi aproveitada. Não deixo de assinalar que faltou um pouco de modéstia quando empatamos ontem em 2 a 2. Alguém andou rebolando ali e o time italiano, que estava melhor fisicamente do que o nosso, veio para cima e pôde ganhar. Paciência. Mas a estupidez tem um limite de tolerância” (Jornal do Brasil, 6 de julho de 1982).



Observo, nos comentários de Saldanha, uma preocupação com as palavras vorazes que foram proferidas contra determinados jogadores do Brasil. Mostrando-se consciente da importância da mídia, Saldanha manda um recado para aqueles que querem jogar a culpa em Serginho; “*a estupidez tem um limite de tolerância*”.

João Saldanha ratifica num outro artigo que o mecanismo de se buscar um culpado ou responsável por um fracasso da seleção, principalmente, em Copas do Mundo é fato corriqueiro. O artigo *De quem é a culpa?*,¹³⁸ tenta encontrar uma explicação para a derrota. Saldanha conclui que o ‘raio de ufanismo’ foi a causa fundamental da derrota.

¹³⁸ SALDANHA, João. O trauma da bola – A Copa de 82 por João Saldanha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

*“Um falso patriotismo foi inculcado na torcida, que assumiu um tom de deboche com qualquer adversário, sentindo-se superior. Superior em tudo: em esperteza, inteligência e até preparo físico!”*¹³⁹

Ao final do artigo, Saldanha diz que, após o terceiro gol da Itália, todo mundo ficou com cara de besta, e aí começaram a buscar um culpado. *“Não tínhamos banco...sim...foi o banco... o banco”*.¹⁴⁰ Botaram a culpa no banco. O Brasil não possuía reservas à altura. Como estava difícil culpar alguém, o goleiro da equipe de Camarões foi o bode expiatório. Em tom de ironia, Saldanha conclui: *“A outra, foi para o goleiro de Camarões, que andou salvando a coisa feia: ‘Pomba! Em cima da hora tomar um frango?!’. É isso aí, bichos: a culpa foi do crioulo”*.¹⁴¹ O goleiro N’Kono, de Camarões, levou um ‘frango’ contra a Itália, fato que permitiu a classificação da Itália para jogar contra o Brasil. O time africano empatou com a Itália em pontos, mas foi desclassificada por ter um gol a menos de saldo que a Itália. A ironia revela a discriminação que os jogadores negros acabam sofrendo. Acabou-se por culpar um negro.

¹³⁹ Ibidem, p.193.

¹⁴⁰ Ibidem, p.194.

¹⁴¹ Ibidem.

A Copa de 1986



O Brasil é derrotado pela França na cobrança de pênaltis. Novamente a mídia escrita vai focalizar as falhas individuais, principalmente, as do jogador Zico.

“ZICO É UM EXEMPLO

*Zico foi muito criticado pelo pênalti perdido contra a França e mostrava-se triste e desgostoso ontem. Uma pessoa, porém, resolveu, por iniciativa, elogiá-lo como **homem e atleta**. Foi o médico da seleção brasileira, Neylor Lasmar”* (Jornal dos Sports, 23/6/1986:13).

*“Em tarde de muito calor e jogo quente, Zico **estava frio** quando chutou o pênalti para a defesa de Bats”* (Jornal do Brasil, 22/6/1986:3).

“O ANTI-HERÓI ZICO

*Devemos respeitar o seu drama de uma pungência de tragédia grega. Ninguém fez mais, lutou mais para ser tetracampeão e o craque da Copa. Mas o **destino foi inexorável** na punição inexplicável. Zico despediu-se da Copa como o anti-herói na melancolia de uma classificação para a semifinal atirada pela janela por **um erro** que não costuma cometer”* (Jornal do Brasil, 22/6/1986:3).

As críticas possuem um status que não desclassificam o jogador Zico como homem. Em certos trechos, Zico é comparado aos heróis gregos que, por vezes, eram vítimas de poderes superiores.

A manchete do Jornal dos Sports ratifica a idéia de que, numa derrota, sempre procuramos um bode expiatório. *“Desolada a galera brasileira. Quem é o culpado?”* (Jornal dos Sports, 22/06/1986:1). O culpado ou os culpados segundo a população foram

Zico e Sócrates. O primeiro por ter perdido um pênalti durante a partida, e Sócrates por ter desperdiçado um pênalti na série após o tempo de jogo.

*“Galera bota culpa em Zico e Sócrates. Dentre os comentários, no entanto, um teve unanimidade: Zico e Sócrates foram os culpados diretos pela desclassificação. O primeiro por **desperdiçar** uma cobrança de pênalti quando o Brasil poderia passar a frente do marcador e garantir a vitória até por um placar tranquilo. O outro, porque **perdeu** a primeira penalidade máxima que decidia a sorte das duas seleções na Copa”* (Jornal dos Sports, 23/06/1986:12).

No entanto, as críticas, de modo algum, ofendem moralmente os atletas. A culpa da derrota acaba sendo colocada, na falta de sorte, no erro, na falha. “Estava escrito!”.

*“FIM DA LINHA. Fala-se que Deus é brasileiro. Está bem, mas a sorte é fundamental no esporte. A sorte que tivemos contra a Polônia, com aquele pênalti mal marcado, depois de levarmos duas bolas na trave, não tivemos ontem. **Outra falha: Zico não poderia ter batido aquele pênalti. É um superatleta, devemos reverenciá-lo. Mas estava frio no jogo e houve erro de comando aí também, em deixá-lo bater.** (...) Nossos jogadores não têm culpa de nada (...)*

*“Zico admite: cobrança **foi um erro**. Depois da derrota do Brasil, nos pênaltis, para a França, um dos jogadores mais abatidos era Zico. Na saída do vestiário, com uma fisionomia completamente transtornada, ele falou do lance que poderia ter dado ao Brasil a classificação para a semifinal: o pênalti que perdeu no segundo tempo. Ele chegou a confessar **que pode ter até errado em bater o pênalti; sem estar ainda quente no jogo: - Acho que foi a contingência.** Não há o que explicar. Bati como sempre bati e marquei. **Mas estava escrito.** O que eu posso fazer? Na hora, o Sócrates pediu para que eu batesse, mas talvez, **por estar frio, tenha sido um erro para a cobrança. Mas quando está escrito, não adianta.** O próprio Sócrates, batedor oficial do time, perdeu na decisão. Depois o Galinho falou sobre o jogo e a decepção por ter perdido, pela terceira vez a chance de ganhar uma Copa do Mundo, o único título que faltava em sua carreira: - O Brasil jogou sempre em função de ganhar o jogo. Foi o melhor e perdeu as melhores oportunidades. A França é uma das melhores equipes do mundo e soube jogar em função dos erros do Brasil. Mesmo assim conseguimos ser melhores em campo. Acho que depois das dificuldades que tivemos durante todo o período de preparação, fizemos tudo que pudemos. **Infelizmente perdemos nos pênaltis.**”* (Jornal dos Sports, 23/06/1986:10).

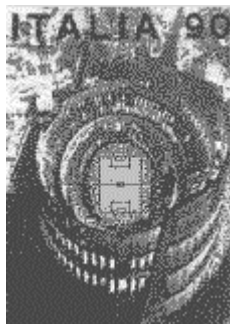
A culpa também é atribuída aos “Deuses do Futebol”

*“Belo futebol e muita emoção no adeus do Brasil à Copa. Brasil e França confirmaram, no Estádio Jalisco, as previsões dos profetas de todo o mundo: foi o mais belo jogo da Copa. **Mas os deuses do futebol resolveram desmentir as esperanças brasileiras, tão claramente sintetizadas pelo técnico Telê Santana na véspera: ‘Para vencer, é preciso ter sorte’. O Brasil perdeu para o azar.** No jogo, foram duas bolas na trave e um pênalti desperdiçado por Zico, o **supracraque** de uma geração que se despede dos Mundiais frustrada pelas derrotas na Argentina, na Espanha e agora no México – logo Zico, que nunca perde pênalti e encarou meses de torturante tratamento para jogar sua última Copa. Mas não foram de todo injustos os deuses, que dessa vez ungiram com a sorte o futebol que mais se assemelha e imita o estilo brasileiro. Se ontem jogaram com o cuidado e a reverência que os discípulos devem aos mestres, Platini, Tigana e companhia têm tudo para mostrar, nos dois jogos que lhes faltam, que continua vencedor o futebol-arte.”* (Jornal do Brasil, 22/06/1986:1, caderno de esportes).

*“É de se lamentar, sobretudo por Zico. O Galinho vai terminar sua carreira sem ter sido campeão do mundo. **Uma crueldade dos deuses dos estádios, que já ungiram inumeráveis cabeças de bagre e pernas de pau**”* (Ibidem, p. 3).

Todos temos ciência da importância do jogador Zico para o futebol brasileiro. Quando aqui procuro comparar as críticas que foram feitas a ele com as que foram feitas, principalmente, a Barbosa, de modo algum quero vitimizar Barbosa e excluir Zico do processo de vitimização feito pela mídia. O ponto é que Zico foi culpabilizado por ter perdido o pênalti decisivo. Entretanto, o tom das críticas não o humilham como homem. O que não aconteceu a Barbosa e posteriormente a Ronaldo.

A Copa de 1990



Mais uma vez o Brasil é derrotado e esta derrota é personificada pelo jogador Dunga. As críticas vão atacar o seu estilo de jogar.

*“Já era Dunga. Não deu certo a tentativa de esquematizar o futebol brasileiro, abrindo mão do talento natural e do improviso, em benefício de um padrão mais **rígido**, de marcação, ao estilo europeu, acabou na desclassificação (...) A Era Dunga não chegou (...) O proveito da derrota passa pela necessidade do reexame desses conceitos de **futebol-força**”* (O Dia, 25/6/1990:3).

Dunga é criticado por não apresentar o estilo do futebol brasileiro. Entretanto, as críticas prendem-se apenas ao seu desempenho como atleta. A crítica mais contundente refere-se ao estilo europeu adotado pelo treinador Lazaroni.

*“Seleção sem identidade. Nunca o futebol brasileiro esteve tão longe das suas raízes como esse agora da era Dunga e do lazaronês. Perdemos as Copas de 82 e 86 jogando com a mais pura alegria e caímos com a honra de sermos rotulados como os melhores do mundo. Fomos atrevidos, aceitamos o alto risco, pagamos por isso, mas ainda hoje, na imagem do torcedor, fica o prazer de ver um futebol de altíssimo nível. Jogar com firulas, jogar a bola debaixo da perna do adversário é uma faceta nossa, corre no nosso sangue e jamais vamos perder isso. Somos o País que fabricou Garrincha, Pelé e ainda uma brilhante geração de jogadores que perderam a Copa de 82 jogando um futebol refinado. Mas com coragem, ousadia e sobretudo com talento. Nunca procuramos fugir da nossa genuinidade. Jamais copiamos alguém. **Europeizar, por quê?** Libero não é*